

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto De Filosofia, Sociologia e Política
Curso de Bacharelado em Ciências Sociais



Trabalho de Conclusão de Curso

“Perondi não é político, ele é um empresário”:
uma análise do discurso eleitoral de Marciano Perondi nas eleições municipais de
2024 na cidade de Pelotas/RS

Thales Morbach Lange

Pelotas, 2026

Thales Morbach Lange

“Perondi não é político, ele é um empresário”:

uma análise do discurso eleitoral de Marciano Perondi nas eleições municipais de
2024 na cidade de Pelotas/RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da
Universidade Federal de Pelotas, como requisito
parcial à obtenção do título de bacharel em
Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Daniel de Mendonça

Pelotas, 2026

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

L269p Lange, Thales Morbach

“Perondi não é político, ele é um empresário” [recurso eletrônico] :
uma análise do discurso eleitoral de Marciano Perondi nas eleições
municipais de 2024 na cidade de Pelotas/RS

/ Thales Morbach Lange ; Daniel de Mendonça, orientadora. — Pelotas,
2026.

106 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Ciências Sociais,
Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de
Pelotas, 2026.

1. Análise de Discurso. 2. Hegemonia. 3. Eleições 2024. 4. Pelotas. 5.
Marciano Perondi. I. Mendonça, Daniel de, orient. II. Título.

CDD 300

Elaborada por Daiane de Almeida Schramm CRB: 10/1881

Thales Morbach Lange

“Perondi não é político, ele é um empresário”: uma análise do discurso eleitoral de Marciano Perondi nas eleições municipais de 2024 na cidade de Pelotas/RS

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 27/02/2026

Banca examinadora:

Prof. Dr. Daniel de Mendonça (Orientador)

Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Bianca de Freitas Linhares

Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Letícia Baron

Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal de Pelotas

À cidade de Pelotas, de cuja história e gente tanto recebi. Que este trabalho lhe devolva um reflexo sobre suas lutas, suas palavras e seu destino político, na esperança de que o conhecimento seja também, um gesto de cuidado.

Agradecimentos

Aos meus pais, Rudi e Lia, e à minha irmã, Alice, pelo alicerce de amor e incentivo que construíram minha trajetória. Esta conquista é, antes de tudo, de vocês, pois cada página escrita carrega o apoio incondicional que sempre me ofereceram para chegar até aqui.

À Camila, minha companheira, no sentido mais pleno da palavra. Obrigado por ser meu porto seguro, minha crítica mais aguçada e minha maior torcida. Esta jornada acadêmica, com todos seus altos e baixos inimagináveis, foi percorrida a seu lado, e isso fez toda a diferença.

À professora Maitê Lima, minha professora de sociologia no ensino médio, pelo incentivo decisivo que foi fundamental para minha escolha pelas Ciências Sociais. Sua paixão pela matéria e sua forma de ensinar não apenas me apresentaram a este campo, mas me levaram a querer fazer parte dele. Ver sua foto no quadro de formatura, todo dia no corredor do IFISP, era um lembrete poderoso do caminho que eu queria trilhar. Sua inspiração plantou a semente deste percurso, e por isso sou imensamente grato.

Ao meu orientador, professor Daniel de Mendonça, pela parceria intelectual e humana nestes anos de formação. Sua paixão contagiante pela Ciência Política inspirou não apenas minha trajetória acadêmica, mas minha forma de ver o mundo. Sou profundamente grato por ter me acolhido como orientando de iniciação científica e ter aberto portas para um universo de ideias que me transformou. Obrigado por acreditar no meu percurso.

À professora Bianca Linhares, pela oportunidade que mudou o rumo da minha graduação. Ao me acolher no Grupo de Pesquisa Ideologia e Análise de Discurso (IdAD) em outubro de 2022, ainda no primeiro semestre, você não só me iniciou na pesquisa, mas me ofereceu um espaço de pertencimento e troca. Sou imensamente grato por essa confiança inicial.

Aos meus queridos colegas e amigos do IdAD — Caio, Camila, Corina, Ian, Laura C., Laura M., Letícia, Lucas R., Lucas S., Paulo, Renata —, pelo companheirismo, pelos aprendizados coletivos, pelas trocas de experiências que me moldaram e, sobretudo, por todos os bons momentos de descontração que tornaram este caminho muito mais leve e feliz.

À Kerolin, amiga de todos os momentos desta formação. Desde os nervosismos de calouro até a satisfação da conclusão. Agradeço a amizade que começou antes da primeira aula e se mostrou inquebrável, pelas diferenças que nunca nos dividiram e por todos os risos e descobertas que compartilhamos. Nunca nos demos às costas, e isso diz tudo.

Ao professor Francisco Kieling, coordenador do curso de Ciências Sociais, por ser uma referência de dedicação. Agradeço pelas inúmeras trocas, pelo auxílio sempre pronto e pelos conselhos sábios que guiaram decisões importantes ao longo desta trajetória.

Ao Instituto de Filosofia, Sociologia e Política (IFISP), na pessoa de sua diretora, professora Elaine Leite, e de todo o corpo administrativo — Alexandro, André, Bruno, Gabriela, Nicholas e Rogeria. Meu agradecimento não é apenas pelos serviços prestados que permitiram o andamento da minha graduação, mas pelo carinho e pelo acolhimento humano que sempre demonstraram. As boas risadas compartilhadas durante meu período de BDU são memórias que levo comigo.

Ao professor Alvaro Barreto, pela ajuda preciosa com a bibliografia especializada sobre a história política de Pelotas e pelo generoso presente dos livros, que foram ferramentas fundamentais para a construção do capítulo 4 deste trabalho.

À professora Letícia Baron — que conheci no final de 2022, ainda como doutoranda do PPGCPol —, por toda a ajuda, pelas trocas intelectuais ricas e pelos conselhos certos que recebi em momentos cruciais. Obrigado também pelos bons momentos de conversa.

Ao Felipe Leal. Esta frase é breve, mas o sentimento, profundo: sem sua ajuda concreta e seu apoio, este trabalho não teria se concretizado. Muito obrigado.

A todos, o meu mais sincero e profundo obrigado.

Capaz, que o mundo um dia vá se acabar

Capaz, que a lua vá deixar de girar

Capaz, que até a luz do sol vá sumir

Capaz, que exista vida em outro lugar

Marcianos, gente verde, sei lá

Capaz

Eu nunca vi um disco voador.

(Kleiton & Kledir, "Capaz")

Resumo

LANGE, Thales Morbach. **“Perondi não é político, ele é um empresário”**: uma análise do discurso eleitoral de Marciano Perondi nas eleições municipais de 2024 na cidade de Pelotas/RS. Orientador: Daniel de Mendonça. 2026. 106f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2026.

O presente trabalho analisa a construção e a articulação discursiva que sustentaram a campanha eleitoral de Marciano Perondi (PL) à prefeitura de Pelotas em 2024, com base no referencial teórico de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. O trabalho parte da hipótese de que o expressivo desempenho do candidato foi produto de uma formação discursiva tendencialmente hegemônica, estruturada em três eixos: a construção de um antagonismo estratégico contra a “velha política”; a unificação de diversas demandas sociais insatisfeitas sob a lógica da “eficiência” e da “renovação”; e a apropriação seletiva e contextualizada de elementos do repertório bolsonarista. Para testar essa hipótese, o objetivo principal consistiu em compreender e mapear os elementos que estruturaram e como foram articulados no discurso eleitoral de Perondi. A metodologia combinou uma análise contextual da história política de Pelotas com a análise de discurso de um corpus empírico que incluiu propagandas eleitorais, debates, entrevistas e publicações em redes sociais e o plano de governo. A análise demonstra que o discurso de Perondi mobilizou uma cadeia de equivalências que vinculou demandas heterogêneas – como saúde, infraestrutura, emprego, educação e segurança – ao significante nodal e vazio “desenvolvimento”. Esse significante foi construído em oposição ao antagonista “velha política”, representado principalmente por PT e PSDB. A operacionalização dessa topologia discursiva deu-se pela posição do “empresário-gestor”, que legitimava a promessa de “desenvolvimento” através de propostas como “desburocratização”, “redução da máquina pública” e atração de “empresas”, configurando uma lógica coesa de “gestão eficiente”. Os resultados confirmam a hipótese inicial, evidenciando que o sucesso eleitoral de Perondi decorreu de uma estratégia discursiva tendencialmente hegemônica que articulou, de forma eficaz, um antagonismo claro, a unificação de demandas sob um significante vazio e a adaptação municipal de elementos do bolsonarismo. O trabalho contribui, assim, para a compreensão das estratégias contemporâneas da direita no Brasil e reafirma a potência analítica da teoria do discurso para os estudos políticos.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Hegemonia; Eleições 2024; Pelotas; Marciano Perondi.

Abstract

LANGE, Thales Morbach. **“Perondi is not a politician, he is an entrepreneur”**: an analysis of the electoral discourse of Marciano Perondi in the 2024 municipal elections in the city of Pelotas/RS. Advisor: Daniel de Mendonça. 2026. 106f. Undergraduate Thesis (Bachelor of Social Sciences) – Institute of Philosophy, Sociology and Politics, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2026.

The present study analyzes the construction and discursive articulation that supported Marciano Perondi's (Liberal Party - PL) electoral campaign for mayor of Pelotas in 2024, based on the theoretical framework of Ernesto Laclau and Chantal Mouffe. The research starts from the hypothesis that the candidate's significant performance was the product of a tendentially hegemonic discursive formation, structured around three axes: the construction of a strategic antagonism against “old politics”; the unification of various unsatisfied social demands under the logic of “efficiency” and “renewal”; and the selective and contextualized appropriation of elements from the Bolsonarist repertoire. To test this hypothesis, the main objective was to understand and map the elements that structured and how they were articulated in Perondi's electoral discourse. The methodology combined a contextual analysis of Pelotas' political history with discourse analysis of an empirical corpus that included campaign ads, debates, interviews, social media posts, and the government plan. The analysis demonstrates that Perondi's discourse mobilized a chain of equivalences that linked heterogeneous demands – such as health, infrastructure, employment, education, and security – to the nodal and empty signifier “development.” This signifier was constructed in opposition to the antagonist “old politics,” represented mainly by the PT (Workers' Party) and PSDB (Brazilian Social Democracy Party). The operationalization of this discursive topology was achieved through the position of the “entrepreneur-manager,” which legitimized the promise of “development” through proposals such as “debureaucratization,” “reduction of the public sector,” and attraction of “companies,” configuring a cohesive logic of “efficient management.” The results confirm the initial hypothesis, showing that Perondi's electoral success stemmed from a hegemonic discursive strategy that effectively articulated a clear antagonism, the unification of demands under an empty signifier, and the municipal adaptation of Bolsonarist elements. Thus, this work contributes to the understanding of contemporary right-wing strategies in Brazil and reaffirms the analytical power of discourse theory for political studies.

Keywords: Discourse Analysis; Hegemony; 2024 Elections; Pelotas; Marciano Perondi.

Lista de figuras

Figura 1 – Gráfico do tempo de TV e rádio (HGPE) dos candidatos a prefeito de Pelotas em 2024 (1º turno).....	48
Figura 2 – Diagrama da cadeia de equivalências do discurso eleitoral de Marciano Perondi.....	55
Figura 3 – Nuvem de palavras dos termos de maior ocorrência no nó “Antagonismo”	59
Figura 4 – Árvore de palavras das conexões de sentido que o termo “velha política” estabelece com as codificações do nó “Antagonismo”.....	59
Figura 5 – Nuvem de palavras dos termos de maior ocorrência no nó “Sujeito Perondi”	62
Figura 6 – Árvore de palavras das conexões de sentido que o termo “eu sou” estabelece com as codificações do nó “Sujeito Perondi”	63
Figura 7 – Nuvem de palavras dos termos de maior ocorrência no nó “Desenvolvimento”	65
Figura 8 – Nuvem de palavras dos termos de maior ocorrência no nó “Saúde”.....	69
Figura 9 – Nuvem de palavras dos termos de maior ocorrência no nó “Infraestrutura”	71
Figura 10 – Nuvem de palavras dos termos de maior ocorrência no nó “Emprego” ..	73
Figura 11 – Nuvem de palavras dos termos de maior ocorrência no nó “Educação” ..	75
Figura 12 – Nuvem de palavras dos termos de maior ocorrência no nó “Segurança”	78
Figura 13 – Comparativo das nuvens de palavras do nó antagonismo no 1º e no 2º turno	80

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Materiais que compõem o universo empírico da pesquisa	30
Tabela 2 – Resultados da eleição municipal de 2024 em Pelotas.....	42
Tabela 3 – Resultados das Pesquisas Eleitorais para a Prefeitura de Pelotas em 2024 (1º Turno)	47
Tabela 4 – Resultados das Pesquisas Eleitorais para a Prefeitura de Pelotas em 2024 (2º Turno)	49
Tabela 5 – Nós e Subnós analíticos criados e operacionalizados no <i>NVivo</i>	58

Lista de quadros

Quadro 1 – Colocação dos partidos com candidatura própria à Prefeitura de Pelotas (1982-2024).....	36
Quadro 2 – Prefeito(a) e vice-prefeito(a) eleitos(as), e partido pelo qual concorreram (Pelotas, 1982-2024).....	37

Lista de abreviaturas e siglas

ARENA	Aliança Renovadora Nacional
DC	Democracia Cristã
DEM	Democratas
GP IdAD	Grupo de Pesquisa Ideologia e Análise de Discurso
IA	Inteligência Artificial
MDB	Movimento Democrático Brasileiro (antigo PMDB)
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PCO	Partido da Causa Operária
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PEN	Partido Ecológico Nacional (atual Patriota)
PL	Partido Liberal
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro (atual MDB)
PMN	Partido da Mobilização Nacional
PODE	Podemos
PP	Partido Progressista
PPB	Partido Progressista Brasileiro (atual PP)
PPS	Partido Popular Socialista (atual Cidadania)
PR	Partido da República
PRB	Partido Republicano Brasileiro
PROS	Partido Republicano da Ordem Social
PRTB	Partido Renovador Trabalhista Brasileiro
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSC	Partido Social Cristão
PSD	Partido Social Democrático
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSL	Partido Social Liberal
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PST	Partido Social Trabalhista

PT	Partido dos Trabalhadores
PT do B	Partido Trabalhista do Brasil (atual Avante)
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PTC	Partido Trabalhista Cristão
PTR	Partido Trabalhista Renovador
PV	Partido Verde
TRE-RS	Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul
TSE	Tribunal Superior Eleitoral
UFPel	Universidade Federal de Pelotas

Sumário

1 Introdução	15
2 A teoria do discurso de Laclau e Mouffe como ferramenta para a análise política	19
2.1 As bases epistemológicas: pós-marxismo, pós-estruturalismo e pós-fundacionalismo	19
2.2 O discurso como terreno primário da constituição do social	22
2.3 Eixos analíticos fundamentais: articulação, hegemonia e antagonismo	24
3 Caminhos metodológicos: da teoria à análise	28
3.1 A abordagem qualitativa e o método da análise de discurso	28
3.2 Recorte empírico e coleta de dados	29
3.3 Operacionalização da pesquisa	32
4 A configuração do campo político em Pelotas: da redemocratização à crise da hegemonia tucana	35
4.1 A lógica antimajoritária e a instabilidade inicial (1976–1992)	37
4.2 A disputa pela hegemonia: PMDB, PP e a ascensão petista (1996–2008)	40
4.3 O longo ciclo tucano: consolidação e predominância (2012–2020)	41
4.4 A ruptura de 2024 e o colapso das expectativas	42
5 A conjuntura eleitoral de 2024: o cenário e as condições de possibilidade da irrupção de Perondi	44
5.1 O eleitorado, o contexto nacional e a realidade local	44
5.2 O segundo turno: reconfiguração de forças e a abertura da contingência	49
6 O discurso eleitoral de Marciano Perondi em 2024	53
6.1 “Desenvolvimento, desenvolvimento, desenvolvimento”	53
6.1.1 Mapeamento dos nós discursivos	57
6.1.1.1 Antagonismo: a velha política	58
6.1.1.2 A posição discursiva do sujeito: o empresário-gestor	62
6.1.1.3 Desenvolvimento	65

6.1.1.4 As demandas específicas	69
6.2 Do presente ao passado: a reconfiguração estratégica do antagonismo.....	80
6.3 A “gestão eficiente” como motor do desenvolvimento	83
6.4 Entre a aproximação e o distanciamento: a apropriação estratégica do bolsonarismo	87
7 Considerações finais	91
Referências	94
Apêndices	101

1 Introdução

O município de Pelotas, quarto maior colégio eleitoral do Rio Grande do Sul, com mais de 248 mil eleitores e polo da Zona Sul do estado, é o berço eleitoral do atual governador, Eduardo Leite (PSD). A literatura especializada (Barreto, 2014b) aponta que seu eleitorado é marcado por um forte “caráter contramajoritário”, uma tendência histórica de punir os grupos no poder, o que torna a estabilidade uma exceção e a alternância uma regra. Nesse contexto, a hegemonia tucana, iniciada em 2013 com Eduardo Leite (então pelo PSDB¹) e continuada por sua vice, Paula Mascarenhas (2017-2024), representa um dos mais longos e estáveis ciclos de poder da história recente da cidade, desafiando essa lógica de insatisfação permanente. É nesse cenário de aparente consolidação, mas sobre o qual pairava a sombra da tradição “antimajoritária”, que as eleições municipais de 2024 se desenrolaram. A disputa contava com seis candidatos, mas o embate principal seria entre Fernando Marroni (PT), um político de carreira e ex-prefeito, e Fernando Estima (PSDB), o candidato da base governista que buscava a continuidade. Os demais postulantes eram figuras com trajetórias consolidadas no município, como Irajá Rodrigues (MDB), Reginaldo Bacci (PDT) e João Bourscheid (PCO). Em um distante terceiro lugar nas pesquisas, figurava Marciano Perondi (PL), um empresário até então desconhecido, novato na política e recém-chegado à cidade, cujo partido, o PL, nunca havia disputado com candidato próprio em Pelotas.

No entanto, o resultado do primeiro turno subverteu todas as expectativas². Enquanto as pesquisas apontavam uma disputa entre Marroni e Estima, com Perondi

¹ Eduardo Leite anunciou sua desfiliação do PSDB em 8 de maio de 2025 e oficializou sua filiação no PSD um dia depois, em 9 de maio de 2025 (Foster, 2025).

² O cenário político às vésperas da campanha eleitoral de 2024 passou por rearranjos em diferentes partidos. Pelo PSDB, o nome cotado durante o período pré-eleitoral era o deputado federal Daniel Trzeciak, mencionado como favorito à sucessão de Paula Mascarenhas em matéria do jornal *Zero Hora* de setembro de 2023 (Rollsing; Ternus, 2023). No entanto, em 12 de junho de 2024, Trzeciak anunciou sua desistência da candidatura, optando por permanecer no mandato federal. Com isso, o partido lançou Fernando Estima, gerente de Planejamento e Desenvolvimento da Portos-RS, como candidato (Garcia, 2024).

Pelo PT, o cenário foi mais estável: o ex-prefeito Fernando Marroni, que deixou a presidência da Trensurb para concorrer, foi confirmado como candidato, conforme já era projetado desde 2023 (Rollsing; Ternus, 2023).

Pelo PL, a mesma matéria de setembro de 2023 indicava que o partido buscava um nome para representar o bolsonarismo na disputa, com especulações sobre o ex-prefeito Anselmo Rodrigues (então no PDT) ou sua filha, Adriane Rodrigues. Não havia qualquer menção a Marciano Perondi (Rollsing; Ternus, 2023). A pré-candidatura de Perondi foi lançada em 11 de junho de 2024, durante um

em um distante terceiro lugar, a urna revelou uma realidade distinta. Marciano Perondi obteve 31,67% dos votos válidos, superando o candidato da hegemonia tucana e garantindo uma vaga no segundo turno. O feito de um empresário sem experiência política, que morava na cidade há menos de dois anos, quebrar a dinâmica política tradicional já era, por si só, um fenômeno notável.

A surpresa se intensificou no segundo turno. A disputa tornou-se o segundo turno mais acirrado da cidade desde a redemocratização, com o resultado decidido por uma margem ínfima. Fernando Marroni (PT) venceu com 50,36% dos votos, contra 49,64% de Marciano Perondi (PL). A diferença foi de apenas 1.263 votos, ou 0,72%, um número que evidencia a capacidade de Perondi de transitar entre diferentes eleitorados e de construir uma base de apoio sólida em tempo recorde. Mesmo derrotado, seu desempenho foi disruptivo: ele não apenas quase chegou ao poder, mas fragmentou a hegemonia dos partidos tradicionais do município e reconfigurou o mapa político local.

O feito de um candidato tão atípico quebrar a dinâmica política tradicional sugere que a chave para compreender esse fenômeno não reside em estruturas políticas de longo prazo ou fatores biográficos, mas sim na força e na eficácia de seu discurso eleitoral. Este trabalho parte da premissa de que foi através de uma estratégia discursiva bem-sucedida que Perondi conseguiu construir uma identidade política atraente e fragmentar a hegemonia dos partidos tradicionais.

Partindo dessa premissa, o presente trabalho se dedica a analisar o discurso eleitoral de Marciano Perondi. A pergunta de pesquisa que guia este estudo é: Quais os elementos estruturantes e como eles foram articulados na construção do discurso da campanha eleitoral de Marciano Perondi nas eleições para a prefeitura de Pelotas em 2024? Para responder a essa questão, propõe-se o objetivo geral de compreender e mapear quais elementos estruturaram e como eles foram articulados na construção do discurso eleitoral de Marciano Perondi (PL) no pleito municipal da cidade de Pelotas em 2024 através das lentes da teoria do discurso de Laclau e Mouffe.

jantar, com estímulo do então prefeito de Bagé, Divaldo Lara, e da deputada estadual Adriana Lara. Em 26 de junho, Perondi reuniu-se com o deputado federal Zucco e com o ex-presidente Jair Bolsonaro, que referendaram sua pré-candidatura (Pelotas 13 Horas, 2024a). A indicação foi formalizada por Porto Alegre, uma vez que o PL em Pelotas possuía apenas comissão provisória. A candidatura de Perondi foi referendada em convenção no dia 3 de agosto, por meio de intervenção da direção nacional do PL na comissão provisória do partido em Pelotas, preterindo a pré-candidatura de Adriane Rodrigues, que foi então convidada para compor a chapa como vice (Pelotas 13 Horas, 2024b).

A hipótese central que guia esta investigação é a de que a campanha de Perondi alcançou seu expressivo desempenho ao construir uma formação discursiva que articulou três elementos centrais: (i) um antagonismo estratégico contra a “velha política”; (ii) a unificação de diversas demandas sociais insatisfeitas em torno de uma lógica de “eficiência” e “renovação”; e (iii) a apropriação seletiva de elementos do repertório bolsonarista, adaptados ao contexto municipal. Para testar essa hipótese geral, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- i) Analisar a reconfiguração estratégica do antagonismo na campanha de Perondi, comparando a construção do “outro” discursivo no primeiro turno com sua rearticulação no segundo turno;
- ii) Investigar quais os mecanismos que conferiram coesão interna do discurso, articulando os meios para atingir a hegemonia;
- iii) Verificar se o discurso de Perondi se alinha ao discurso bolsonarista tradicional.

Para realizar essa análise de forma aprofundada, é fundamental dispor de um arcabouço teórico que seja capaz de dar conta da complexidade do fenômeno. O aporte teórico-metodológico que guiará esta pesquisa está amparado na teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2015). Essa perspectiva é particularmente adequada, pois propõe que o social deve ser interpretado a partir da lógica do discurso, entendido como uma prática material e simbólica que busca fixar sentidos e se tornar hegemônica em meio à contingência. É com base nesses conceitos — articulação, hegemonia, antagonismo e posições de sujeito — que a análise dos dados empíricos será conduzida.

A relevância desta pesquisa reside tanto em sua contribuição empírica quanto teórica. Do ponto de vista empírico, ela oferece um estudo de caso aprofundado sobre um fenômeno político crescente no Brasil: a ascensão de candidatos que constroem uma identidade externa ao sistema político, mobilizando retóricas antissistema e de renovação para desafiar estruturas de poder consolidadas. Analisar como um candidato sem capital político tradicional quase vence em uma cidade como Pelotas lança luz sobre as novas dinâmicas eleitorais contemporâneas no âmbito municipal. No campo teórico, o trabalho contribui ao aplicar as ferramentas analíticas da teoria do discurso de Laclau e Mouffe a um objeto contemporâneo, demonstrando sua pertinência para decifrar a construção de identidades políticas e a formação de hegemonias. Ao compreender os mecanismos discursivos que levaram Perondi ao

quase êxito, este trabalho não apenas explica um fato específico, mas também oferece ferramentas para analisar a reconfiguração da competição política no Brasil atual.

Para alcançar os objetivos propostos, o trabalho está estruturado de forma a construir progressivamente seu argumento. O capítulo 2 apresenta o referencial teórico de Laclau e Mouffe, fornecendo as ferramentas conceituais para a análise; o capítulo 3 detalha os caminhos metodológicos adotados, explicando como a teoria será operacionalizada sobre o corpus empírico; o capítulo 4 contextualiza a história política de Pelotas, estabelecendo o campo de forças de longo prazo — e os partidos tradicionais do sistema político pelotense — no qual a eleição de 2024 se insere; o capítulo 5 descreve a conjuntura específica das eleições de 2024, focando nos eventos contingentes que moldaram o pleito; e finalmente, o capítulo 6 apresenta a análise do discurso de Marciano Perondi, onde os elementos teóricos e contextuais são sintetizados para responder à pergunta de pesquisa, seguido pelas considerações finais.

2 A teoria do discurso de Laclau e Mouffe como ferramenta para a análise política

Para decifrar a lógica por trás de um fenômeno político como a campanha de Marciano Perondi, não basta apenas ouvir o que foi dito; é preciso compreender como o discurso político funciona para construir realidades e formar identidades. A teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe oferece, para esse fim, um poderoso conjunto de ferramentas analíticas, ao conceber a política como uma luta permanente pela fixação de sentidos em um campo social aberto e contingente. Este capítulo tem, portanto, o objetivo de apresentar o arcabouço teórico-metodológico que sustentará esta análise. A exposição seguirá um percurso lógico: partiremos das bases epistemológicas que fundamentam o pensamento dos autores, para então definir o discurso como o terreno primário da constituição do social. Em seguida, detalharemos os conceitos-chave que guiarão a análise — articulação, hegemonia, antagonismo e a noção de sujeito como posição discursiva —, demonstrando como eles se conectam para formar uma abordagem robusta para o estudo do discurso político contemporâneo.

2.1 As bases epistemológicas: pós-marxismo, pós-estruturalismo e pós-fundacionalismo

Ernesto Laclau seguramente pode ser considerado um dos intelectuais de maior destaque a partir da segunda metade do século XX até o início do século XXI, e seu legado teórico para as ciências humanas é inegável.

Diversos autores interpretam o pensamento laclauniano em três momentos. O primeiro momento é caracterizado por um forte viés marxista que está diretamente ligado à sua experiência dentro do Partido Socialista Argentino. A obra *Politics and Ideology in Marxist Theory*, publicada em 1977, é a característica principal deste momento do pensamento laclauniano. Nela, o autor realiza uma problematização acerca dos principais motivos que teriam levado ao colapso do socialismo e da classe operária, ao mesmo tempo em que questionava sua possível recuperação (Silva et al., 2017, p. 15).

Já o segundo momento do pensamento laclauiano tem início a partir da década de 1980, com o lançamento da obra *Hegemony and Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics*, publicada em 1985³, em parceria com Chantal Mouffe — a obra basilar que os tornaria internacionalmente conhecidos. No livro, os autores realizam uma reflexão acerca da tradição marxista, principalmente acerca dos pensamentos de Antonio Gramsci e Louis Althusser, a partir da qual, tecem uma crítica ao determinismo econômico e o essencialismo que o caracterizam (Silva *et al.*, 2017, p. 16). Laclau e Mouffe defendem que

o caráter plural e multifacetado das lutas sociais contemporâneas finalmente dissolveu o último fundamento deste imaginário político. Povoado de sujeitos “universais” e construído conceitualmente em torno na História, no singular, esse imaginário concebia a “sociedade” como uma estrutura inteligível, passível de ser intelectualmente controlada a partir de certas posições de classe, e reconstituída, como ordem racional e transparente, por meio de um ato fundante de natureza política (Laclau; Mouffe, 2015, p. 52, aspas do original).

A partir disso, os autores argumentam que o arcabouço teórico marxista já não é mais capaz de sustentar uma compreensão das relações sociais contemporâneas. Segundo eles:

Muitos antagonismos sociais, muitas questões cruciais à compreensão das sociedades contemporâneas pertencem a campos de discursividade *externos* ao marxismo, e não podem ser reconceitualizados em termos das categorias marxistas — devido, especialmente ao fato de que sua própria presença, é que põem em questão o marxismo como sistema teórico fechado, e leva à postulação de novos pontos de partida para a análise social (Laclau; Mouffe, 2015, p. 36, grifos do original).

Desse modo, o que Laclau e Mouffe propõem é uma releitura da teoria marxista à luz dos problemas contemporâneos, o que implica a necessidade de desconstruir as categorias centrais do marxismo. Esse movimento de releitura e desconstrução da teoria marxista veio a caracterizar o seu trabalho como “pós-marxista”. Os autores ressaltam, contudo, que isso não significa uma oposição ao marxismo, mas sim o processo de reapropriação de sua tradição intelectual e como processo de ir além dela (Laclau; Mouffe, 2015, p. 36). A partir disso e em contrapartida à abordagem determinista e essencialista do marxismo clássico, Laclau e Mouffe desenvolvem uma

³ No Brasil, o livro foi publicado em 2015, 30 anos depois, sob o título *Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical*.

abordagem fundada no privilégio do momento da *articulação* política, na qual a *hegemonia* torna-se a categoria central de análise. Nessa perspectiva, o momento político na estruturação da sociedade constitui-se um aspecto essencial de sua abordagem inovadora de matriz epistemológica pós-estruturalista (Silva *et al.*, 2017, p. 16; Laclau; Mouffe, 2015, p. 37-39)

O terceiro momento do pensamento laclauniano, por sua vez, pode ser caracterizado a partir da publicação de *Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo* (2000)⁴, seguido de obras como *Contingencia, hegemonía, universalidad* (2003)⁵, publicada em colaboração com Judith Butler e Slavoj Žižek, *Lá razón populista* (2005)⁶, entre outras obras, que consistem, na verdade, numa revisão e maturação das ideias apresentadas em *Hegemonia e Estratégia Socialista*. Dessa forma, o pensamento laclauniano aprofunda sua abordagem pós-estruturalista, de modo a desenvolver um diálogo com a filosofia da desconstrução de Jacques Derrida e com a psicanálise de Jacques Lacan (Silva *et al.*, 2017, p. 16).

Tendo posto tudo isso, falta agora entendermos a matriz epistemológica sob a qual está ancorada o pensamento laclauniano: o pós-estruturalismo. Podemos compreender o pós-estruturalismo como uma corrente de pensamento que emerge da crítica que nasce a partir do próprio estruturalismo. Entre os principais intelectuais responsáveis por tal crítica estão Derrida, Kristeva, Foucault, Lyotard, entre outros, a partir do final da década de 1960. A crítica parte da reflexão sobre

a forma transcendental pela qual os estruturalistas – assim como a tradição teórica moderna – abordavam a realidade, como se esta possuísse um núcleo metafísico, uma *proto arché*, uma essência, enfim, um fundamento *a priori*. Este fundamento, ao longo da história, foi designado de diversas formas: sujeito, razão, verdade, estrutura, essência, etc. A crítica pós-estruturalista defende que tais fundamentos não possuem nenhuma dimensão ontológica; antes disso, trata-se de construções históricas, contingentes e discursivas (Silva *et al.*, 2017, p. 16).

A partir desse princípio, a matriz epistemológica do pós-estruturalismo consiste na “desconstrução” dos fundamentos nos quais a tradição moderna se ergueu, dito de outra forma, passou a considerar o caráter contingente, precário e discursivo de tais fundamentos. Em consequência dessa nova abordagem metodológica

⁴ Publicado originalmente em inglês sob o título *New Reflections on the Revolution of Our Time*, em 1990.

⁵ Publicado originalmente em inglês sob o título *Contingency, Hegemony, Universality*, em 2000.

⁶ Publicado originalmente em inglês sob o título *On Populist Reason*, em 2005.

“desconstrutivista”, “surge uma forma de cosmovisão de mundo, a qual tem sido denominada como *pós-fundacionalismo*” (Silva *et al.*, 2017, p. 16).

O pós-fundacionalismo, por sua vez, pode ser compreendido como “um constante questionamento acerca das figuras metafísicas fundacionais, tais como a totalidade, a universalidade, a essência e o fundamento” (Marchart, 2009, p. 14, tradução minha)⁷. Esta abordagem, portanto, coloca-se de forma contrária a um fundamento em última instância, e parte do pressuposto de que todo o fundamento, seja ele político, filosófico, epistemológico, etc. é uma construção social, discursiva, e, portanto, contingente.

Em suma, ressaltamos que o núcleo do pensamento laclauniano — e das perspectivas analíticas que dele derivam — repousa sobre o pressuposto epistemológico de que toda ordem, estrutura ou discurso é contingente, de modo que nada está dado *a priori*.

2.2 O discurso como terreno primário da constituição do social

Partindo do pressuposto pós-fundacional de que não há fundamentos últimos, a pergunta que se coloca é: como, então, a ordem social se constitui? Para Laclau e Mouffe, a resposta é o *discurso*. Partindo deste princípio, é fundamental desfazer aqui o senso comum de que discurso é apenas fala ou escrita.

A tese central dos autores é que todo objeto é constituído como objeto de discurso, uma vez que nenhum objeto é dado fora de condições discursivas de emergência (Laclau; Mouffe, 2015, p. 180). Essa afirmação não implica uma negação do mundo material ou uma adesão ao idealismo. Como os próprios autores esclarecem:

O fato de que todo objeto é constituído como objeto de discurso não tem nada a ver com a existência de um mundo externo ao pensamento, nem com a oposição realismo/idealismo. Um terremoto ou a queda de um tijolo é um evento que certamente existe, no sentido de que ocorre aqui e agora, independente da minha vontade. Mas, se sua especificidade como objetos será constituída seja em termos de um “fenômeno natural” ou como “expressão da ira de Deus”, vai depender da estruturação de um campo discursivo. O que se nega não é que tais objetos existam externamente ao pensamento, mas antes a afirmação bastante diferente de que eles próprios

⁷ No original: una constante interrogación por las figuras metafísicas fundacionales, tales como la totalidad, la universalidad, la esencia y el fundamento (Marchart, 2009, p. 14).

possam se constituir como objetos fora de qualquer condição discursiva de emergência (Laclau; Mouffe, 2015, p. 181, aspas do original).

Nesse contexto, nada existe “fora” do discurso. A “economia”, a “classe operária”, “o empresário” ou “a crise” não são entidades com uma essência prévia e independente, mas sim objetos cujo significado é discursivamente construído.

Laclau defende que

o discurso constitui o terreno primário de constituição da objetividade como tal. Por discurso não entendemos algo como essencialmente restrito às áreas de fala e escrita, [...] mas um complexo de elementos no qual as relações desempenham um papel constitutivo. Isso significa que esses elementos não são preexistentes ao complexo relacional, mas que se constituem através dele (Laclau, 2005, p. 92, tradução minha)⁸.

O autor oferece um exemplo claro para ilustrar essa ideia:

Voltando agora ao termo 'discurso', usamos para sublinhar o fato de que toda configuração social é uma configuração significativa. Se eu chutar um objeto esférico na rua ou se eu chutar uma bola em uma partida de futebol, o fato físico é o mesmo, mas seu significado é diferente. O objeto é uma bola de futebol apenas na medida em que ele estabelece um sistema de relações com outros objetos, e essas relações não são dadas pela mera referência material dos objetos, mas são, pelo contrário, socialmente construídas (Laclau, 2000, p. 114, tradução minha)⁹.

É precisamente por isso que o campo social — ou aquilo que comumente chamamos de “sociedade” — não é, e nunca foi, uma totalidade plenamente constituída. A lógica relacional que o permeia será sempre incompleta e penetrada pela contingência. E é aqui, neste terreno onde não é possível haver nem uma interioridade total nem uma exterioridade total, onde o social se constitui (Laclau; Mouffe, 2015, p. 185).

⁸ No original: El discurso constituye el terreno primario de constitución de la objetividad como tal. Como discurso no entendemos algo esencialmente restringido a las áreas del habla y la escritura, como hemos aclarado varias veces, sino un complejo de elementos en el cual las relaciones juegan un rol constitutivo. Esto significa que esos elementos no son preexistentes al complejo relacional, sino que constituyen a través de él (Laclau, 2005, p. 92).

⁹ No original: Volviendo ahora al término “discurso”, lo usamos para subrayar el hecho de que toda configuración social es una configuración significativa. Si pateo un objeto esférico en la calle o si pateo una pelota en un partido de fútbol, el hecho físico es el mismo, pero su significado es diferente. El objeto es una pelota de fútbol sólo en la medida en que él establece un sistema de relaciones con otros objetos, y estas relaciones no están dadas por la mera referencia material de los objetos sino que son por el contrario, socialmente construidas (Laclau, 2000, p. 114).

2.3 Eixos analíticos fundamentais: articulação, hegemonia e antagonismo

Se o campo social é aberto e contingente, como qualquer ordem ou significado se estabelece, ainda que de forma precária? É aqui que entra o conceito de hegemonia e, conseqüentemente, a proposta de uma “análise do discurso” feita pelos próprios autores. Conforme Lopes, Mendonça e Burity (2015, p. 16), Laclau e Mouffe propõem uma “análise do discurso” enquanto “análise das condições de fixação de um discurso concreto (isto é, de um complexo articulado de elementos simbólicos e práticos) num contexto de múltiplas possibilidades”.

A proposta analítica, portanto, se constitui em

uma análise de como práticas se tornam simbólica e materialmente hegemônicas, autoevidentes, vinculantes. Relações adversariais e antagonísticas são matérias permanentes do fazer social. Nisso se manifesta o *político*, mais do que em qualquer lugar numa topografia ontológica ou historicamente fixa do social (Lopes; Mendonça; Burity, 2015, p. 16, grifos do original).

Dessa forma, a análise não busca uma “essência” escondida, mas sim compreender o processo político pelo qual certas articulações conseguem fixar o sentido e se apresentar como a única realidade possível, mesmo que de forma temporária e contingente. E para isso, mobilizamos um conjunto de conceitos-chave que funcionam como ferramentas analíticas.

Para entender como os discursos se constroem e ganham forma, recorreremos ao conceito fundamental de *articulação*. Conforme definido por Laclau e Mouffe (2015, p. 178), a articulação é “qualquer prática que configure uma relação entre elementos de tal maneira que a sua identidade seja modificada como resultado da própria articulação”.

Isso significa que a articulação é o ato político por excelência: o trabalho de “costurar” elementos díspares – como palavras, ideias, símbolos e práticas – dando-lhes um novo sentido em conjunto. Elementos que antes eram isolados passam a compor uma totalidade estruturada, uma formação discursiva. Por exemplo, ao articular os termos “segurança”, “emprego” e “ordem” ao significante “gestão eficiente”, um discurso político modifica a identidade desses elementos. Eles deixam de ser demandas vagas e passam a ser parte de um projeto coerente e inteligível — ainda que de forma contingente e precária.

Um exemplo paradigmático desse processo de costura de elementos díspares na história brasileira é a campanha das “Diretas Já” em 1984. Sob um único slogan, diversas entidades da sociedade civil — como sindicatos, movimentos estudantis, grupos feministas e associações de moradores — conseguiram articular suas demandas específicas (como reforma agrária, democratização das universidades, direitos civis das mulheres) a um objetivo comum: a retomada da democracia. O que se viu não foi apenas uma luta por eleições diretas, mas a construção de um movimento onde o significante “Diretas Já” funcionou como um ponto de agregação. Ele tornou-se a “senha” que condensava uma multiplicidade de reivindicações isoladas em uma força política unificada, capaz de confrontar o regime autoritário. Ao se articularem em torno desse núcleo, diferentes identidades e demandas passaram a compor uma totalidade discursiva coerente, transformando reivindicações pontuais em uma luta hegemônica pela mudança de regime (Mendonça, 2009, p. 164–165).

No entanto, se o campo social é composto por múltiplas articulações possíveis, como uma delas se torna dominante? A resposta está nos conceitos de hegemonia e antagonismo.

A hegemonia é, simplesmente, um *tipo de relação* política, um processo pelo qual uma determinada articulação consegue fixar um sentido de forma mais ampla, apresentando-se como a única realidade possível dentro de uma determinada formação social (Laclau; Mouffe, 2015, p. 219). Uma relação pela qual um determinado conteúdo assume, em determinado contexto, a função de encarnar uma plenitude ausente (Laclau, 2002, p. 122).

Esse processo de construção hegemônica, por sua vez, depende fundamentalmente da criação de uma fronteira discursiva. Para que uma identidade “nós” se constitua de forma forte, ela precisa definir o que ela não é, estabelecendo uma oposição a um “eles” antagônico. Segundo Laclau e Mouffe (2015, p. 203):

O antagonismo, como testemunha da impossibilidade de uma sutura final, é a “experiência” do limite do social. Rigorosamente falando, os antagonismos não são *internos*, mas *externos* à sociedade; ou melhor, eles constituem os limites da sociedade, a impossibilidade última desta última se constituir plenamente.

Nesse sentido, o antagonismo não é uma mera diferença de opinião, mas a negação da identidade do outro, que é visto como uma ameaça. É essa ameaça que torna a identidade “nós” coesa e necessária. A lógica hegemônica funciona, por

exemplo, ao delimitar um “nós, os agentes da mudança” em oposição a um “eles, a velha política corrupta e ineficiente”.

A partir disso, essa luta hegemônica é travada através de duas operações lógicas principais: a criação de pontos nodais e a construção de cadeias de equivalência.

Um ponto nodal (ou nó) é um ponto discursivo privilegiado que, sendo tendencialmente vazio, consegue condensar e fixar parcialmente o sentido de uma cadeia de outros significantes. Na medida em que “qualquer discurso se constitui como tentativa de dominar o campo da discursividade, de deter o fluxo das diferenças, de construir um centro” (Laclau; Mouffe, 2015, p. 187), ele funciona como um centro organizador que unifica o discurso.

Uma cadeia de equivalências, por sua vez, é um processo pelo qual diferentes demandas particulares dispersas no social – como a necessidade de mais saúde, melhor educação ou mais segurança, por exemplo – são articuladas como equivalentes entre si. Isso ocorre em oposição a um antagonismo comum. Todas essas demandas passam a ser vistas como manifestações de um mesmo problema fundamental (por exemplo, a “velha política corrupta e ineficiente”) e, portanto, podem ser “resolvidas” pela mesma solução proposta pelo ponto nodal (o “combate à corrupção”) (Laclau, 2003).

É fundamental compreender que, nesse movimento de equivalência, o ponto nodal assume uma condição de vazio, tornando-se o reverso positivo de uma situação de negatividade social. Laclau esclarece essa dinâmica:

Por exemplo, em uma sociedade que passa por uma profunda desorganização social, a “ordem” pode ser vista como o reverso positivo de uma situação de anomia generalizada. A situação inicial à qual a “ordem” se opõe é a experiência da carência, da finitude e da factualidade. Pois bem, uma vez que essa experiência ocorre em diferentes pontos do tecido social, todos eles são vividos como equivalentes uns aos outros, uma vez que — além de suas diferenças — todos eles apontam para uma situação semelhante de deslocamento e desestruturação. Dessa forma, a plenitude, como reverso positivo dessa situação de falta constitutiva, é o que trará à comunidade sua identidade ausente. Aqui, no entanto, surge uma segunda dimensão. Sabemos que uma relação de equivalência enfraquece o sentido diferencial: se devemos nos concentrar naquilo que todas as diferenças têm em comum (que é aquilo a que a equivalência aponta), devemos nos dirigir na direção “mais além” de todas as diferenças, que tenderá a ser o vazio. A “ordem” não pode ter um conteúdo particular, uma vez que é o mero reverso

de todas as situações vividas como “desorden” (Laclau, 2002, p. 122–123, tradução minha)¹⁰.

Se compreendemos que o social se organiza a partir desses significantes vazios e cadeias de equivalência, é fundamental questionar a natureza daquele que ocupa essas posições. Um dos deslocamentos mais fundamentais propostos pela teoria do discurso é a forma como concebe o *sujeito*. Em contraste com as tradições que veem o sujeito como uma origem consciente e intencional da ação social, Laclau e Mouffe argumentam que o sujeito é, ele próprio, um efeito do discurso. Conforme os autores, a categoria “sujeito” deve ser sempre entendida como “posições de sujeito” no interior de uma estrutura discursiva. Isso significa que “os sujeitos não podem, portanto, ser a origem das relações sociais [...] assim como toda “experiência” depende de condições discursivas de possibilidade precisas” (Laclau; Mouffe, 2015, p. 191). A identidade de um sujeito não é uma essência pré-existente que ele “possui”. Pelo contrário, ela é constituída a partir das relações e das posições que o discurso lhe atribui. “Como toda posição de sujeito é uma posição discursiva, ela compartilha do caráter aberto de todo discurso; conseqüentemente, as várias posições não podem ser totalmente fixadas num sistema fechado de diferenças” (Laclau; Mouffe, 2015, p. 191).

Dito isso, a adoção desse arcabouço teórico-analítico tem consequências diretas para a forma como estudamos o discurso político contemporâneo. A análise de um fenômeno como a campanha de Perondi, por exemplo, não se concentra em investigar se ele *era* ou *não era* um empresário no *mundo real*, mas sim em compreender como o significante *empresário* foi discursivamente construído e articulado em seu discurso político. É essa a perspectiva que orientará a presente investigação, conforme detalhado no próximo capítulo.

¹⁰ No original: Por ejemplo, en una sociedad que pasa por una profunda desorganización social, el “orden” puede ser visto como el reverso positivo de una situación de anomia generalizada. La situación inicial a la que la “orden” se opone a la experiencia de la carencia, la finitud y la facticidad. Pues bien, una vez que esa experiencia tiene lugar en distintos puntos del tejido social, todos ellos son vividos como equivalentes, los unos respecto de los otros, dado que — más allá de sus diferencias — todos ellos apuntan a una situación similar de dislocación y desestructuración. De tal modo la plenitud, como reverso positivo de esta situación de falta constitutiva, es la que habrá de aportar a la comunidad su identidad ausente. Aquí, sin embargo, una segunda dimensión emerge. Sabemos que una relación de equivalencia debilita el sentido diferencial: si debemos concentrarnos en aquello que todas las diferencias tienen en común (que es aquello a lo que la equivalencia apunta) debemos encaminarnos en la dirección “más allá” de todas las diferencias que será tendencialmente vacío. “Orden” no puede tener un contenido particular, dado que es el mero reverso de todas las situaciones vividas como “desorden” (Laclau, 2002, p. 122–123, aspas do original).

3 Caminhos metodológicos: da teoria à análise

Tendo delineado no capítulo anterior o arcabouço teórico da teoria do discurso de Laclau e Mouffe, este capítulo detalha os procedimentos metodológicos que orientarão sua aplicação ao discurso eleitoral de Marciano Perondi. A escolha pelos caminhos aqui trilhados não é arbitrária, mas uma decorrência direta do pressuposto pós-fundacional de que o social é discursivamente constituído. O objetivo é explicitar como as ferramentas conceituais da teoria serão operacionalizadas sobre o *corpus* empírico, garantindo transparência e rigor ao percurso investigativo.

3.1 A abordagem qualitativa e o método da análise de discurso

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, alinhada à perspectiva de estudos de caso. Esta escolha é imperativa dada a natureza do nosso objeto e do nosso referencial teórico. Se, como defendem Laclau e Mouffe, a realidade social não possui um fundamento último e é constituída discursivamente, uma metodologia que busque mensurar variáveis ou testar hipóteses universalizantes seria teoricamente incoerente.

De acordo com Creswell (2010), o estudo de caso é indicado quando se pretende explorar em profundidade um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, sobretudo quando os limites entre fenômeno e contexto não são claramente definidos. A abordagem permite reunir múltiplas fontes de evidência (como documentos, entrevistas, observações, registros visuais), organizando-as de forma integrada para construir uma compreensão complexa e situada do objeto estudado.

Complementarmente, é utilizada a pesquisa documental, focada na análise de registros existentes. No presente estudo, isso se refere à transformação de materiais audiovisuais em texto para posterior análise. Creswell (2010) reconhece a análise de documentos como uma importante fonte qualitativa, pois permite acessar representações e significados já formulados e que podem ser revisitados sob novos olhares interpretativos.

Já o tipo de método adotado será a análise de discurso, que constitui, antes de tudo, uma abordagem teórico-metodológica que rompe com as concepções

tradicionais de linguagem como instrumento neutro de comunicação. É comum que a análise de discurso e a análise de conteúdo sejam confundidas, no entanto, elas apresentam naturezas e resultados distintos. Conforme apontam Linhares e Silva (2023), embora ambas as técnicas carreguem pontos semelhantes em suas bases de partida — como o tipo de material a ser analisado e o fato de serem técnicas alocadas no enfoque qualitativo de pesquisa —, elas partem de epistemologias distintas.

Uma distinção operacional fundamental reside na construção das categorias de análise. Como destacam os autores, a análise de conteúdo trabalha com categorias que podem ser criadas *a priori* (definidas antes da coleta) ou *a posteriori*. Já a análise de discurso opera exclusivamente com categorias construídas *a posteriori*, ou seja, que emergem da própria leitura exploratória e imersão no *corpus*, sem fixações prévias que limitem a apreensão dos sentidos (Linhares; Silva, 2023).

Nessa perspectiva discursiva, a linguagem não é transparente: ela opera por meio de silenciamentos e efeitos de sentido que não são inteiramente conscientes para os sujeitos que enunciam, sendo atravessada pela ideologia. A análise de discurso, portanto, não busca a transparência da mensagem ou o pensamento do sujeito pelo conteúdo explícito, mas investiga como os sentidos são produzidos, deslocados e disputados dentro de uma rede de significações. Como destaca Pinto (2004), essa abordagem é especialmente produtiva no campo político, pois permite compreender como diferentes atores constroem narrativas hegemônicas, disputam posições e constituem identidades no espaço público por meio da linguagem. Nesse processo, os discursos são tomados como práticas sociais que produzem efeitos de verdade. Assim, mais do que perguntar “o que o texto quer dizer”, a análise de discurso busca compreender como o texto significa e quais relações de poder e ideologia sustentam esse funcionamento discursivo.

3.2 Recorte empírico e coleta de dados

Para realizar a análise do discurso eleitoral de Marciano Perondi, delimita-se o recorte espaço-temporal justamente de acordo com o período da campanha eleitoral das eleições municipais de 2024. Neste sentido, a campanha eleitoral é caracterizada pelo TSE como “todo o período que um partido, candidato ou postulante a uma candidatura dedica à promoção de sua legenda, candidatura ou postulação” (TSE,

s.d.c), que no caso de 2024, de acordo com o Calendário Eleitoral do TSE (TSE, s.d.a), ocorreu entre 16 de agosto e 5 de outubro na ocasião do primeiro turno, e de 7 a 26 de outubro na ocasião do segundo turno. Na mesma lógica, o universo empírico analisado neste trabalho, consiste nos materiais e eventos dedicados à propaganda eleitoral do candidato, que também de acordo com o TSE, caracteriza-se por aquilo

que visa a captação de votos, facultada aos partidos, coligações e candidatos. Busca, através dos meios publicitários permitidos na Lei Eleitoral, influir no processo decisório do eleitorado, divulgando-se o *curriculum* dos candidatos, suas propostas e mensagens, no período denominado de “campanha eleitoral” (TSE, s.d.c).

A partir disso e tendo estas definições em consideração, o recorte empírico construído para a realização da análise a que se pretende este trabalho, compõe-se a partir dos seguintes objetos¹¹:

Tabela 1 – Materiais que compõem o universo empírico da pesquisa

Composição do universo empírico

42 peças do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE)
13 inserções comerciais veiculadas nos meios de comunicação (tv, rádio e internet)
107 publicações do Instagram do candidato (de acordo com o período de campanha)
6 debates entre os candidatos à Prefeitura de Pelotas promovidos por veículos locais
10 entrevistas concedidas por Perondi a veículos locais durante a campanha eleitoral
A transmissão do comício da campanha de Perondi com a presença de Jair Bolsonaro em 12 set. 2024
Plano de Governo “Por uma cidade com mais desenvolvimento econômico — resgate de uma cidade industrializada”

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

A seleção dos materiais que compõem o *corpus* da pesquisa foi orientada pelo objetivo de analisar as estratégias discursivas mobilizadas pelo candidato Marciano Perondi durante a campanha eleitoral de 2024, com ênfase na construção de sentidos em torno de sua imagem, propostas e posicionamentos políticos. Para tanto, buscou-se contemplar diferentes esferas e formatos de enunciação, abarcando tanto

¹¹ Em compromisso com os princípios da transparência metodológica e da ciência aberta, todo o universo empírico que fundamenta esta pesquisa será disponibilizado publicamente. Os materiais referentes ao plano de governo, aos debates e às entrevistas estão disponíveis no *Apêndice A* (p. 102) deste trabalho, por meio de links e referências detalhadas. Os vídeos integrais, as transcrições textuais e as postagens do Instagram analisadas estão organizados e acessíveis através do repositório digital do Grupo de Pesquisa Ideologia e Análise de Discurso (IdAD) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no endereço eletrônico: <https://wp.ufpel.edu.br/idad/produtos/arquivos-de-dados/>. A disponibilização completa ocorrerá concomitantemente à defesa final deste trabalho.

conteúdos institucionais e oficiais, como o Plano de Governo registrado no TSE e as peças do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE), quanto produções voltadas à dinâmica da mídia comercial e digital, como inserções publicitárias, entrevistas, debates e postagens do perfil no Instagram do candidato¹².

Essa diversidade de fontes permite compreender como o discurso do candidato se constitui e se articula em distintos contextos de circulação — da propaganda controlada às situações interativas e espontâneas —, respeitando o princípio da heterogeneidade discursiva próprio da análise de discurso. A inclusão de materiais audiovisuais transformados em texto também responde à necessidade de homogeneização do *corpus*, possibilitando a aplicação sistemática dos procedimentos analíticos sobre enunciados comparáveis.

As peças do HGPE e as inserções comerciais foram obtidas por acesso pessoal e não se encontram disponíveis em fontes públicas¹³. Já os debates e as entrevistas foram mapeados e coletados de forma manual nos canais oficiais de veículos locais no YouTube, respeitando o critério de disponibilização pública. O Plano de Governo foi obtido diretamente no site do TSE, estando disponível na plataforma de Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais. As publicações no Instagram foram acessadas por meio do perfil oficial do candidato na plataforma, considerando todas as postagens realizadas durante o período oficial de campanha, e coletadas de forma sistemática utilizando as ferramentas de *software InstaData Scraper for Chrome*, uma extensão para navegador, e *InstaData*, uma aplicação *desktop*¹⁴. Essas ferramentas permitiram a extração automatizada de publicações, metadados (como datas e número de

¹² A escolha de analisar o perfil do Instagram do candidato se deu pela constatação de que ele foi a principal plataforma de rede social utilizada por ele na campanha. Dados obtidos através da ferramenta <https://socialblade.com/> indicam que no início da campanha (agosto de 2024) Perondi contava com 4,5 mil seguidores, enquanto no final do período eleitoral (outubro de 2024), já passavam dos 21,7 mil, tendo conquistado mais de 17,2 mil novos seguidores durante sua campanha.

¹³ A obtenção desse material envolveu um processo não trivial de investigação. Inicialmente, buscou-se orientação junto ao TRE-RS, que informou ser responsabilidade dos candidatos a guarda do material. Contatou-se, então, o candidato Marciano Perondi, que se mostrou disponível, porém o material encontrava-se sob custódia da produtora responsável pela campanha, a qual não retornou os contatos. A solução veio por meio de contato com membros do diretório municipal do PT de Pelotas, responsáveis pela campanha adversária, que possuíam cópia integral de gravações do material audiovisual da campanha de Perondi e as cederam gentilmente para esta pesquisa.

¹⁴ Ambas as ferramentas de software foram desenvolvidas pelo autor deste trabalho no âmbito do projeto de pesquisa “Populismos contemporâneos: compreensões a partir da análise de discurso de Laclau e Mouffe”, vinculado ao GP IdAD, da UFPel. Os softwares possuem certificação e registro junto ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) sob os números BR512025003102-5 e BR512025003100-9, respectivamente, e estão disponíveis para acesso público no repositório digital do GP IdAD: <https://wp.ufpel.edu.br/idad/instadata/>.

interações) e o conteúdo textual e visual, garantindo a abrangência e a precisão do *corpus* analisado.

3.3 Operacionalização da pesquisa

Partindo do *corpus* discursivo sistematizado na Tabela 1, a etapa de análise foi estruturada em três fases principais. A primeira etapa se consistiu na transcrição integral dos materiais audiovisuais do universo empírico, por meio da ferramenta de inteligência artificial *OpenAI Whisper*, seguindo a técnica desenvolvida por Lange (2025). Para viabilizar o tratamento de um grande volume de dados de forma sistemática e eficiente, foi desenvolvido um *pipeline* computacional¹⁵. A implementação deste *pipeline* foi realizada na plataforma *Google Colab*, que oferece acesso gratuito às unidades de processamento gráfico (GPUs), que aceleram exponencialmente o processamento de modelos de IA como o *Whisper*, tornando a transcrição de dezenas de horas de áudio/vídeo uma tarefa viável em um prazo de pesquisa. Esse procedimento teve como objetivo converter conteúdos audiovisuais para o formato textual, de modo a viabilizar a análise discursiva em uma base homogênea de enunciados, respeitando os critérios de coerência metodológica da abordagem adotada. Ressalta-se, no entanto, que todo o material transcrito com auxílio do *OpenAI Whisper* foi posteriormente submetido a revisão humana integral, assegurando a fidelidade e a integridade do *corpus* textual que fundamenta a análise.

Na segunda etapa, todo o material textual tratado foi organizado e transferido para o *software NVivo*¹⁶, da *QSR International*, que foi escolhido como plataforma de apoio à análise qualitativa. O uso do *NVivo* revela-se particularmente adequado à proposta deste trabalho, tanto por sua flexibilidade em lidar com dados multimodais (como textos, imagens, vídeos e áudios), quanto por sua afinidade estrutural com os pressupostos da teoria do discurso de Laclau e Mouffe (2015). Isso porque o *software* permite não apenas o gerenciamento e codificação de grandes volumes de dados,

¹⁵ Um *pipeline*, neste contexto, consiste em uma sequência de etapas de processamento automatizadas, onde a saída de uma etapa serve como entrada para a próxima. O processo foi estruturado da seguinte forma: (1) upload dos arquivos de áudio e vídeo para o ambiente; (2) execução do modelo *Whisper* para realizar a transcrição automática; e (3) organização e *download* dos arquivos de texto resultantes.

¹⁶ Na realização deste trabalho, utilizou-se a versão 12 do *NVivo* para *Windows*.

mas também a criação de categorias analíticas personalizadas — os chamados “nós” —, que, nesta pesquisa, correspondem aos “elementos discursivos” articuladores de significados no campo político. Nesta fase de organização, os documentos foram agrupados internamente no *software* em *casos* analíticos, correspondentes aos turnos eleitorais (“Primeiro Turno” e “Segundo Turno”). Essa estruturação permitiu separar os dados temporalmente, preparando o terreno para a análise subsequente sem ainda realizar qualquer codificação de conteúdo.

Por fim, na terceira etapa, procedeu-se à análise discursiva propriamente dita, orientada pelos fundamentos teórico-metodológicos da teoria do discurso pós-estruturalista. Nesta fase, as categorias analíticas centrais foram operacionalizadas no *software* por meio de *nós* teóricos, correspondentes aos principais elementos conceituais da teoria (como pontos nodais, cadeias de equivalência, posições de sujeito, entre outros), os quais serão discutidos detalhadamente no capítulo 6.

Entretanto, dentre o conjunto de *nós* teóricos, destaca-se a definição prévia do nó “Antagonismo”. Diferentemente das demais categorias, que foram se afirmando ao longo da leitura exploratória e da codificação dos dados, o Antagonismo foi o único nó criado *a priori*. Esta decisão metodológica justifica-se pelo fato de que, na teoria laclauniana, o antagonismo é a própria condição de possibilidade e o ponto de partida de toda formação discursiva; é a partir da construção de uma fronteira antagônica que os “nós” e os “eles” se constituem. Portanto, sua presença era presumida e necessária em qualquer discurso político que almejasse a hegemonia.

Considerando ainda que um dos objetivos específicos da pesquisa consiste em analisar o deslocamento de sentido desse antagonismo entre os turnos eleitorais, optou-se por não fragmentar a categoria analítica em subnós temporais, a fim de preservar a coerência teórica do conceito. A distinção contextual foi operacionalizada utilizando-se os *casos* analíticos definidos na fase anterior como marcadores de contexto de produção do discurso. Com o auxílio do *software*, trechos discursivos foram codificados nos *nós* teóricos, com a possibilidade de codificação simultânea em múltiplas categorias.

Para viabilizar a análise lexical específica do Antagonismo em cada momento, foram criados *nós* técnicos ou operacionais. Devido às limitações da versão do NVivo utilizada na realização de análises lexicais condicionadas simultaneamente a *nós* e contextos (*casos*), esses *nós* operacionais derivaram de consultas de codificação que cruzaram o nó teórico “Antagonismo” com os respectivos *casos* (Turnos).

Esses *nós* operacionais representam, portanto, recortes empíricos do conteúdo codificado como antagonismo de acordo com o turno eleitoral, e foram utilizados exclusivamente para fins de exploração lexical e visualização semântica, como nuvens de palavras, árvores de palavras e análises de frequência. Essas ferramentas funcionam como recursos de suporte heurístico: as nuvens de palavras destacam visualmente os termos de maior ocorrência, permitindo identificar rapidamente o peso de certos significantes no conjunto dos dados; as árvores de palavras revelam o contexto imediato de um termo, mostrando as conexões de sentido que ele estabelece com outras palavras; e a análise de frequência fornece a quantificação das codificações. Ressalta-se, contudo, que tais recursos não possuem papel determinístico na análise, nem constituem categorias analíticas substantivas ou novas dimensões teóricas. Seu uso é estritamente instrumental: servem para mapear tendências semânticas, identificar deslocamentos discursivos e direcionar a leitura do pesquisador para articulações relevantes. Os resultados, portanto, não são validados pela simples contagem numérica, mas sempre interpretados qualitativamente à luz da teoria do discurso, com ênfase nos processos de articulação e nomeação — e não na frequência absoluta de termos.

Dessa forma, a operacionalização da pesquisa busca aplicar de forma sistemática e rigorosa os conceitos do referencial teórico ao *corpus* empírico, permitindo compreender como o discurso eleitoral de Marciano Perondi articulou elementos para construir uma formação discursiva tendencialmente hegemônica nas eleições de 2024 em Pelotas.

4 A configuração do campo político em Pelotas: da redemocratização à crise da hegemonia tucana

O objetivo deste capítulo é reconstituir a trajetória política de Pelotas desde a redemocratização, oferecendo o contexto necessário para compreender o campo de forças no qual a eleição de 2024 se insere. Não se pretende aqui, portanto, elaborar uma análise teleológica que busque um sentido linear ou inevitável nos fatos históricos; pelo contrário, partindo dos pressupostos epistemológicos da teoria do discurso de Laclau e Mouffe (2015), analisamos essa trajetória como um processo de luta pela hegemonia marcado pela contingência (Mendonça, 2009). O foco recai sobre como diferentes formações discursivas se articularam, ganharam fixação e eventualmente entraram em crise, permitindo a emergência de novos sujeitos e demandas. A fim de subsidiar essa análise, apresentamos a seguir os quadros que detalham a configuração partidária e os resultados das disputas majoritárias no município no período de 1982 — redemocratização — até 2024:

Quadro 1 – Colocação dos partidos com candidatura própria à Prefeitura de Pelotas (1982-2024)

Partido	1982	1988	1992	1996 ¹⁷	2000	2004	2008	2012	2016	2020	2024
DEM ¹⁸			5				3	4		7	
PCO										11	6
PDS ¹⁹	2	2	2								
PDT	3	1	4	1	4	4	4		2	8	5
PEN ²⁰									6		
PL ²¹											2
MDB ²²	1	3	1	6	3	5				10	4
PMN						7	8		7		
PODE										9	
PP ²³							1			3	
PPB ²⁴				4	2						
PPS ²⁵					6	1					
PROS ²⁶									5		
PRTB							9			6	
PSB						6		5		4	
PSDB		5		5	5	3	5	1	1	1	3
PSol							6	3	3	5	
PST ²⁷			6								
PT	4	4	3	2	1	2	2	2	4	2	1
PT do B ²⁸									8		
PTB ²⁹				3							
PV					7		7				

Fonte: Dados (1982-2012): TRE-RS, compilados por Barreto (2014a); Dados (2016-2024): TRE-RS, atualizados pelo autor (2026).

¹⁷ Em 1996 o município atingiu os 200 mil eleitores, logo, as disputas passaram a contar com a possibilidade de realização de 2º turno. Mais do que uma possibilidade, tornou-se uma regra e em todas as disputas desde então ocorreu o 2º turno, com exceção de 2016, onde o PSDB venceu a disputa no 1º turno (Barreto, 2014a).

¹⁸ O Democratas fundiu-se com o PSL em 2022, dando origem ao União Brasil (TSE, 2022).

¹⁹ Em 1993 fundiu-se com o PDC para criar o PPR. Tornou-se PPB em 1995 com a fusão junto ao PP — este, por sua vez, formado pela fusão do PTR com o PST em 1993. (Barreto, 2008).

²⁰ Em 2017 o Partido Ecológico Nacional (PEN) entrou com pedido de alteração de nome e sigla, no TSE, para Patriota (Patri) (TSE, 2017).

²¹ O Partido Liberal (PL) foi fundado em 1985. Em 2006, fundiu-se com o PRONA para criar o Partido da República (PR), agremiação que, em 2019, retornou à denominação original Partido Liberal (PL) após deliberação em convenção nacional — tornando-se o PL de Bolsonaro, que conhecemos hoje (PL, s.d.).

²² O Movimento Democrático Brasileiro (MDB) foi fundado em 1966. Em 1980, por imposição da ditadura militar, o partido foi obrigado a mudar sua denominação para PMDB. Em 2018 a agremiação solicitou ao TSE a mudança do nome e sigla, voltando a se chamar Movimento Democrático Brasileiro (MDB) (MDB, s.d.; TSE, 2018).

²³ Diferente do PP formado em 1993 e extinto em 1995, este surgiu a partir da mudança de nomenclatura e sigla de PPB para PP em 2003 (TSE, s.d.e)

²⁴ Em 2003 solicitou ao TSE a mudança da nomenclatura e sigla de Partido Progressista Brasileiro (PPB) para Partido Progressista (PP) (TSE, s.d.d).

²⁵ O PPS mudou oficialmente seu nome para Cidadania em 2019 (TSE, 2019).

²⁶ Em 2023 foi incorporado pelo Solidariedade, deixando de existir (TSE, 2023).

²⁷ O PST que apresentou candidato a prefeito de Pelotas em 1992 foi extinto no ano seguinte, tendo em vista a sua fusão com o PTR, dando origem ao PP. Um novo PST, inclusive com a mesma denominação (Partido Social Trabalhista), existiu nacionalmente de 1993 a 2004, sendo incorporado pelo PL em 2003 (Barreto, 2014a; TSE, s.d.d).

²⁸ Em 2017 o Partido Trabalhista do Brasil (PTdoB) entrou com pedido de alteração de nome no TSE para Avante (TSE, 2017).

²⁹ Em 2023 fundiu-se com o Patriota para formar o Partido Renovação Democrática (PRD) (TSE, 2023).

Quadro 2 – Prefeito(a) e vice-prefeito(a) eleitos(as), e partido pelo qual concorreram (Pelotas, 1982-2024)

Eleição	Prefeito(a)	Partido	Vice-Prefeito(a)	Partido
1982	Bernardo de Souza	PMDB	José Maria Carvalho da Silva	PMDB
1988	Anselmo Rodrigues	PDT	Edgar José Curvello	PDT
1992	Irajá Andara Rodrigues	PMDB	Michel Halal	PSDB
1996	Anselmo Rodrigues	PDT	Otelmo Demari Alves	PDT
2000	Fernando Marroni	PT	Mário Filho	PSB
2004	Bernardo de Souza	PPS	Fetter Júnior	PP
2008	Fetter Júnior	PP	Fabício Tavares	PTB
2012	Eduardo Leite	PSDB	Paula Schild Mascarenhas	PPS
2016	Paula Schild Mascarenhas	PSDB	Idemar Barz	PTB
2020	Paula Schild Mascarenhas	PSDB	Idemar Barz	PTB
2024	Fernando Marroni	PT	Daniela Brizolara	PSOL

Fonte: Dados (1982-2012): TRE-RS, compilados por Barreto (2014b); Dados (2016-2024): TRE-RS, atualizados pelo autor (2026).

Os dados acima serão retomados ao longo deste capítulo para fundamentar a análise das dinâmicas eleitorais e da alternância de poder no município. O Quadro permite visualizar, em perspectiva histórica, a presença e o desempenho dos partidos que lançaram candidaturas próprias, evidenciando quais legendas se mantiveram competitivas ao longo do período e quais tiveram participação esporádica. O Quadro 2, por sua vez, sistematiza os resultados das disputas majoritárias, revelando padrões de continuidade e ruptura nos ciclos de governo.

Para facilitar a visualização das trajetórias partidárias representadas no Quadro 1, o *Apêndice B* (p. 105) apresenta gráficos de dispersão com linhas que acompanham o desempenho de cada partido ao longo das eleições, permitindo uma leitura mais imediata das oscilações e permanências. Tais elementos são fundamentais para compreender o cenário de instabilidade inicial do período pós-redemocratização, bem como a posterior consolidação de ciclos partidários — temas que serão discutidos a seguir.

4.1 A lógica antimajoritária e a instabilidade inicial (1976–1992)

Antes de tudo, é importante situar a especificidade do caso de Pelotas. O município possui uma longa tradição de eleições diretas para prefeito, ocorrendo de

modo ininterrupto desde 1947. Contudo, essa trajetória não é homogênea; ela se divide em três períodos institucionais distintos. O primeiro, de 1947 a 1963, corresponde à fase democrática pré-64, marcada pelo pluripartidarismo. O segundo período, entre 1968 e 1976, transcorre durante a ditadura militar e caracteriza-se pelo bipartidarismo entre a ARENA e o MDB. Por fim, o terceiro período inicia-se em 1982 e estende-se até o presente — a Nova República —, marcado pelo retorno das eleições livres e do pluripartidarismo (Barreto, 2014b).

Nesse contexto, a eleição municipal de 1976, a última do bipartidarismo, marca uma inflexão importante na configuração do campo político local. O MDB elegeu Irajá Andara Rodrigues e conquistou a maioria na Câmara, mas, mais do que o resultado, foi a partir daí que o eleitorado pelotense passou a manifestar uma tendência que se tornaria uma de suas características marcantes: o caráter antimajoritário. De acordo com Barreto (2014b), tal característica corresponde a uma constante insatisfação e inconformidade com a realidade vivenciada, expressando-se por meio da punição ao grupo político no poder. Raramente o gestor conseguia manter o apoio anteriormente conquistado e garantir um novo mandato. Enfim, mergulhado em crises e sem perspectivas de avanços, o eleitorado pelotense não se mostrava satisfeito com os poderes nacional, estadual ou local, cujas melhorias eventualmente realizadas não eram percebidas no cotidiano do município.

A lógica do eleitorado, portanto, passa a ser a busca pela desconformidade: a procura por uma nova alternativa, ainda que ela não signifique, *a priori*, uma opção melhor ou mais capaz do que a que está no poder, mas que simplesmente não é “o velho”. Como aponta Barreto (2014b, p. 168), “é o novo que aparentemente tem méritos porque não é conhecido, e não porque traga ideias e práticas inovadoras, e que, desse modo, logo será o que os que o antecederam já são ou se tornaram: tão velho quanto”.

Já em um panorama de redemocratização, em 1982, a luta pelo fim da ditadura predominava no cenário nacional. Em Pelotas, o eleitorado reafirmou a tendência oposicionista ao reeleger o partido do então prefeito Irajá. Bernardo de Souza, líder da sublegenda mais votada do PMDB, venceu com 46,8% dos votos, mantendo o comando da Prefeitura e garantindo 10 cadeiras na Câmara. O PDS — sucedâneo da ARENA — ficou em segundo lugar na disputa majoritária, elegendo 9 vereadores, enquanto o PDT apareceu em terceiro, com 2 cadeiras, e o PT em quarto, sem eleger nenhum vereador (Barreto, 2009b). A análise de Barreto (2009b, p. 16) sugere que

esse resultado foi um produto do caráter “interessado e artificial” da reforma partidária de 1979, que deu pouco tempo para que as novas legendas se consolidassem.

Contudo, a estabilidade aparente do início dos anos 80 não duraria. A eleição de 1988 trouxe uma novidade institucional: pela primeira vez, o pleito era unicamente municipal, permitindo que as peculiaridades locais aflorassem com toda força. Tudo indicava que a disputa se concentraria no duelo entre as grandes legendas: o PMDB lançando o ex-prefeito Irajá Rodrigues e o PDS apostando no vereador Fetter Júnior, herdeiro de uma família política tradicional local. As expectativas, porém, foram subvertidas. A eleição de 1988 caracterizou a primeira grande ruptura do campo político local após a reforma.

Enquanto os favoritos travavam um duelo personalizado, centrado em promessas mirabolantes³⁰, Anselmo Rodrigues, um médico sem carreira política prévia, candidato do PDT, soube utilizar a propaganda eleitoral para construir a imagem de que os dois adversários eram representantes da elite e do “antigo”, posando-se como o único capaz de representar os interesses das classes populares. A estratégia foi potencializada pelo bordão “vamos fazer um governo!”. O resultado foi uma vitória arrasadora de Anselmo e do PDT, com cerca de 26 mil votos de vantagem (20 pontos percentuais), rebaixando o PDS ao segundo lugar e o PMDB ao terceiro (Barreto, 2009b). Barreto (2014b) ressalta ainda que fatores nacionais contribuíram para essa reconfiguração, como a crise das duas grandes legendas pós-reforma (PDS e PMDB) em um cenário de pluripartidarismo pleno.

O caráter instável e antimajoritário do campo pelotense confirmou-se no pleito seguinte, em 1992. Tentando a reeleição, o PDT fracassou. O candidato Sérgio Souza Soares carregava o peso do governo conturbado de Anselmo e não possuiu apelo popular, terminando em antepenúltimo lugar. A disputa polarizou-se entre Érico Ribeiro, um dos principais empresários da região e candidato da “Aliança por Pelotas” (PDS/PL), e o retorno de Irajá Rodrigues pelo PMDB. O PT, embora não ameaçasse a liderança, continuava seu crescimento no município. A vitória coube a Irajá, por uma margem apertada de 2.561 votos. Barreto (2014b, p. 171) aponta dois fatores decisivos: a proposta de transporte coletivo gratuito e a divisão dos partidos de direita, que diluíram votos da oposição.

³⁰ Expressão utilizada por Barreto (2009b, p. 23) para se referir a promessas como um restaurante flutuante e um trem bala unindo Pelotas e Porto Alegre.

4.2 A disputa pela hegemonia: PMDB, PP e a ascensão petista (1996–2008)

Em 1996, ocorreu a primeira eleição com possibilidade de segundo turno em Pelotas. A dinâmica política local já mostrava sinais de realinhamento. Anselmo Rodrigues (PDT) venceu o primeiro turno e confirmou a vitória no segundo, tendo como principal rival o PT. Embora o pleito tenha colocado frente a frente dois partidos de esquerda — ambos oposição aos governos nacional e estadual —, a dinâmica da disputa fez com que Anselmo se tornasse a preferência tácita dos partidos de direita. Ele encarnou o “mal necessário” para barrar o PT, que, à época, era visto como a opção mais ameaçadora para as elites locais (Barreto, 2014b).

A virada do milênio, em 2000, trouxe nova inovação institucional: a reeleição. Anselmo Rodrigues tentou a reeleição pelo PDT, mas sua segunda administração foi marcada por crises: CPIs, conflitos com o Legislativo, condenações e até o afastamento do prefeito. O resultado foi um repúdio massivo nas urnas, encerrando em quarto lugar. O PMDB ficou em terceiro, e a disputa decantou para o PPB em segundo e o PT em primeiro. Fernando Marroni confirmou sua vitória no segundo turno, abrindo uma vantagem de 10.533 votos e consagrando o crescimento petista que se desenhava desde 1982. Barreto (2014a, p. 120–121) observa que, diferentemente de 1996, os partidos de direita não precisaram fazer a opção pragmática pelo “mal menor”; o PPB foi ao segundo turno e polarizou claramente com o PT, mas, dessa vez, a vitória coube à esquerda.

A hegemonia petista, contudo, seria curta. Em 2004, Marroni concorreu à reeleição pela “Frente Popular” (PT, PCdoB e PL), mas enfrentou uma forte oposição. Com a candidatura de Anselmo Rodrigues (PDT) cassada pela Justiça Eleitoral, seu lugar foi ocupado pela filha, Adriane Rodrigues. A disputa principal, no entanto, deu-se entre Marroni e Bernardo de Souza (PPS), também ex-prefeito. Vencendo o primeiro turno, Marroni parecia favorito. No entanto, o segundo turno foi marcado pela formação de uma grande frente anti-PT, que uniu praticamente todos os demais partidos em torno de Bernardo de Souza. Isolado, Marroni sofreu uma virada e foi derrotado por uma margem de mais de nove mil votos. Vale notar que, devido a problemas de saúde, Bernardo licenciou-se e renunciou menos de um ano depois, passando o cargo a Fetter Júnior (PP) (Barreto, 2014b, p. 175).

Em 2008, Fetter Júnior (PP) concorreu à reeleição e teve como principal rival, novamente, Fernando Marroni (PT). Anselmo Rodrigues também retornou à disputa, agora livre das pendências judiciais e com a filha Adriane como vice. Uma novidade importante foi a estreia do PSol com o professor Luiz Carlos Lucas, que obteve um desempenho destacado, superando o PSDB naquele pleito (Barreto, 2014b). Marroni venceu o primeiro turno, mas, repetindo o cenário de 2004, não conseguiu articular apoios suficientes para o segundo. Fetter Júnior venceu com uma margem confortável de 25.818 votos, tornando-se o primeiro prefeito a conquistar um segundo mandato consecutivo no exercício do cargo.

4.3 O longo ciclo tucano: consolidação e predominância (2012–2020)

O ano de 2012 marca o início de um novo ciclo no campo político pelotense: o ciclo tucano. Com Fetter Júnior inelegível, a disputa pela continuidade da gestão ficou com o PSDB, que lançou o vereador Eduardo Leite. Sua candidatura contava com uma ampla base de apoio (PRB, PDT, PTB, PSC, PR, PSD, PP e PPS) e trazia Paula Schild Mascarenhas (PPS) como vice. No campo da oposição, o PT lançou Fernando Marroni pela quinta vez, contando com o apoio inédito do PMDB. A estratégia tucana foi eficiente: Leite venceu o primeiro turno com uma vantagem de 22 mil votos e ampliou essa diferença no segundo turno para quase 28 mil votos, consolidando uma nova hegemonia na cidade (Barreto, 2014b).

Essa hegemonia se fortaleceu em 2016. Paula Mascarenhas, agora no PSDB, disputou a continuidade do governo com uma máquina eleitoral robusta: 11 partidos de apoio, metade do tempo de propaganda na TV e 141 candidatos a vereador. A oposição fragmentou-se. O PDT lançou novamente Anselmo Rodrigues em uma chapa de situação mais do que de oposição. O PT, por sua vez, lançou a deputada Miriam Marroni, com apoio apenas do PCdoB, enquanto o PSol lançou Jurandir Silva. A divisão no campo progressista foi fatal. A eleição foi decidida no primeiro turno, com Paula obtendo 59,86% dos votos válidos — uma vantagem de quase 40% sobre o segundo colocado. O PT caiu para a quarta posição, com menos de 7% dos votos, num cenário de profunda derrota para as esquerdas (Lemos, 2020).

O pleito de 2020 ocorreu em um cenário atípico, marcado pela pandemia de Covid-19. A disputa pela prefeitura atingiu um recorde de 11 candidaturas,

evidenciando a fragmentação do campo político. A prefeita Paula Mascarenhas (PSDB) buscou a reeleição na coligação “Vamos em Frente, Pelotas”, com apoio de PSL, PL, PSD e outros. O principal opositor foi o ex-prefeito Fetter Júnior (PP). No campo de esquerda, a fragmentação aprofundou-se: PT, PSB/PCdoB e PDT lançaram chapas próprias, e o PSol novamente trouxe destaque com a inédita chapa composta apenas por pessoas negras. Também concorreram outras candidaturas de menor expressão, incluindo a de Marco Marchand (DEM), que utilizou a figura de Jair Bolsonaro em sua campanha (Müller, 2024).

No primeiro turno, Paula Mascarenhas novamente quase venceu, ficando com 49,74% dos votos. Quem foi ao segundo turno foi o candidato do PT, Ivan Duarte. No entanto, o PT não conseguiu reunir forças para vencer o “tucanismo” consolidado. No segundo turno, a candidata oficialista ampliou sua vantagem e venceu com 68,70% dos votos, garantindo o terceiro mandato consecutivo do PSDB e a continuidade do projeto tucano na cidade (Müller, 2024).

4.4 A ruptura de 2024 e o colapso das expectativas

Quatro anos depois, em 2024, a lógica da polarização PT *versus* PSDB parecia inabalável. Na busca por manter sua hegemonia, o PSDB apostou em Fernando Estima, ex-secretário de governo. A principal alternativa apontada pelas pesquisas e pelo senso comum político era, mais uma vez, o PT, que trouxe de volta Fernando Marroni — figura já histórica na política local. Desde 2012, com exceção de 2016, a disputa pela prefeitura se dava entre essas duas legendas. As pesquisas reforçavam essa expectativa, apontando Marroni com 37,5% das intenções, Estima com 22,7%, e um distante terceiro colocado, Marciano Perondi (PL), com cerca de 11% em uma das primeiras pesquisas eleitorais divulgadas, em meados de setembro de 2024 (TSE, s.d.b). Vale destacar que esta era a primeira vez que o PL concorria com candidatura própria e chapa pura, tendo Adriane Rodrigues como vice.

No entanto, o resultado do primeiro turno surpreendeu, com 39,60% dos votos para Marroni (PT), 31,67% dos votos para Perondi (PL) e apenas 20,90% dos votos para Estima (PSDB):

Primeiro Turno					
Pos.	Candidato	Nro.	Partido	Votação	%
1	FERNANDO STEPHAN MARRONI	13	PT	68443	39,6
2	MARCIANO PERONDI	22	PL	54736	31,67
3	PAULO FERNANDO CURI ESTIMA	45	PSDB	36122	20,9
4	IRAJA ANDARA RODRIGUES	15	MDB	6785	3,93
5	REGINALDO BACCI ACUNHA	12	PDT	6514	3,77
6	JOÃO ROBERTO BOURSCHEID	29	PCO	245	0,14
Segundo Turno					
Pos.	Candidato	Nro.	Partido	Votação	%
1	FERNANDO STEPHAN MARRONI	13	PT	87737	50,36
2	MARCIANO PERONDI	22	PL	86474	49,64

Fonte: TRE-RS.

Ou seja, Perondi, um empresário até então desconhecido, que era morador de Pelotas há um ano e dez meses, estreante na política e sem experiência em gestão pública (Egídeo, 2024a), conseguiu o feito de bater forças políticas tradicionais da cidade e ficar mais de dez pontos percentuais à frente do candidato do partido que estava no comando da prefeitura desde 2013.

No segundo turno, Marroni venceu com 50,36% dos votos ante os 49,64% de Perondi. Embora tenha perdido o pleito, o empresário sem experiência política e que vivia na cidade a menos de 2 anos foi derrotado por uma margem de apenas 1.263 votos, ou 0,72%, na menor diferença em uma eleição pelotense desde a redemocratização (Egídeo, 2024b).

Portanto, o resultado de 2024 corrobora a premissa central da teoria do discurso de que toda hegemonia é, em última instância, precária e contingente. O que se apresentava como uma estrutura estável de polarização entre PSDB e PT revelou sua fragilidade diante da incapacidade de suturar as demandas sociais insatisfeitas. A ascensão de Marciano Perondi não é um acidente isolado, mas a materialização do caráter aberto do social: a ordem política local não estava determinada a continuar como estava, e a contingência se impôs pela via das urnas. É para compreender os elementos dessa conjuntura específica e os eventos contingentes que moldaram o terreno para essa emergência que nos voltaremos no próximo capítulo, detalhando o cenário das eleições de 2024.

5 A conjuntura eleitoral de 2024: o cenário e as condições de possibilidade da irrupção de Perondi

Se o capítulo 4 reconstituiu as estruturas de longo prazo que conformaram a política pelotense desde a redemocratização, este capítulo se volta para a análise da conjuntura específica de 2024. O objetivo é sustentar a premissa de que a chave para compreender o fenômeno Perondi não reside em estruturas políticas de longo prazo ou fatores biográficos — como sua inexperiência ou o tempo de campanha —, mas na força e eficácia de seu discurso eleitoral. Para que isso ocorresse, contudo, era necessário um terreno fértil. Partindo do pressuposto epistemológico da teoria do discurso de Laclau e Mouffe (2015), de que toda ordem é contingente e nada está previamente determinado, analisaremos aqui como as relações sociais foram moldadas por circunstâncias pontuais desse ano. Buscaremos demonstrar como a falha da hegemonia tucana e a urgência das demandas locais criaram um vazio de sentido que os discursos tradicionais não conseguiram preencher. Assim, este capítulo não funciona apenas como um “fundo de cena” cronológico, mas como a peça explicativa que identifica as condições de possibilidade para a emergência e o sucesso da articulação discursiva de Perondi, tema do próximo capítulo.

5.1 O eleitorado, o contexto nacional e a realidade local

A caracterização do eleitorado pelotense em 2024 revela um perfil massivamente concentrado em faixas etárias ativas e com demandas pragmáticas por serviços públicos. Com 248.631 eleitores aptos — um crescimento de oito mil em relação a 2020 —, a cidade apresentava uma configuração onde as mulheres representavam 54% do total. A faixa etária predominante (62%) situava-se entre 25 e 59 anos, enquanto em termos de escolaridade, a maior fatia (26,8%) concentrava-se em níveis de ensino fundamental e médio (Feijó; Manhago, 2024)³¹.

³¹ A caracterização do eleitorado em termos etários e de escolaridade é relevante para a análise da recepção dos discursos de campanha. Cabe acrescentar, como dado contextual, que a candidatura de Perondi foi marcada desde o início por questionamentos acerca de sua origem geográfica. Já em agosto de 2024, circularam vídeos no WhatsApp que “acusavam” o candidato de “ser de fora de Pelotas” (Amigos de Pelotas, 2024a), estratégia que se repetiu ao longo de toda a campanha em

Este perfil coexistia com um contexto político que oscilou entre a memória de 2022 e a injunção da campanha de 2024. O pleito presidencial de 2022 demonstrou uma tendência de alinhamento da cidade ao PT: Luiz Inácio Lula da Silva obteve 51,8% e 56,2% nos primeiro e segundo turnos, respectivamente, contra 36,4% e 43,8% de Jair Bolsonaro (Redação, 2024). Esse resultado indicava, à época do início do ciclo municipal, uma base de esquerda consolidada numericamente sobre a direita.

Contudo, o contexto nacional não permaneceu apenas um pano de fundo passivo. Durante a reta final do primeiro turno, elementos da polarização nacional foram injetados diretamente na disputa local. Em 12 de setembro de 2024, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) realizou um comício no Theatro Guarany em apoio à candidatura de Marciano Perondi (PL). Em seu discurso, Bolsonaro defendeu a unidade da direita, prometeu o retorno do setor conservador ao poder e voltou a questionar o resultado das eleições de 2022 (Dutra, 2024b). O evento contou com a presença de figuras da articulação nacional, como o deputado Luciano Zucco e o presidente do PL no RS, Giovani Cherini, que reforçaram a exigência de que candidaturas e vereadores assumissem publicamente o vínculo com o bolsonarismo (Dutra, 2024b).

Essa mobilização da estrutura partidária nacional esteve acompanhada de controvérsias locais. No mesmo dia do comício, durante a visita à cidade, a comitiva de Bolsonaro fez uma parada não agendada no Colégio Praça XV, escola particular de propriedade do candidato Marciano Perondi. O episódio gerou representação ao Ministério Público por parte de pais de alunos, que alegaram não terem sido avisados sobre o uso do espaço para fins políticos (Fraga, 2024). O evento chamou atenção por duas razões: a distribuição de botões com slogans polêmicos e o anúncio, feito dentro de uma sala de aula, da intenção de transformar a escola particular em cívico-militar. Denúncias publicadas por candidatos de oposição apontaram uma contradição com o movimento “Escola Sem Partido”. Em resposta, Perondi rebateu as críticas, afirmando que a escola não tinha “ideologia de gênero” e seria um local onde as crianças “pensariam com a própria cabeça” (Fraga, 2024).

Paralelamente a esses eventos, a realidade local concreta impôs dinâmicas que transcenderam as lealdades partidárias nacionais. A cidade enfrentava os impactos da enchente de maio e um cenário de precarização dos serviços públicos.

debates e entrevistas, revelando uma tentativa de desqualificação com base em pertencimento territorial.

Segundo a diretora do Instituto Pesquisas de Opinião (IPO), Elis Radmann, o clima de opinião ao iniciar o processo eleitoral era de descontentamento: cerca de dois terços da população manifestavam o desejo de mudança em relação ao governo vigente, enquanto apenas um terço avaliava positivamente a gestão (Velleda, 2024).

Essa sensação de precariedade mudou o foco do debate. Em anos anteriores, as campanhas eram pautadas por “novas conquistas”. Em 2024, a agenda concentrou-se na gestão da perda: a discussão sobre a qualidade da zeladoria urbana (especialmente o problema dos “buracos” nas vias) e a crise do sistema de saúde tornaram-se os temas centrais (Velleda, 2024). O cientista político Renato Della Vechia complementa essa análise ao descrever a composição do eleitorado em três blocos: um bloco ligado ao PT/Lula (20%); um bloco ideologicamente alinhado ao bolsonarismo/PL (10%); e um bloco central (70%), formado por eleitores que decidiriam o voto com base em cálculos de custo-benefício focados na capacidade de resolver problemas imediatos (Velleda, 2024).

Nesse cenário, a expectativa analítica era de que o PSDB mantivesse sua força, ancorada na figura do governador. Como destacou o cientista político Rodrigo Stumpf Gonzalez, professor da UFRGS, no caso de Pelotas, a influência do governador Eduardo Leite teria um peso decisivo. “O PSDB não é forte no interior, mas é forte em Pelotas. Leite não só foi prefeito, mas tendo se tornado governador, manteve uma forma de sucessão de candidatos que são identificados com ele”, afirmou Gonzalez (Gehm, 2024).

No entanto, os dados das pesquisas eleitorais³² e das urnas desmentiram essa expectativa de continuidade:

³² É importante esclarecer que, de acordo com o sistema de consulta do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), constam registradas nove pesquisas de intenção de voto relativas à eleição municipal de Pelotas em 2024. No entanto, apenas as pesquisas citadas neste trabalho tiveram seus resultados divulgados publicamente pelos respectivos contratantes ou institutos, seja por meio de veículos de imprensa, seja pelas próprias campanhas. As demais pesquisas registradas, embora devidamente protocoladas junto à Justiça Eleitoral, não foram tornadas públicas, razão pela qual não integram a análise aqui desenvolvida. Para consulta aos registros completos, inclusive daquelas não divulgadas, o acesso pode ser feito diretamente no portal do TSE (TSE, s.d.b).

Tabela 3 – Resultados das Pesquisas Eleitorais para a Prefeitura de Pelotas em 2024 (1º Turno)³³

Data de Registro	Nº Pesquisa	Fernando Marroni (PT)	Marciano Perondi (PL)	Fernando Estima (PSDB)	Outros	Branco/Nulos/Indecisos
19/09/2024	RS-04810/2024 ³⁴	29,00%	25,10%	17,00%	18,40%	10,40%
25/09/2024	RS-07905/2024 ³⁵	37,50%	11,00%	22,70%	10,80%	15,00%
27/09/2024	RS-08802/2024 ³⁶	30,80%	27,40%	23,00%	8,30%	10,50%
Resultado (05/10)	-	39,60%	31,67%	20,9	7,83	-

Fonte: Dados do TSE, compilados pelo autor (2026).

A análise da Tabela 3 revela um ambiente de alta volatilidade. A candidatura de Fernando Estima (PSDB), representante da continuidade do governo, oscilou entre 17% e 23%, mantendo-se estagnada e abaixo do potencial esperado para uma legenda que governava a cidade há 12 anos.

Chama atenção, contudo, a significativa divergência entre os levantamentos. As pesquisas contratadas pela própria campanha de Perondi e realizadas pelo Instituto Igape — a primeira (RS-04810/2024) entre 21 e 23 de setembro, com 700 entrevistados e margem de erro de 3,78 pontos, e a segunda (RS-08802/2024) entre 29 e 30 de setembro, com 800 entrevistados e margem de erro de 3,46 pontos — apontavam, respectivamente, 25,1% e 27,4% para o candidato do PL. Já a pesquisa contratada pela Associação Rede de Suprimentos da Região Sul e realizada pelo Instituto Veritas (RS-07905/2024), entre 27 e 28 de setembro, com 400 entrevistados e margem de erro de 5 pontos, registrou apenas 11% para Perondi — uma diferença que supera em muito as margens de erro de ambos os institutos.

³³ Todos os resultados levantados foram para as pesquisas *estimuladas*, que apresentaram uma lista de candidatos para o entrevistado escolher, medindo a força e preferência dentro de um cenário competitivo.

³⁴ Pesquisa contratada pela campanha de Marciano Perondi, com recursos do Fundo Partidário. Realizada pelo Instituto Igape entre 21 e 23 de setembro de 2024, com 700 entrevistas presenciais em pontos de fluxo e domicílios. Margem de erro de 3,78 pontos percentuais para mais ou para menos, com nível de confiança de 95%.

³⁵ Pesquisa contratada pela Associação Rede de Suprimentos da Região Sul. Realizada pelo Instituto Veritas entre 27 e 28 de setembro de 2024, com 400 entrevistas presenciais em domicílios. Margem de erro de 5 pontos percentuais para mais ou para menos, com nível de confiança de 95%.

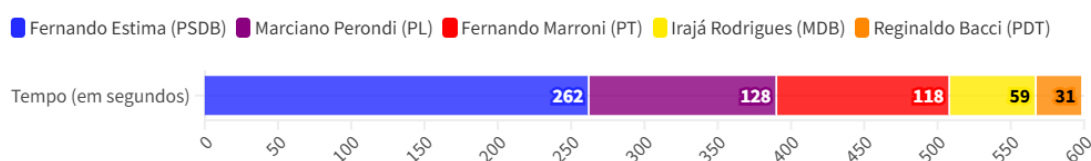
³⁶ Pesquisa contratada pela campanha de Marciano Perondi, com recursos do Fundo Partidário. Realizada pelo Instituto Igape entre 29 e 30 de setembro de 2024, com 800 entrevistas presenciais em pontos de fluxo e domicílios. Margem de erro de 3,46 pontos percentuais para mais ou para menos, com nível de confiança de 95%.

Tal discrepância pode estar associada a diferenças metodológicas, como o tamanho da amostra (400 entrevistas da Veritas contra 700 e 800 do Igape), os critérios de abordagem ou mesmo dificuldades específicas do Instituto Veritas em captar determinados perfis de eleitorado — hipótese reforçada pelo fato de a pesquisa do dia 25 ter sido a única, entre as três, que não foi contratada pela campanha de Perondi. O resultado das urnas, com 31,67% dos votos para o candidato do PL, situou-se dentro da margem de erro da última pesquisa do Igape (que projetava 27,4%, com variação possível entre 23,94% e 30,86%), mas muito acima da projeção da Veritas.

Essa volatilidade e a subestimação consistente de Perondi em um dos levantamentos sugerem que o discurso do candidato pode ter mobilizado setores do eleitorado de forma tardia ou sub-representada em determinadas amostras.

Um elemento crucial para sustentar a premissa de que os fatores estruturais não garantiram o sucesso reside na análise do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE). A candidatura de Fernando Estima (PSDB) possuía, a princípio, uma vantagem material expressiva. Como candidato da maior coligação, composta por dez partidos, Estima teve direito a 46% do tempo total de propaganda no rádio e na TV, totalizando quatro minutos e 22 segundos diários — mais do que o tempo de Perondi e Marroni juntos (Dutra, 2024d).

Figura 1 – Gráfico do tempo de TV e rádio (HGPE) dos candidatos a prefeito de Pelotas em 2024 (1º turno)



Fonte: A Hora do Sul (Dutra, 2024d).

Em uma lógica estruturalista, essa disparidade no tempo de propaganda eleitoral deveria garantir a hegemonia midiática da campanha. Em contrapartida, Marciano Perondi (PL), coligado apenas com o PRD, teve apenas dois minutos e oito segundos de tempo diário — menos da metade do tempo do candidato tucano. A candidatura de Fernando Marroni (PT) teve um minuto e 58 segundos, ficando ligeiramente atrás de Perondi (Dutra, 2024d).

Contudo, o resultado do primeiro turno demonstrou uma desconexão entre a força da máquina propagandística e a eficácia do discurso. Apesar de possuir mais

que o dobro do tempo de TV do que Perondi, Estima obteve apenas 20,9% dos votos, sendo superado amplamente pelo candidato do PL (31,67%). Esse dado empírico evidencia que a “estrutura” (tempo de propaganda, número de partidos coligados) não conseguiu fixar o sentido de “continuidade” no eleitorado³⁷.

5.2 O segundo turno: reconfiguração de forças e a abertura da contingência

O cenário do segundo turno apresentou-se como uma disputa acirrada, com margens dentro da margem de erro apontadas pelas pesquisas. A Tabela 4 abaixo sintetiza os dados da reta final, que apontava uma aproximação entre as candidaturas:

Tabela 4 – Resultados das Pesquisas Eleitorais para a Prefeitura de Pelotas em 2024 (2º Turno)³⁸

Data de Registro	Nº Pesquisa	Fernando Marroni (PT)	Marciano Perondi (PL)	Branco/Nulo/In decisos
09/10/2024	RS-07509/2024 ³⁹	44,10%	47,90%	8,00%
18/10/2024	RS-07109/2024 ⁴⁰	45,73%	48,55%	5,72%
Resultado (27/10)	-	50,36%	49,64%	-

Fonte: Dados do TSE, compilados pelo autor (2026).

A eliminação de Fernando Estima no primeiro turno desencadeou uma reconfiguração sísmica no campo político local. O que parecia ser uma disputa polarizada entre PSDB e PT transformou-se em uma nova configuração onde o candidato do PL, Marciano Perondi, emergiu como o líder de um bloco político numericamente superior à esquerda no que tange à Câmara de Vereadores.

³⁷ Vale destacar que, no segundo turno, os programas do HGPE tiveram 10 minutos de duração, divididos igualmente entre Perondi e Marroni.

³⁸ Todos os resultados levantados foram para as pesquisas *estimuladas*, que apresentaram uma lista de candidatos para o entrevistado escolher, medindo a força e preferência dentro de um cenário competitivo.

³⁹ Pesquisa contratada pela campanha de Marciano Perondi, com recursos do Fundo Partidário. Realizada pelo Instituto Igape entre 09 e 11 de outubro de 2024, com 1.600 entrevistas presenciais em pontos de fluxo e domicílios. Margem de erro de 2,45 pontos percentuais para mais ou para menos, com nível de confiança de 95%.

⁴⁰ Pesquisa contratada pela campanha de Marciano Perondi, com recursos do Fundo Partidário. Realizada pelo Instituto Igape entre 19 e 21 de outubro de 2024, com 1.100 entrevistas presenciais em pontos de fluxo e domicílios. Margem de erro de 2,95 pontos percentuais para mais ou para menos, com nível de confiança de 95%.

Uma análise quantitativa das alianças de segundo turno revela que Perondi, embora candidato de um partido que concorria sozinho no primeiro turno, conseguiu aglutinar a maior parte da base parlamentar que sustentou o governo de Paula Mascarenhas. Buscando estruturar sua base, o candidato do PL angariou o apoio de seis dos onze partidos que compunham a coligação de Fernando Estima (PSDB), somados ao Partido Novo. Os partidos que migraram para o bloco de Perondi — PP, PSD, União Brasil, Republicanos, Solidariedade, Democracia Cristã e Novo — somaram expressivos 71.907 votos para vereador, elegendo 12 vereadores e constituindo a maioria absoluta da Câmara (Dutra, 2024d).

Do outro lado, Fernando Marroni (PT) conquistou os apoios de PDT, MDB e PSB. Somados aos partidos de sua base (PT, PCdoB, PV, PSOL e Rede), o bloco de Marroni totalizou 61.853 votos para vereador (Dutra, 2024e). Embora somando os votos nominais de Irajá Rodrigues (MDB) e Reginaldo Bacci (PDT) do primeiro turno a coligação de esquerda chegasse a 81.742 votos, os dados da Câmara demonstram que, no âmbito legislativo, a direita se reorganizou de forma mais agressiva em torno de Perondi.

Esses dados mostram que, ao contrário de uma candidatura isolada, Perondi construiu uma hegemonia de centro-direita na Câmara, atraindo a maioria dos partidos que compuseram o governo anterior. Isso criou uma dicotomia complexa: enquanto Marroni apostava na continuidade de seu projeto de esquerda, Perondi concentrava o poder da máquina parlamentar que sustentava o governo de Paula Mascarenhas.

Esse rearranjo forçou uma cisão interna no PSDB, evento central que definiu o clima do segundo turno. O diretório municipal do PSDB declarou neutralidade, mas as lideranças maiores tomaram caminhos opostos. A prefeita Paula Mascarenhas e o governador Eduardo Leite optaram por apoiar Fernando Marroni. Em nota pública, Paula classificou seu voto como “crítico” e “sem participação em eventual futuro governo”, justificando a escolha pela defesa do “campo democrático” e pelo “caminho mais seguro” (Barcelos, 2024). O governador Eduardo Leite, em entrevista à CNN Brasil, corroborou a decisão, afirmando que o outro lado (Perondi) “se afasta muito mais da minha forma de ver o mundo” (Dutra, 2024a).

Por outro lado, o deputado federal Daniel Trzeciak (PSDB) liderou o movimento inverso, declarando apoio a Marciano Perondi. Trzeciak justificou sua posição pela “oposição ao PT” e defendeu a “renovação” proposta pelo projeto do PL (Alves, 2024). Essa divisão interna no PSDB — entre a cúpula estadual/municipal (Paula/Leite) e

parte da base parlamentar (Trzeciak) — ilustra a contingência das articulações políticas.

No entanto, a reta final do segundo turno também foi marcada por tensões entre a candidatura de Perondi e setores da sociedade civil. Em 24 de outubro, o candidato foi alvo de um protesto de centenas de pessoas ligadas a religiões de matriz africana no Mercado Público. O motivo foi o ato de Perondi ter pisado em um adesivo demarcatório do orixá Bará, símbolo sagrado associado aos mercados e em processo de reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial (Dutra, 2024c).

O episódio gerou repercussão institucional: o Conselho Municipal do Povo de Terreiro e a Comissão de Igualdade Racial da OAB emitiram notas de repúdio classificando o ato como “intolerância religiosa”. Em sua defesa, Perondi afirmou não ter percebido o símbolo no chão e acusou o uso político da religião para atacá-lo, argumentando que respeitava todas as religiões (Dutra, 2024c).

Paralelamente, a campanha foi atravessada por um fato ocorrido ainda na pré-campanha: no dia 25 de junho, um veículo conduzido por Perondi envolveu-se em um acidente na BR-116 que vitimou um ciclista de 63 anos, que não resistiu aos ferimentos e faleceu duas semanas depois. Embora o episódio seja anterior ao período eleitoral, ele se fez presente ao longo de toda a campanha, sendo mencionado por adversários em debates e gerando questionamentos públicos sobre a conduta do candidato no momento do ocorrido — em especial, o fato de não ter aguardado a chegada da Polícia Rodoviária Federal no local, apresentando-se horas depois em outro município para registro da ocorrência (A Hora do Sul, 2024).

No segundo turno, o tema acirrou-se. Cartazes apócrifos foram espalhados por pontos da cidade com os dizeres “Perondi matou meu amigo” (Amigos de Pelotas, 2024b) e outras mensagens que faziam referência direta ao acidente. Em resposta, a coligação de Perondi acionou a Justiça Eleitoral contra a coligação de Fernando Marroni (PT) e um suplente de vereador do PSOL, sob acusação de distribuição irregular de propaganda negativa e abuso de poder econômico. No dia 23 de outubro, a juíza Maria Aline Vieira Fonseca determinou busca e apreensão no comitê de Marroni, no diretório municipal do PT e em um endereço ligado ao suplente do PSOL, decisão baseada em vídeos que, segundo a magistrada, “evidenciam a conduta de distribuição irregular, em desacordo com as normas eleitorais, configurando possível abuso de poder econômico e sonegação de gastos eleitorais” (Egídeo, 2024c). A

medida foi cumprida por servidores do Judiciário acompanhados da Polícia Federal, e a juíza também determinou a retirada de postagens do Instagram.

A campanha de Perondi explorou imediatamente o fato. No programa eleitoral do dia 24 de outubro, foi veiculada uma peça que associava a busca e apreensão à existência de “propaganda ilegal, com conteúdo falso e ofensivo”, encerrando com a mensagem de que “PT é caso de polícia” (HGPE, 24/10/2024).

No entanto, no último dia de propaganda eleitoral, 25 de outubro, foi veiculado um direito de resposta concedido à coligação adversária. O espaço foi utilizado para afirmar que as acusações não haviam sido provadas e que a denúncia consistira em uma tentativa de “criar um fato” e disseminar “fake News” contra a campanha de Marroni (HGPE, 25/10/2024). Até o momento de finalização deste trabalho, não foi possível localizar os desdobramentos judiciais definitivos acerca desse direito de resposta, nem informações sobre se a determinação se estendeu também às redes sociais do candidato.

A conjuntura de 2024 configurou-se, portanto, como um terreno complexo e volátil, onde estruturas como o tempo de propaganda e a hegemonia partidária tradicional falharam em garantir o resultado esperado. Com um eleitorado insatisfeito e pragmático, submetido a tensões simbólicas e reconfigurações de alianças tardias, o cenário estava aberto para que o fator decisivo fosse a eficácia da articulação discursiva.

6 O discurso eleitoral de Marciano Perondi em 2024

Após a contextualização histórica e eleitoral realizada nos capítulos anteriores, que traçaram o campo de forças e identificaram quais são os partidos tradicionais do sistema político pelotense, e os eventos contingentes do pleito de 2024 em Pelotas, a fim de analisar as condições de possibilidade da irrupção do fenômeno a ser analisado, o presente capítulo dedica-se à análise do *corpus* discursivo de Marciano Perondi. O objetivo aqui é aprofundar a compreensão dos mecanismos internos que permitiram a constituição de uma formação discursiva tendencialmente hegemônica capaz de ameaçar as estruturas tradicionais de poder da cidade.

Para operacionalizar essa análise, o capítulo estrutura-se em uma lógica que parte da descrição estática — o inventário dos elementos — para a análise dinâmica e estratégica — o funcionamento desses elementos na disputa hegemônica.

A seção 6.1, dedicada ao objetivo geral, apresenta o “mapa” discursivo da campanha. Nesta etapa, realizamos o mapeamento dos nós discursivos (Antagonismo, Sujeito, Desenvolvimento e Demandas Específicas), descrevendo sua topologia e funcionamento geral segundo os pressupostos teóricos de Laclau e Mouffe (2015). Trata-se, portanto, de compreender “o que existe” e como os elementos se organizam na superfície do discurso.

Na sequência, avançamos para a análise da estratégia de campanha e da reconfiguração dos sentidos. As seções 6.2 e 6.3 (objetivos específicos i e ii) investigam “como isso funciona” e muda ao longo do tempo. A seção 6.2 foca na reconfiguração do antagonismo, analisando como a construção do “outro” sofreu um deslocamento estratégico do primeiro para o segundo turno. A seção 6.3, por sua vez, investiga a lógica da equivalência e os meios de gestão, demonstrando como a campanha unificou demandas heterogêneas através da lógica empresarial da eficiência. Por fim, a seção 6.4 (objetivo específico iii) verifica a apropriação seletiva do repertório bolsonarista neste contexto municipal.

6.1 “Desenvolvimento, desenvolvimento, desenvolvimento”

Para compreender a dinâmica de articulação do discurso eleitoral de Marciano Perondi em 2024 — objetivo central desta pesquisa —, é preciso primeiro traçar seu “mapa” estrutural. Esta é a tarefa do presente subcapítulo: identificar e descrever os significantes — os “nós” — que compõem a campanha em sua dimensão estática, ainda que de forma contingente e precária. Uma vez estabelecidos os elementos que a estruturam, será possível, na sequência, analisar as estratégias pelas quais eles foram mobilizados e reconfigurados. Em outras palavras, antes de investigar *como* o discurso se move, é necessário mapear sobre *o quê* ele se articula.

A construção da hipótese que guia este trabalho seguiu um percurso metodológico de duas etapas: uma análise de conjuntura prévia e uma imersão exploratória no corpus discursivo da campanha.

A primeira aproximação com o objeto partiu da leitura analítica do contexto político local e do perfil do candidato — um empresário sem trajetória partidária prévia. De um lado, a candidatura de Perondi pelo PL inseria-se em um cenário eleitoral historicamente dominado por legendas tradicionais (como MDB, PP, PSDB e PT). Essa configuração permitia supor, como conjectura inicial, a possível construção de um antagonismo entre o “novo” (outsider, gestor) e o “velho” (políticos profissionais). De outro lado, a filiação ao partido de Jair Bolsonaro e o apoio de figuras do bolsonarismo indicavam, em tese, a presença de um repertório nacional que poderia ser mobilizado localmente. No entanto, essa leitura de conjuntura, por si só, era insuficiente. Ela indicava possibilidades, mas não explicava como essas operações se dariam em um pleito municipal, nem qual seria o eixo aglutinador capaz de unificar as múltiplas demandas sociais da cidade. Era necessário, portanto, confrontar essas suspeitas iniciais com o discurso efetivamente produzido pela campanha.

Foi a partir da imersão exploratória no corpus discursivo — composto por materiais de campanha, como programas de televisão, santinhos, publicações em redes sociais e entrevistas — que as conjecturas iniciais puderam ser refinadas e articuladas em uma hipótese consistente. Essa etapa revelou três operações discursivas recorrentes que se tornaram os pilares da hipótese. Primeiro, a oposição ao “velho” não era abstrata: ela se materializava no discurso por meio do significante “velha política”, diretamente associado à corrupção e à estagnação, confirmando a polarização “mudança” versus “continuidade”. Segundo, a crítica ao passado não sustentava o discurso sozinha; a imersão no corpus revelou que a “eficiência” e a “renovação” administrativa, ancoradas no perfil empresarial do candidato,

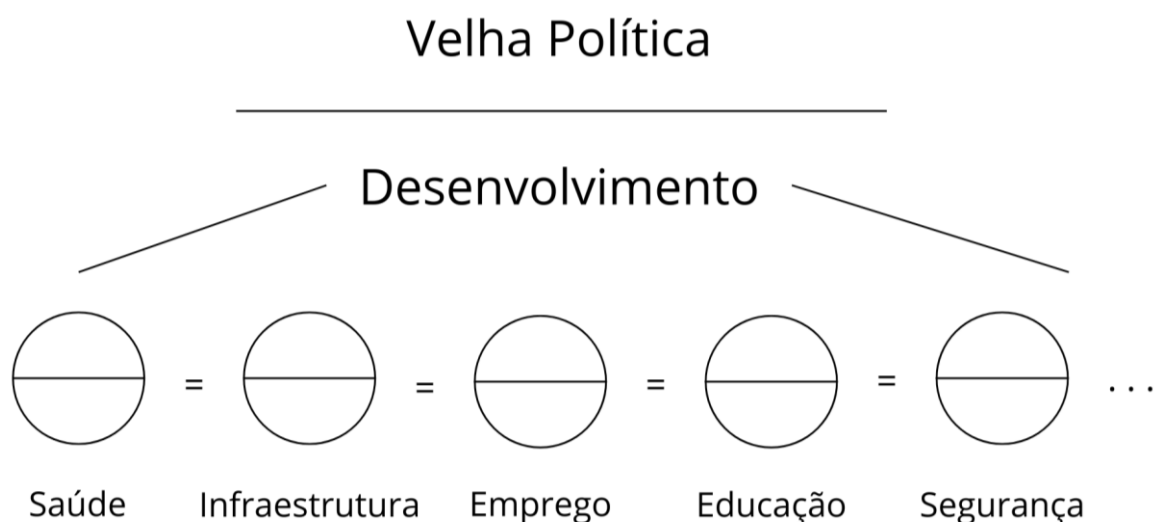
funcionavam como uma lógica unificadora capaz de articular demandas heterogêneas (saúde, emprego, infraestrutura) em torno de uma promessa de solução crível. Terceiro, a presença de elementos do bolsonarismo — como o antipetismo e a valorização da segurança e da moralidade — foi confirmada, mas a análise exploratória mostrou que eles não eram importados mecanicamente: sofriam uma adaptação necessária ao contexto municipal, perdendo sua roupagem mais radical para se adequar à especificidade do eleitorado pelotense.

Dessa forma, a hipótese a ser testada na análise sistemática não é um pressuposto teórico abstrato, mas sim o resultado sistematizado dessa imersão exploratória. Ela propõe que o expressivo desempenho da campanha de Marciano Perondi se explica pela construção de uma formação discursiva tendencialmente hegemônica, que articulou de forma bem-sucedida três elementos centrais: (i) um antagonismo estratégico contra a “velha política”; (ii) a unificação de diversas demandas sociais insatisfeitas em torno da lógica da “eficiência” e da “renovação”; e (iii) a apropriação seletiva de elementos do repertório bolsonarista, adaptados ao contexto municipal. Essa articulação, ao constituir uma nova identidade política, teria sido capaz de atrair um eleitorado transversal, fragmentando a hegemonia dos partidos tradicionais em Pelotas.

Após a operacionalização das análises conforme os procedimentos metodológicos descritos no capítulo 3 deste trabalho, os resultados obtidos através da leitura do *corpus* e da codificação no NVivo apontaram para a configuração de uma estrutura discursiva específica. A análise empírica permitiu identificar como esses elementos teóricos concretizam-se na prática, validando a expectativa de uma articulação hegemônica complexa.

Essa estrutura complexa pode ser visualizada na figura a seguir, que sintetiza a cadeia de equivalências operada na campanha:

Figura 2 – Diagrama da cadeia de equivalências do discurso eleitoral de Marciano Perondi



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Laclau (2003, p. 302–303).

O diagrama acima sintetiza a topologia discursiva operada na campanha de Perondi segundo o modelo de Laclau (2003, p. 302). O elemento “Velha Política” posicionado acima da linha horizontal representa o corte antagônico, ou seja, o inimigo. A linha horizontal funciona como a fronteira que separa esse antagonismo do restante da sociedade. Já os círculos que representam “saúde”, “infraestrutura”, “emprego”, “educação” e “segurança” correspondem às demandas particulares. É importante notar que cada círculo se divide em duas partes: a inferior representa a especificidade isolada da demanda, enquanto a parte superior expressa o elemento unificador de caráter antissistema, que possibilita a articulação dessas demandas em uma cadeia de equivalências. Por fim, o ponto central “Desenvolvimento”, localizado acima dos semicírculos de equivalência, representa o equivalente geral (ou universal). É crucial observar que, no modelo laclauniano, ele não é um elemento externo, mas sim um dos significantes articulados pela própria cadeia que, por ocupar uma posição hegemônica, passa a representar e nomear a totalidade da cadeia de equivalências, simbolizando assim a universalidade do campo discursivo (Laclau, 2003, p. 303).

Cada uma dessas demandas, em sua particularidade, encontra-se desvinculada das demais; o que as une é o fato de constituírem, entre si, uma cadeia de equivalências na qual todas compartilham de um sentido antissistêmico. A presença de uma fronteira entre o “desenvolvimento” e a “velha política” é, assim, a própria condição da universalização das demandas por meio das equivalências. Quanto mais extensa a cadeia de equivalências, maior a necessidade de um

equivalente geral que represente a cadeia como uma universalidade. Os meios de representação são, contudo, apenas as particularidades existentes. Portanto, uma delas deve assumir a representação da cadeia como totalidade. Esse é o movimento estritamente hegemônico: quando o corpo de uma particularidade assume a função de representação universal (Laclau, 2003, p. 302).

Seguindo o próprio exemplo de Laclau (2002, p. 122–123), citado no capítulo 2 deste trabalho, e adaptando-o para o contexto da campanha de Perondi, o “Desenvolvimento” pode ser visto como o reverso positivo de uma situação de estagnação e ineficiência generalizada atribuída à “velha política”. A situação inicial à qual o “Desenvolvimento” se opõe é a experiência da carência, vivenciada em diferentes pontos do tecido social – seja na falta de “saúde”, na precariedade da “infraestrutura”, no desemprego (“emprego”), na deficiência da “educação” ou na ausência de “segurança”. Pois bem, uma vez que essa experiência de insuficiência ocorre em diferentes esferas, todos esses problemas são vividos como equivalentes uns aos outros; além de suas diferenças específicas, todos eles apontam para uma situação semelhante de deslocamento e desestruturação da vida urbana.

Dessa forma, a “plenitude”, como reverso positivo dessa situação de falta constitutiva, é o que trará à comunidade (pelotense) sua identidade ausente: a cidade “desenvolvida”. Aqui, no entanto, surge uma segunda dimensão. Sabemos que uma relação de equivalência enfraquece o sentido diferencial: se devemos nos concentrar naquilo que todas as diferenças têm em comum (a rejeição às gestões anteriores e o desejo de melhoria), devemos nos dirigir na direção “mais além” de todas as diferenças, que tenderá a ser o vazio. O “Desenvolvimento”, portanto, não pode ter um conteúdo particular fixo (não é restrito a apenas uma obra, uma política ou um setor específico), uma vez que é o mero reverso de todas as situações vividas como “não-desenvolvimento” sob o signo da “velha política”.

6.1.1 Mapeamento dos nós discursivos

Apresentado o modelo teórico geral da construção discursiva de Perondi, esta seção dedica-se a descrever os elementos constitutivos que preencheram as posições discursivas na campanha de Perondi. Trata-se de mapear o “inventário” de significantes que operaram na estrutura: o antagonismo central, o ponto nodal

hegemônico e as demandas específicas que compuseram a cadeia de equivalências. É a partir desta identificação que poderemos, nas seções subsequentes, analisar as dinâmicas de reconfiguração e articulação.

A Tabela 5 sintetiza os nós e subnós teóricos operacionalizados no *NVivo*, apresentando a frequência de fontes e referências codificadas, o que demonstra a materialidade desses significantes no *corpus* analisado.

Tabela 5 – Nós e Subnós analíticos criados e operacionalizados no *NVivo*

Nó	Fontes	Referências
• Antagonismo	47	146
• Desenvolvimento	35	123
○ Empresas	30	45
○ Gestão Eficiente	16	35
○ Redução da máquina pública	15	33
○ Desburocratização	19	30
• Infraestrutura	16	101
• Saúde	35	93
• Educação	27	62
○ Escolas cívico-militares	7	17
• Sujeito Perondi	34	58
• Emprego	27	51
• Segurança	12	21

Fonte: Elaborada pelo autor (2026).

6.1.1.1 Antagonismo: a velha política

Como vimos anteriormente, o antagonismo é a própria condição de possibilidade e o ponto de partida de toda formação discursiva; é a partir da construção de uma fronteira antagônica que o “nós” e o “eles” se constituem. A fronteira antagônica traçada por Perondi ao longo de sua campanha se constitui pela oposição direta às forças políticas tradicionais da cidade, especialmente ao PT, na figura de seu candidato Fernando Marroni, mas também ao PSDB, na figura do candidato Fernando Estima, que representava o governo em exercício desde 2012, ambos sendo significados como parte da mesma velha política que teria fracassado na gestão da cidade.

Para visualizar a preponderância dos significantes que compõem esse nó, a Figura 3 abaixo destaca os termos de maior frequência recorrentes nas fontes codificadas como “Antagonismo”:

chamarem Fernando —, dois fantoches que representam seus principais adversários, caricaturados como figuras que, apesar de se apresentarem como “novos”, estão vinculadas a práticas e estruturas da velha política. Um exemplo emblemático desses diálogos pode ser visto no primeiro HGPE do primeiro turno:

Fantoche 1 [vestido de vermelho]: Oi, tudo bem?
 Perondi [vestido de azul claro]: Quem tu é?
 Fantoche 1: Eu sou o Ferdinando! Candidato a prefeito!
 Fantoche 2 [vestido de azul escuro]: Alguém falou em prefeito? Eu sou o próximo prefeito!
 Perondi: E tu, quem é?
 Fantoche 2: Eu sou o Ferdinando! Candidato de verdade a prefeito!
 Perondi: Mais um?
 Fantoche 2: Eu sou o novo! Sempre novo! Eu represento o novo!
 Perondi: Ué, mas teu partido tá na prefeitura há 150 anos.
 Fantoche 2: Não me interessa! Eu sou novo e pronto! Sou o novo de novo pra sempre novo! Uma nova política!
 Perondi: Mas e eu que nunca concorri? Eu que sou novo!
 Fantoche 1: Não! Eu sou o novo! O novo amanhecer! O novo entardecer! Anoitecer! Nunca sei, a pessoa do marketing escolhe essas coisas!
 Perondi: Mas quantas vezes você já concorreu?
 Fantoche 1: 164 vezes, mas não interessa! Eu sou o novo! (HGPE, 30/08/2024)⁴¹

Já a denúncia da “linha de sucessão”, Perondi remonta à cadeia de poder há décadas, sugerindo que a prefeitura é herdada de um “dono” para o outro. Numa entrevista à Rádio Tupanci, ele detalha essa genealogia para deslegitimar o candidato adversário:

[...] Pelotas está com uma velha política há quanto tempo? Cara, é um assessor do outro. Tinha o Fetter, fez um bom governo, um ótimo administrador. Depois, só que o assessor dele assumiu que era o Eduardo. Seguiu. O Eduardo gostou dele também, boa pessoa. Mas daí depois seguiu quem? A Paula que era do Fetter, que era do Eduardo e tudo. E vai seguindo. São sempre os mesmos no poder. E daí quem está lá dentro, a estrutura fica porque um depende do outro. Agora lotearam a prefeitura, né? O Estima está ali com quanto? Mais de 10 partidos. Cara, onde é que vai caber esse pessoal? Não vai ter isso no meu governo, cara. Vai ter um governo técnico (Entrevista à Rádio Tupanci, 09/09/2024).

Esse argumento ganha contornos mais dramáticos no segundo turno, quando o foco da crítica se volta intensamente para Fernando Marroni e para a continuidade

⁴¹ Para garantir a fluidez da leitura e evitar a sobrecarga de referências no corpo do texto e na lista final, as citações do corpus discursivo seguirão um formato simplificado, indicando a natureza do material e a data de veiculação (ex: HGPE, 30/08/2024; Debate RBS TV, 04/10/2024; Entrevista à RádioCom, 11/09/2024). A identificação completa e o acesso a todos os materiais são garantidos pelo Apêndice A (materiais públicos) e pelo repositório digital da pesquisa, indicado na seção 2.3 deste trabalho.

dos mesmos projetos. Em uma peça do HGPE, Perondi apela diretamente ao medo do retrocesso para consolidar a fronteira:

A mudança vai acontecer. Vamos ampliar essa diferença. O futuro vai vencer o passado. O desejo de uma cidade melhor está superando o medo do desconhecido. Ainda não acabou. A batalha ainda está sendo travada. Eu preciso buscar cada apoio, inspirar as pessoas, passar confiança, mostrar um novo caminho. Me ajudem. Quem não votou no primeiro turno pode e deve votar no segundo. Seu voto é importante demais. Peço que leve os vovôs e as vovós que não são mais obrigados a ir votar para que inspirem os mais novos como exemplo de vocês. Vão às urnas, não deixem o retrocesso, a velha política voltar. Me ajudem a melhorar a vida de cada pelotense (HGPE, 15/10/2024).

É fundamental notar, contudo, que a definição do antagonismo (o “eles”) serve também, por contraste, para começar a traçar a figura do “nós” (o sujeito da campanha). Se a “velha política” é caracterizada pela necessidade — os políticos profissionais que precisam do cargo para sobreviver —, o discurso de Perondi constrói a sua própria posição discursiva baseada na suficiência. Numa entrevista à RádioCom, ele estabelece esse contraste ao rejeitar a carreira política, utilizando-se de sua identidade empresarial para marcar a diferença radical com o adversário:

Gente, como eu sempre falei, eu nunca nem pensei em ser prefeito. Eu decidi ser prefeito, como uma resposta a Pelotas. Eu pensei em ser prefeito agora em março desse ano. Eu nunca nem tinha cogitado essa ideia. Eu não preciso disso. Tenho minhas empresas. Sigo minha vida. Tenho a minha vida privada muito bem. Sou advogado. Tenho consultor no colégio. Eu não precisaria disso. Só que se eu não fizer isso, quem é que vai fazer? O Estima que participou de todos os governos, praticamente os últimos cinco governos que teve aí, participou. O Marroni, que já participou do governo de Pelotas. E Pelotas continua ruim. O governo federal também, que é do mesmo partido, está castigando o Rio Grande do Sul. Está ferrando o Rio Grande do Sul. Não passou 15% do que prometeu passar. E o povo está lá, ó, à míngua, na miséria. O que o governo federal fez para o Rio Grande do Sul? Sabe? E tem partido, tem candidato que concorre, mas não tem muita repercussão. Então eu vou falar dos dois que têm alguma chance, que seria o Estima e o Marroni, sabe? Então, se vieram esses candidatos aí, pelo amor de Deus. Eu ouvi o Irajá. O Irajá, não tenho nada contra ele, uma ótima pessoa, uma rica дума pessoa. Mas ele está com quase 90 anos, gente, é difícil. É isso que querem para Pelotas? Botar sempre os mesmos e esperar o resultado diferente? Tu quer botar o mesmo e esperar o resultado diferente? Isso aí não existe. Vamos colocar gente nova ali, que nunca participou desse governo, não tem rabo preso com ninguém (Entrevista à RádioCom, 11/09/2024).

Ao afirmar “eu não preciso disso”, Perondi opera uma dupla distinção. Em primeiro lugar, nega qualquer dependência pessoal em relação ao cargo público — diferentemente, sugere, dos candidatos com trajetórias políticas consolidadas, que

teriam na política sua principal atividade ou fonte de sustento. Em segundo lugar, ainda que não utilize explicitamente a expressão “velha política”, o candidato inscreve sua fala em uma oposição mais ampla entre os “sempre os mesmos” que se alternam no poder e a “gente nova” que nunca participou dos governos anteriores. Essa construção discursiva, ao associar os adversários à repetição e à falta de resultados (“botar sempre os mesmos e esperar o resultado diferente”), prepara o terreno para o antagonismo que será progressivamente nomeado, em outros momentos da campanha, como oposição entre a “renovação” e a “velha política”. A negação da necessidade pessoal da política (“eu não preciso disso”) é, assim, o primeiro movimento de constituição de um sujeito político que se apresenta como alternativa desinteressada e, por isso mesmo, confiável.

6.1.1.2 A posição discursiva do sujeito: o empresário-gestor

Se o antagonismo define o inimigo externo, a hegemonia exige a construção de uma identidade interna que se contraponha a ele. Na teoria do discurso, essa identidade é o sujeito, mas não um sujeito pré-existente, e sim uma posição discursiva constituída pela própria articulação. No *corpus* analisado, identificamos um nó central denominado “Sujeito Perondi”, que não se refere apenas à biografia do candidato, mas à construção da imagem de “empresário-gestor”. É ocupando essa posição que o discurso se autoriza a falar em nome da “eficiência” e na promessa de “Desenvolvimento”.

A Figura 5, referente ao nó “Sujeito Perondi”, ilustra as palavras que orbitam a construção dessa identidade no *corpus*, destacando termos como “empresário”, “novo” e “mudar”.

Figura 5 – Nuvem de palavras dos termos de maior ocorrência no nó “Sujeito Perondi”



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do *software NVivo* (2026).

Além disso, a Figura 6 revela como a enunciação em primeira pessoa (“eu sou”) estrutura semanticamente a posição discursiva do sujeito. Visualmente, o termo “eu sou” funciona como um tronco central que se ramifica diretamente para os significantes “empresário” e “gestor”, confirmando que essas são as identidades mais frequentemente associadas à autoapresentação de Perondi:

Figura 6 – Árvore de palavras das conexões de sentido que o termo “eu sou” estabelece com as codificações do nó “Sujeito Perondi”



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do *software NVivo* (2026).

A constituição dessa posição de sujeito opera, inicialmente, pela marcação radical da diferença em relação ao campo antagonizado. Se o inimigo é a “velha política” definida pela repetição e pela necessidade de poder, o “nós” (Perondi) é construído pela ruptura e pela suficiência. Essa estratégia de diferenciação fica

evidente nos programas eleitorais, onde o candidato reitera ao eleitorado que a insatisfação atual deve se transformar em um voto por novidade:

Quando votamos sempre nas mesmas pessoas e nos mesmos partidos, estamos dizendo que está tudo bem. Estamos dizendo que estamos satisfeitos com a vida que temos, com a cidade que temos e com o poder público que temos. Se nos últimos 12 anos a cidade esteve a mil maravilhas, cuidada, limpa, com o atendimento pleno de saúde, educação, pavimentação, saneamento, aí faz sentido continuar por esse caminho. Agora, se a realidade já não é bem assim, é preciso mudar. Perondi é a mudança, é o novo (HGPE, 07/09/2024).

A exclusividade dessa condição de “novo” é reforçada para isolar os adversários no mesmo bloco da continuidade. No último programa do primeiro turno, Perondi sintetiza essa lógica, posicionando-se como a única alternativa plausível fora do “saco” da política tradicional: “Somos os únicos diferentes, o resto aí é tudo farinha do mesmo saco. O candidato do governo está desesperado. Quem anda nas ruas e já teve a oportunidade de conversar com a gente, sabe que nós somos diferentes” (HGPE, 03/10/24).

No entanto, para sustentar a promessa de mudança, a posição de sujeito não pode se basear apenas na negação. É necessário dotá-la de atributos positivos que legitimem a capacidade de realizar o “Desenvolvimento”. É aqui que o discurso opera o deslocamento da lógica da política para a lógica empresarial. O candidato não se apresenta apenas como uma figura de fora da política, mas como um gestor competente cujo sucesso no setor privado é a garantia de sucesso no setor público:

Nós temos que correr atrás nesses últimos cinco dias e vencer essa eleição, porque do jeito que está e com que já foi governada essa cidade, a gente precisa mudar, precisamos mudar essa cidade. Eu venho aqui como proposta, eu sou empresário, comecei do nada e eu estou aqui para colocar um pouco do que eu fiz na minha iniciativa privada na vida pública. A iniciativa privada, eu construí uma empresa, construí um colégio, montei uma vida, construí um patrimônio e isso a gente pode também se espelhar para a vida pública e trazer desenvolvimento para uma cidade (Debate A Hora TV, 01/10/2024).

Essa construção do “empresário-gestor” é complementada por uma retórica biográfica que valida o caráter de trabalhador e resiliente do candidato. Ao trazer a voz do pai, o discurso objetiva e moraliza as qualidades de Perondi, associando a identidade de “empresário” não apenas ao capital, mas ao esforço e à disciplina. O

testemunho paterno funciona como um “ato de fé” na capacidade do sujeito de assumir a liderança da cidade:

Pai do Perondi: O Marciano é candidato a prefeito de Pelotas. Eu acho que seria muito bom se ele fosse eleito. Começou a trabalhar com sete anos. Estudava de manhã, de tarde. Trabalhava na roça comigo. Por conta própria, sabe? Ele gostava de trabalhar. Com oito anos ele já conseguia criar bichinhos, vender e trazer dinheiro para dentro de casa. Para mim, era um chefe de família. Ele era muito caxias, rígido. Pelotas precisa de alguém que leve desenvolvimento, progresso. E eu sei que o Marciano consegue fazer isso porque ele nunca desiste. E ele faz acontecer (HGPE, 12/10/2024).

Assim, a posição discursiva do sujeito “Perondi” se configura como a síntese entre a novidade política e a competência técnica gerencial. É esse corpo (empresário/gestor) que estará apto a encarnar o significante vazio de “Desenvolvimento” e a operacionalizar as práticas articulatórias necessárias para alcançar a hegemonia, como veremos a seguir.

6.1.1.3 Desenvolvimento

Como já vimos, “Desenvolvimento” ocupa uma posição central na cadeia de equivalências articulada no discurso de Perondi, funcionando como o principal significante vazio capaz de condensar os diversos sentidos mobilizados por sua campanha. É a partir dele que se estabelece a promessa de superação dos problemas da cidade, aparecendo como uma solução transversal para todas as demais demandas.

A Figura 7 referente ao nó “Desenvolvimento” destaca termos como “empresas”, “dinheiro”, “investimento” e “emprego”, indicando que, embora o significante central seja abstrato, ele é constantemente ancorado na materialidade do mercado de trabalho:

Figura 7 – Nuvem de palavras dos termos de maior ocorrência no nó “Desenvolvimento”



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do software NVivo (2026).

A análise empírica demonstrou que, embora o termo “desenvolvimento econômico” apareça com frequência no discurso, não há distinção semântica substantiva entre este e o termo isolado “desenvolvimento” no *corpus*. Ambos funcionam como equivalentes na estruturação do seu discurso de campanha. No Plano de Governo, a hegemonia desse significante já é estabelecida como a “chave mestra” para todas as soluções:

Pelotas, com sua rica história cultural, econômica e educacional enfrenta desafios significativos que precisam ser superados para recuperar o brilho de sua Era de Ouro. Assume-se aqui o desafio de resgatar a pujança e o desenvolvimento da cidade, a partir da priorização do desenvolvimento econômico e da geração de empregos.

As demandas sociais, culturais, ambientais, estruturais e o exercício da cidadania encontram no desenvolvimento econômico, e na geração de empregos, a força necessária para promover as mudanças que vêm sendo negligenciadas pelas administrações anteriores.

O emprego muda a vida de uma família inteira, cria perspectiva, ensina a sonhar, promove o crescimento das pessoas e o exercício pleno da cidadania.

Saúde, educação, segurança, infraestrutura, entre tantas outras demandas de Pelotas, serão melhor atendidas quando conquistarmos o desenvolvimento econômico (Plano de Governo, 2024).

A lógica discursiva apresentada no documento oficial é replicada nos pronunciamentos e peças de propaganda cotidianos da campanha. Perondi opera um deslocamento das insatisfações pontuais para um denominador comum: a falta de desenvolvimento. Em uma abordagem de rua, veiculada em uma peça do seu HGPE,

a resposta a um cidadão que reclama da cidade “jogada às traças” imediatamente converte a demanda específica por melhoria urbana na promessa genérica de “desenvolvimento” e “emprego”:

Perondi: Carlos, o que falta em Pelotas, na tua opinião?

Cidadão 1: Olha tchê, um desenvolvimento melhor, né? A cidade tá jogada às traças. O emprego aqui em Pelotas sempre foi fraco. Eu trabalho mais assim por conta, mas eu vejo muita pessoa reclamando, né?

Perondi: Não te preocupa que a meta que eu tenho é trazer desenvolvimento pra essa cidade. Trazer emprego, é isso que o povo precisa. Não deixar empresas entrarem aqui, cara, é um tapa na cara da população.

Cidadão 1: Tem que mudar muito, tá? Tá bem complicado, e eu sou daqui, desde, de, novo, e é sempre a mesma coisa. Não muda nada.

Várias pessoas: Falta investimento. Faltam vagas. Falta emprego. Falta recursos. Falta oportunidade. Falta incentivo. Falta dignidade.

Em libras: Falta desenvolvimento (HGPE, 21/09/2024).

Esse poder de absorção do significante “Desenvolvimento” torna-se ainda mais evidente quando aplicado a questões sociais complexas, que demandariam políticas públicas específicas e interseccionais. Ao responder sobre a situação de moradores de rua em Pelotas durante uma entrevista, Perondi reconhece a gravidade do problema (quase 3 mil pessoas), mas a solução proposta novamente remete à macroeconomia municipal:

Apresentadora: Candidato, hoje a cidade tem uma realidade que é muito comum aos municípios de médio e grande porte. Pessoas vivendo de doações, pessoas dormindo na cidade, pessoas dormindo na cidade, pessoas morando nas ruas da cidade. Quais são as suas ações efetivas para essa população que vive em vulnerabilidade social?

Perondi: Respeitar elas, mas no seguinte sentido. Essas pessoas hoje são quase 3 mil pessoas morando na rua. Tem mais morador de rua que Porto Alegre. Uma cidade pobre. Tem dois projetos para isso. O primeiro, eu vou trazer o maior desenvolvimento econômico que essa cidade já teve. Isso é uma meta que eu tenho. Desburocratizando a cidade, trazendo para cá dinheiro, investimento. Tem albergues hoje em Pelotas. E o que eu pretendo fazer? Melhorar esses albergues. Dar condição melhor. Ampliar esses albergues para acolher essas pessoas de rua. Porque eles precisam um mínimo. E hoje estão na rua com droga. Não digo uma maioria, mas uma grande parte deles são dependentes químicos. Então ficam morando na rua. E é ruim para a cidade, mas é ruim para eles (Entrevista à RádioCom, 11/09/2024).

O exemplo mais radical da lógica de equivalência sob o “Desenvolvimento” ocorre ao tratar da violência contra a mulher. Mesmo diante de uma pergunta técnica que descreve uma rede de enfrentamento completa, mas mal gerida (delegacia, casa-

abrigo, patrulha Maria da Penha), o candidato desloca a causalidade do problema para a falta de emprego e dinheiro:

Niara de Oliveira: Niara de Oliveira. Frente Feminista 8M. Pelotas lidera o ranking das 22 cidades da região do COREDE-SUL em todos os índices de violência contra as mulheres. Embora tenha a rede de enfrentamento à violência completa com todos os serviços. Delegacia, centro de referência, casa-abrigo, projeto das torzeleiras eletrônicas, Patrulha Maria da Penha, Vaga da Violência Doméstica. Toda a rede completa. Essa rede, ela não funciona bem. Opera com baixíssimo orçamento. Não reúne, não discute os casos, não discute fluxo. E acaba não incidindo sobre o problema. Acaba não evitando os índices de violência. Qual o teu compromisso com o funcionamento da rede de enfrentamento à violência contra a mulher?

Perondi: O meu compromisso é total. Violência contra a mulher, isso aí não tem perdão. Tudo que eu puder fazer para impedir esse tipo de violência, pode ter certeza que eu vou fazer. Então se tem uma coisa que eu não suporto é bater em mulher, vulnerável. E eu diria que mulher também é vulnerável porque ela é mais fraca. Muito difícil ela conseguir competir com um homem. Tem testosterona, é mais forte. Então tem que proteger os vulneráveis, proteger a mulher. E eu bato sempre na mesma tecla. O que que acontece? Por que acontece esse tipo de violência? Cidade pobre. A cidade que não tem desenvolvimento. A cidade que o cara tá em casa sem emprego às vezes o dia inteiro, é lógico que dá problema, é lógico que dá atrito. Nós temos que trazer desenvolvimento, eu bato nessa tecla. Eu chego a ser redundante, mas pelo amor de Deus nós temos que trazer emprego para essa cidade, desenvolvimento. Que daí o cara vai estar trabalhando o dia todo. Diminui muito essa questão de violência doméstica. Muita coisa passa por dinheiro. Quando tem uma família e o chefe de família não consegue sustentar sua família. Sabe? Ele entra... Ele vai à loucura. É difícil. Sabe? A gente tem que trazer desenvolvimento. Não se justifica em nenhuma hipótese a violência à mulher. Em nenhuma hipótese. Mas tem que também dar um pouquinho de dignidade para a população. E trazer desenvolvimento para essa população. Para que ela tenha recursos. Para que ela possa sobreviver. Quando tu não tem nada. Tem muita gente que não tem nada. Não tem nada a perder. Nós temos que trazer esse desenvolvimento para cá. Quanto mais desenvolvida a cidade. Menos violência doméstica. Olha os índices. Qualquer cidade. Quanto mais desenvolvida. Menos violência. Então temos que desenvolver. Temos que trazer dinheiro para cá. Trazer desenvolvimento para cá. Isso vai ajudar. Isso melhora tudo. Melhora a questão de violência. Claro que a gente vai atuar fortemente. Não se admite nenhum tipo de violência. Nem agora nem depois. Mas tem que melhorar. Melhora a violência. Melhora a questão da prefeitura. Se a prefeitura está hoje com 300 milhões de déficit. E tem que falar que tem que criar. De onde vai criar para dar assistência. Para melhorar. Melhorar a assistência. Na verdade, em todos os setores. Tanto nesse que a moça falou no vídeo. Como assistência de ruas. Como assistência de educação. Como assistência de saúde. Como assistência da zeladoria da cidade. No geral. Então nós temos que trazer desenvolvimento. E temos que ampliar a guarda municipal. Para poder dar uma assistência melhor. Ou triplicar ou quadruplicar a guarda municipal. Como é que tu vai fazer isso? Gente deixando a empresa vir para cá. Deixando ter investimento. Trazendo dinheiro. Sem dinheiro não se faz nada. E tu tem que trazer isso para Pelotas (Entrevista à RádioCom, 11/09/2024).

Ao afirmar que “quanto mais desenvolvida a cidade, menos violência” e que “sem dinheiro não se faz nada”, o discurso demonstra como o “Desenvolvimento”

opera como uma solução universal para todos os problemas. Não importa se a questão é a infraestrutura, a assistência social, o desabrigo ou a violência de gênero; a resposta é sempre a mesma: trazer empresas, desburocratizar e investir.

No entanto, embora o “Desenvolvimento” opere na campanha como um significativo vazio — prometendo uma plenitude ausente —, ele se materializa discursivamente através de práticas articulatórias específicas. Não basta prometer “desenvolvimento”; é necessário legitimar quais são os meios adequados para alcançá-lo. No discurso de Perondi, esses meios são sistematicamente operacionalizados através de uma lógica empresarial de gestão. É sobre esses mecanismos específicos — a “redução da máquina pública”, a “desburocratização”, a “gestão eficiente” e a apropriação de “empresas” como parceiras — que nos debruçaremos no objetivo específico i), analisando como Perondi unificou diferentes demandas sociais insatisfeitas em torno de uma lógica central e os mecanismos que conferiram coesão ao discurso.

6.1.1.4 As demandas específicas

A cadeia de equivalências que sustenta a hegemonia do 'Desenvolvimento' é formada por um conjunto de demandas particulares que, apesar de suas diferenças intrínsecas, são articuladas como manifestações de uma mesma ineficiência estatal. A seguir, apresentamos os principais significantes que representam essas demandas no *corpus*, formando a cadeia de equivalências: *Saúde = Infraestrutura = Emprego = Educação = Segurança*.

Saúde

Figura 8 – Nuvem de palavras dos termos de maior ocorrência no nó “Saúde”



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do *software NVivo* (2026).

O nó “Saúde” condensa o sentimento de urgência e abandono vivido pela população pelotense. O discurso aponta para a falta de gestão e a corrupção como causas principais da insuficiência de serviços.

A candidata vice de Perondi, Adriane Rodrigues, sintetiza o ataque ao antagonismo ao citar o problema mais crônico do setor: “Sabe a fila da morte no SUS? Fila interminável para exames, consultas e procedimentos? Perondi vai acabar com essa vergonha” (HGPE, 04/09/2024). Essa “vergonha” é descrita detalhadamente pelo candidato como um sintoma do “adoecimento” da prefeitura. Em uma abordagem metafórica que compara a administração pública com o tratamento de doenças, Perondi propõe um “remédio” administrativo de auditoria dos recursos públicos destinados à saúde; mutirão de atendimento; aplicação de telemedicina para casos menos complexos e a criação de uma unidade de saúde da infância:

Assim como na vida da gente, existe um remédio para cada doença. Na Administração Pública, para cada problema existe uma solução que, ou já foi usada e testada ou exige coragem para ser implementada. Quero te mostrar os principais sintomas que indicam o adoecimento da nossa prefeitura, e o remédio que pretendo aplicar para resolver o problema. Atendimento de saúde. Faltam consultas, exames, atendimentos e remédios. A fila de espera é gigantesca, tanto que acabou sendo chamada de fila da morte. Temos que auditar cada centavo da saúde em Pelotas para acabar com a roubalheira. Auditoria externa e independente. Fazer um mutirão de atendimento à população para acabar com essa vergonhosa fila. Aplicar a telemedicina para consultas mais simples e que não apresentem risco ao paciente. Muitas vezes é preciso apenas prescrever um remédio. Criar uma unidade de saúde da infância com atendimento 24 horas por dia para que nenhum pai ou mãe volte para casa com seu filho nos braços sem atendimento (HGPE, 16/09/2024).

A gravidade da situação é exposta não apenas pela burocracia, mas pelo sofrimento humano que a fila impõe. Em uma entrevista ao programa Pelotas 13 Horas, Perondi narra o cenário caótico que encontrou ao visitar os bairros:

Referente à falta de médicos, eu tenho andado muito pelos bairros, por todos os bairros aqui da cidade. E é lamentável a situação que vive a saúde pública em Pelotas. Não tem médico em praticamente todos os postos com regularidade. As pessoas vão para consultar. Raramente tem médico. Ginecologista não tem. Eles não conseguem consultar. É difícil de conseguir dentista. É difícil de conseguir pediatra. Então, as pessoas reclamam muito disso. E é uma situação, eu diria que muito grave. Porque tem gente que procura o posto de saúde e consegue agendar uma consulta. Mas, às vezes, a consulta leva de 15, 20 ou 30 dias para ocorrer. Você praticamente tem que agendar para ficar doente. Então, a saúde vive um caos. Tem até essa questão da apelidada fila da morte. Que são, segundo a prefeitura, 62 mil pessoas. Mas eu diria que a prefeitura é tão incompetente e ineficiente que até nisso ela erra. Não tem como ser 62 mil pessoas. Porque toda vez que vai ligar, espera tanto tempo para chegar, talvez fazer uma consulta e um exame, que essa pessoa já consultou no particular. Essa pessoa, às vezes, até se curou da enfermidade que tinha. Ou morreu. Não é? Porque oito meses, um ano, um ano e meio para receber um atendimento é complicado. É muito difícil. E isso a gente precisa mudar (Entrevista ao Pelotas 13 horas, 16/09/2024).

Infraestrutura

Figura 9 – Nuvem de palavras dos termos de maior ocorrência no nó “Infraestrutura”



Fonte: Elaborado pelo autor a partir do *software NVivo* (2026).

O nó “Infraestrutura” agrega demandas estruturais da cidade como saneamento básico, pavimentação, drenagem e limpeza urbana. O discurso conecta esses

problemas urbanos à falta de zeladoria, falta de cuidado com as ruas e a falta de respeito com a população, apresentando a cidade como um espaço abandonado e precário.

Uma das críticas mais incisivas recai sobre a gestão do esgoto. Perondi utiliza o argumento da Parceria Público-Privada (PPP) não apenas como solução técnica, mas como um mecanismo de moralização administrativa, transferindo o risco e a execução da iniciativa privada para acabar com o “dinheiro limpo roubado da população”:

Depois do marco sanitário, dá pra se pelo menos diretamente pelo executivo, a gente consegue fazer, por exemplo, o PPP do esgoto. Com isso, tu consegue liberar pra licitação, pra iniciativa privada, pra fazer todo o esgoto da cidade, consegue fazer isso em torno de 4 anos, e a taxa de esgoto que se paga hoje para o município, ela vai para a iniciativa privada, por 20, 30 anos, mas tu tem todo o esgoto da cidade. Cada real investido em esgoto, e que nem é a prefeitura que vai investir, diminui R\$4,00 na saúde. R\$4,00. Cara, eu vou para os bairros. É um esgoto a céu aberto em todos os locais. Não tem tratamento de esgoto em Pelotas. E Pelotas cobra a taxa do esgoto. Cara, é o dinheiro limpo, o mais bem limpo, que é roubado da população, eu digo, porque se tu não tem esgoto e tu paga a taxa de esgoto, pra quê? Tu paga para tu ter o esgoto jogado na frente da tua casa. Porque é isso que estão fazendo. Tu paga para ter o valetão de esgoto ali a céu aberto fedendo (Entrevista à Rádio Tupanci, 09/09/2024).

No que tange à “zeladoria” — que engloba pavimentação, manutenção de ruas e combate às inundações —, o discurso destaca a experiência de desrespeito com o cidadão. A imagem da cidade “nos buracos” é recorrente, e a solução proposta mistura a reativação de maquinário público (usina de asfalto) com a gestão simples da drenagem:

Primeiro, nós temos que respeitar um pouquinho a população. Hoje o povo está no meio de buracos. Nós precisamos olhar para o povo e melhorar a vida de quem está, principalmente nos bairros e no interior. É muito difícil de circular, nós precisamos pavimentar mais a cidade, precisamos trazer mais investimento em pavimentação e precisamos até material, tem material, tem cascalho que pode se colocar e poder ter uma rua muito mais adequada do que tem hoje. Outra coisa, se passa a patrôla na rua, não se faz valeta na beira das ruas, então a água acumula no meio e acaba dando muito buraco. Então, se fizer a drenagem das ruas, simplesmente a drenagem já vai ajudar e muito, porque hoje as ruas são completamente esburacadas, alaga, chove, alaga a rua e não tem muito o que fazer, então temos que fazer a drenagem tanto de água quanto a tubulação de esgoto que vai melhorar e muito, porque hoje a cidade qualquer chuvinha alaga, dá buraco em todas as ruas porque falta a zeladoria, falta o cuidado com a rua e o respeito com a população, porque hoje, tu tenta acessar qualquer bairro ou até a entrada da cidade, tem buraco, é difícil ter alguma rua sem buraco, nós temos que reativar a usina de asfalto para poder fazer esse asfalto na cidade e trabalhar com

pavimentação, mais pavimentação principalmente onde passa os ônibus (Debate RBS TV, 04/10/2024).

Além das vias urbanas, o abandono é estendido às áreas rurais e de risco. Perondi aponta o esgotamento da produção agrícola local e o risco às famílias em áreas de alagação:

Deixa eu ser didático. Pra quem não conhece a realidade da colônia de Pelotas, é importante dizer que temos produção de leite, aves, vinho, hortifruti. Isso precisa ser transportado para poder ser comercializado e consumido aqui na cidade. As vias de acesso às propriedades e os pontilhões sobre os córregos estão completamente abandonados. Esta realidade inviabiliza a comercialização desses produtos na cidade. Esse trabalho é dever da prefeitura. Vou ser o próximo prefeito e a partir de 2025 isso vai mudar. Vou destinar maquinário e recursos para podermos incentivar a produção e consumirmos o que é produzido aqui. Nós vamos valorizar os nossos produtores locais (HGPE, 10/09/2024).

Serão planejados e construídos diques de contenção para proteger a cidade contra cheias e inundações. Esses diques terão a função de mitigar os riscos de enchentes e proteger as áreas urbanas e residenciais, reduzindo os danos e melhorando a segurança e o bem-estar da população. Em particular, será priorizada a construção de um dique no Laranjal, em torno do Laranjal, Valverde e Colônia Z3, áreas mais vulneráveis a enchentes (Plano de governo, 2024).

Por fim, o candidato realiza um chamamento para que a própria população documente o descaso, contrastando a realidade “viva” com a imagem da cidade veiculada na propaganda dos adversários:

Eu tenho visto o programa de TV dos outros candidatos e algo me parece errado, pois a Pelotas que eu vejo andando pela cidade e pelos bairros é muito diferente, pois eu vejo uma Pelotas completamente abandonada, com problemas de limpeza urbana, de esgoto, de infraestrutura, problemas dos colégios, nos postos de saúde, não é a Pelotas que mostram na TV. Por isso eu te peço, abra a porta da sua casa e vá para a rua. Se lá tiver ruas esburacadas ou sem pavimentação, lixo acumulado por toda a parte, esgoto a céu aberto, sinais de descaso, depredação ou abandono por parte do poder público, se algum serviço da prefeitura não estiver funcionando, tire uma foto, publique e nos marque. Vamos ajudar a amplificar a voz das ruas. Vamos mostrar a todos o teu chamado. Vamos mudar Pelotas (HGPE, 04/09/2024).

Emprego

Figura 10 – Nuvem de palavras dos termos de maior ocorrência no nó “Emprego”

O nó “Educação” mobiliza demandas tanto de caráter pedagógico e estrutural — como plano de carreira e infraestrutura — quanto de ordem moral e disciplinar (escolas cívico-militares). Perondi utiliza sua experiência como fundador de escola privada para conferir autoridade técnica à sua crítica. É notável, contudo, que a proposta educacional esteja fortemente ancorada em uma lógica empresarial, visando preparar o aluno para o mercado de trabalho. Nesse sentido, o Plano de Governo estabelece como diretriz principal que:

O sistema de ensino municipal será revisado e atualizado para se adequar às novas tendências de mercado e às necessidades dos alunos. Serão incorporadas práticas pedagógicas inovadoras, tecnologias educacionais e metodologias que preparem os alunos para os desafios do futuro (Plano de governo, 2024).

Ao subordinar a educação pública às “tendências de mercado”, o discurso reforça a cadeia de equivalências em que o desenvolvimento econômico precede o social. Alinhada a essa visão de produtividade, a defesa da escola de tempo integral e da ampliação das creches é articulada não apenas como uma medida educacional, mas como um suporte fundamental à família, especificamente às mães trabalhadoras:

Eu entendo muito bem o que falta na educação. Afinal, eu fundei o Colégio Praça XV em Pelotas. E eu vejo toda a dificuldade enfrentada por alguém que estuda num colégio municipal. Nós precisamos de infraestrutura. Precisamos melhorar a infraestrutura do colégio. Os professores precisam de plano de carreira. Hoje, um professor está ganhando a mesma coisa que ele ganhava a dez anos atrás. Nós precisamos valorizar o professor. Sem valorizar o professor, como é que a gente vai tratar a educação? Precisamos de escola de turno integral. No turno da tarde, o aluno pode desenvolver esporte. Ele pode desenvolver algumas oficinas. A mãe desse aluno pode trabalhar. Porque se a mãe não consegue ter que cuidar o filho no turno inverso, ela não consegue trabalhar. E com a mãe trabalhando, melhor a renda da família. Nós precisamos das creches. E tem que ter creches no início do governo já. Creche para todas as crianças. Como é que a mãe vai trabalhar se o filho não tem com quem deixar? Nós precisamos dar esse respaldo para a população. E você, mãe, que está aí em casa, você pode ter certeza que eu vou olhar para ti. Tu vai ter com quem deixar teu filho. E teu filho vai estar muito bem servido na escola e no turno integral em muitas delas (Debate RBS TV, 04/10/2024).

A garantia de vagas é apresentada como um dever constitucional negligenciado pela atual gestão, convertendo-se em mais uma prova da falência da prefeitura e demanda por mudança:

Perondi: Deixa eu te dizer uma coisa sobre educação. Em 2025, quando assumirmos a prefeitura, não vai faltar vaga para nenhuma criança em Pelotas. Nenhuma!

Adriane Rodrigues: Nós temos a certeza que dá para fazer. É só colocar isso como prioridade absoluta. É só cumprir com a constituição. Além disso, na educação, tudo tem que ser tratado como realmente é: prioridade. O professor, a merenda, as instalações, tudo. Tudo é importante. Desculpe dizer, mas não dá para colocar a culpa em desastres, enchentes, em falta de recursos. Essa missão é do prefeito e do seu secretariado. Se isso não funcionar, não tem sentido o resto todo. Simplesmente, faliu a prefeitura.

Perondi: Ao admitir que deixaram mais de mil crianças sem escolas, sem creches em 2024, no meu entendimento, a administração atual e seus aliados, que pretendem continuar matando a cidade, admitem a falência da prefeitura no que é mais básico. A mudança está na tua mão (HGPE, 25/09/2024).

Por fim, a defesa das escolas cívico-militares emerge como um ponto alto e estratégico da proposta educacional. O discurso de Perondi opera um deslocamento fundamental na discussão pedagógica: saindo do terreno do método de ensino e das diretrizes curriculares para o terreno da “ordem” e da “segurança” interna. Mais do que uma técnica de gestão, o modelo é apresentado como uma medida moral necessária, sendo a oposição a ele caracterizada como “mau caráter” por parte de quem supostamente não deseja o progresso das crianças.

Em entrevista ao Podcast DDD53, Perondi detalha essa lógica. Ele inicia a explicação desmistificando o termo “militar”, focando na função prática de conter a “baderna” que impediria o trabalho dos professores. O discurso conecta a falta de disciplina ao baixo desempenho — citando alunos de sexta série que não diferenciam vogais de consoantes — e à segurança, mencionando a presença de drogas. Para defender o modelo, ele interroga diretamente o leitor/pai sobre os benefícios de um ambiente ordenado e seguro:

[...] Uma escola cívico-militar simplesmente é uma escola onde tem militares da reserva dentro do colégio, tá? Que impõe ordem para não ter baderna. Para o professor conseguir... Para o professor conseguir dar aula. Porque tem professor da rede municipal que fala assim: “Marciano, eu não consigo dar aula. Eu não consigo dar aula”. Sabe? Porque tem muita bagunça. Tem aluno que chega na sexta série e não sabe a diferença de vogal e consoante. Sabe? Então, não vai mais ter baderna em sala de aula. Tem colégio que tem droga também. Sabe? Não vai ter mais isso. Vai ter, às vezes, moral e cívica, vai ter hino, vai ter... Cara, as crianças vão aprender. Vai ter sentimento de patriotismo. Agora eu te pergunto: isso é ruim pra quem? Pro pai que tem um filho que vai pra escola e sabe que ele vai aprender porque não vai ter baderna? E sabe que vai ser uma pessoa de bem? Sabe? E sabe que vai ter segurança na escola que pode deixar lá que seu filho não vai ter nenhum problema? Que não vai sofrer bullying? Que não vai sofrer... Que vai estar melhor na escola e que vai estar com ordem? E que pode ter confiança que seu filho vai estar aprendendo? Agora, o cara que defende isso, cara... Desculpa, mas é mau caráter, cara. O cara que não quer que tenha ordem

No entanto, a crítica à situação atual baseia-se na precariedade numérica: uma cidade do porte de Pelotas teria apenas seis a oito guardas por turno. A proposta de fusão com o Trânsito visa justamente maximizar os recursos humanos existentes:

Na segurança pública, vou fazer o seguinte, além de unir a guarda municipal com a fiscalização de trânsito, eu vou duplicar o efetivo e dar mais segurança dentro das escolas. O registro dos guardas municipais não vai ser mais serviços gerais, e sim polícia, polícia municipal. Vou fazer um plano de carreira para os profissionais da segurança do município, incentivando o seu aperfeiçoamento e qualificando o seu serviço. Vou pessoalmente buscar a utilização e a ampliação do PISEG [Programa de Arrecadação de Recursos para Segurança Pública], um programa que já existe, mas é pouco utilizado em Pelotas, e serve para ajudar a polícia a custear seu valioso trabalho. Vou criar uma central de polícia para a guarda, ou com a utilização de um prédio público, ou com a construção de uma central nova. Vou manter o que está funcionando no Pacto pela Paz e vou ratificar a participação da prefeitura neste grande esforço, e vou em busca do diálogo com os outros poderes e os outros atores desse cenário. A segurança pública em Pelotas vai melhorar. A mudança está na tua mão. Dia 6 de outubro, 22 é a resposta (HGPE, 26/09/2024).

A reforma do estatuto da guarda envolve a requalificação profissional e a mudança de categoria, deixando de ser “serviços gerais” para se tornar “polícia municipal”:

Bom, hoje, sabe quantos guardas municipais que tem trabalhando por turno em Pelotas? De seis a oito guardas pra toda Pelotas. Isso não dá nem pra ficar no calçadão. É muito pouca gente. Então, praticamente, não se tem um efetivo da guarda hoje pra fazer policiamento em Pelotas. Eu tenho um projeto, já conversei com a guarda, já conversei com os fiscais de trânsito, que é de unir a guarda municipal com a fiscalização de trânsito. Assim, vai melhorar o serviço de trânsito, vai ter muito mais gente pra fiscalização, vai melhorar o serviço da guarda, que vai ter muito mais gente pro efetivo da guarda. Além disso, vai complementar, porque quando a guarda precisa, alguém do trânsito não consegue, e do trânsito também, quando tem que fazer alguma intervenção com algum motorista, com alguém do trânsito, também não consegue. Mas, com isso, também, eu pretendo, além de juntar as duas, dobrar o efetivo da guarda, justamente pra esse tipo de questão. Nós precisamos aumentar a segurança por parte do município, sem depender tanto do estado, sem depender tanto da brigada. E um dos projetos que eu tenho pra melhorar, pra melhorar a segurança, é justamente aumentar o efetivo da guarda. Além de aumentar o efetivo da guarda, nós temos que melhorar o salário deles, ganha muito pouco. Então, fazer um plano de carreira pra guarda, que seria a polícia municipal, não teria mais a guarda, e sim, junção das duas, a polícia municipal, com um efetivo bem maior. Nesse efetivo, eu pretendo colocar segurança nas escolas e também no entorno das universidades, onde circula a gente, né? Porque aqui vocês têm um grande... tem muitas pessoas... Aqui tem muitas pessoas que circulam no entorno da universidade. Então, tem que ter segurança. E, pra isso, aumentar o efetivo da guarda seria fundamental. Assim como, pra... seria o caso de vocês aqui, que é privado, mas pros colégios municipais, tu ter guarda dentro dos colégios também, pra aumentar a segurança. E mais o respaldo dos professores (Entrevista à Rádio Universidade de Pelotas, 25/09/2024).

Ao percorrer os nós de Saúde, Infraestrutura, Emprego, Educação e Segurança, revela-se a operação hegemônica de supressão da diferença. Embora se trate de demandas socialmente heterogêneas, que exigem, *a priori*, políticas públicas específicas, o discurso de Perondi opera sua equivalencialização. Ao submeter todas essas demandas à lógica da 'má gestão' ou da 'falta de desenvolvimento', o discurso anula as particularidades de cada setor e as une em um bloco monolítico de carência. A solução proposta, portanto, não é múltipla e particularizada, mas única e universal: o 'Desenvolvimento'. É ocupando esse lugar de equivalente geral que o significante 'Desenvolvimento' se torna capaz de condensar as insatisfações dispersas da sociedade pelotense, prometendo uma plenitude que o estado atual nega. É sobre os mecanismos técnicos e administrativos para materializar essa promessa que nos debruçamos no próximo subcapítulo.

6.2 Do presente ao passado: a reconfiguração estratégica do antagonismo

Tendo identificado a “Velha Política” como o antagonismo central no discurso de Perondi, este subcapítulo busca investigar a reconfiguração estratégica do antagonismo na campanha de Perondi, comparando a construção do “outro” discursivo no primeiro turno com sua rearticulação no segundo turno.

A análise dos dados revela que o antagonismo, embora tenha se mantido sob o signo da “velha política”, sofreu um deslocamento significativo: se no primeiro turno o foco recaiu sobre a continuidade administrativa (Fernando Estima/PSDB), no segundo turno, com a mudança de cenário para o confronto com Fernando Marroni (PT), o signo da “velha política” expandiu seu espectro para incorporar o “passado” e a memória da gestão petista de 2000-2004 como nova fronteira de o “eles”.

A Figura 13 ilustra graficamente uma forte rearticulação nesse sentido: enquanto no primeiro turno o termo com maior recorrência entre as codificações é “Pelotas”, sendo orbitado por termos como “governo”, “prefeitura”, “PSDB” e “hoje”, no segundo turno o termo com maior recorrência entre as codificações o centro da nuvem passa a ser “Marroni”, sendo orbitado por termos como “foi”, “passado” e “futuro”:

Figura 13 – Comparativo das nuvens de palavras do nó antagonismo no 1º e no 2º turno

A solução proposta é igualmente direta: “O maior programa de desenvolvimento que existe para Pelotas se chama tirar o PSDB do governo” (Trecho 2). A “Velha Política” foi, portanto, articulada como o presente estagnado, que precisava ser superado por uma “renovação” imediata.

O maior programa de desenvolvimento que existe para Pelotas se chama tirar o PSDB do governo. Só tirando o PSDB, que está há 12 anos sem desenvolver essa cidade, tem que tirar o PSDB. Tem que tirar todo esse pessoal que está trabalhando ali, viciados (Debate RBS TV, 04/10/2024).

Com a eliminação de Estima e a configuração de um segundo turno contra Fernando Marroni (PT), o discurso de Perondi realizou uma rearticulação estratégica. O antagonismo da “Velha Política” foi expandido para englobar agora o “passado”, materializado na memória da gestão petista de 2000-2004. Se antes o problema era a continuidade, agora o problema se tornou o retorno. O “outro” deixa de ser apenas o “presente” e passa a ser também o “passado” que não deve ser repetido.

Essa mudança é explícita no debate do segundo turno. Perondi ataca diretamente o legado de Marroni:

Perondi: Foi tão exemplar teu governo, Marroni, que tu não te reelegeu. A população não aceitou. A população tem memória sim, mas a gente tem que lembrar. Nós precisamos fazer um governo para o futuro, trazendo desenvolvimento para cá. Tu foi o prefeito que menos fez pavimentação e asfalto na cidade, o que menos fez obra. É claro que dizer que dá para fazer três, quatro viadutos, que dá para fazer isso, fazer aquilo, ser contra grandes empreendimentos que vem para cá que a gente sabe muito bem que é. Nós temos que trazer desenvolvimento, emprego, desenvolvimento, desenvolvimento, desenvolvimento para Pelotas. Nós precisamos disso. Agora falar que vai fazer, vai fazer como, Marroni? O teu governo não fez. Nós temos que trazer desenvolvimento para Pelotas para ter dinheiro. Não é só do governo federal. Tu não é o secretário do Lula. Tu está aqui como prefeito de Pelotas e a gente tem que produzir aqui, trazer desenvolvimento aqui e não viver de projeto (Debate Podcast DDD53, 20/10/2024).

O HGPE e as redes sociais também foram utilizados para amplificar essa nova fronteira do antagonismo, onde cidadãos enfatizam a rejeição à ideia de retornar à gestão de Marroni:

Cidadão 1: Eu acho que na época do governo Marroni foi a maior crise nessa cidade em Pelotas. A insegurança que nós tinha antigamente... era muito assalto, era complicado.

Cidadão 2: Nós não queremos voltar na história. Nós queremos mudança, nós queremos desenvolvimento, mais educação, mais saúde e mais prosperidade para a nossa cidade.

Cidadão 3: Marroni é passado, é um governo só de promessas e que não entrega nada.

Cidadão 4: Aqui ninguém mais atura Marroni.

Cidadã 5: A gente não quer retornar ao passado, a gente quer um futuro melhor.

Cidadão 6: As mesmas propostas estão sendo feitas agora 20 anos após. E se você tá cansado de uma Pelotas como era antigamente e como é nos dias de hoje, vem com a gente. 22 é Perondi (HGPE, 19/10/2024).

Essa lógica é reforçada ao destacar que: “Já atropelamos o presente, agora falta desbancarmos um passado que o povo não quer mais... Chega da velha política, chega... Olhe para frente, olhe para o futuro, vote 22” (Reels do Instagram, 10/10/2024).

Com isso, vimos que a transição do antagonismo do “presente” (PSDB) para o “passado” (PT) representa uma rearticulação discursiva eficaz. Ao fazer isso, a campanha de Perondi neutralizou a principal força de Marroni, que era se apresentar como a “mudança segura” em oposição à hegemonia tucana. Ao reenquadrar Marroni como o “passado” indesejado, Perondi se apropriou para si o monopólio da “renovação” e do “futuro”. Ele não era mais apenas uma alternativa ao governo; ele se tornou a única saída viável tanto para a insatisfação com o presente quanto para o medo de um retorno ao passado, posicionando-se como o único vetor capaz de levar Pelotas em frente.

6.3 A “gestão eficiente” como motor do desenvolvimento

Se o subcapítulo 6.1 demonstrou a unificação das demandas específicas sob o significante vazio de “Desenvolvimento” — transformando problemas díspares em uma cadeia de equivalências —, ela não esgotou a análise da hegemonia. Um significante vazio para se consolidar precisa ser preenchido ou materializado por práticas articulatórias concretas. É justamente o entendimento dessas práticas e de como elas conferem estabilidade à ordem discursiva que este objetivo específico se propõe a investigar.

O foco desta análise, contudo, incide especificamente sobre a operacionalização desses mecanismos. Não basta proferir o significante “Desenvolvimento”; é necessário legitimar quais são os meios adequados para alcançá-lo e como eles operacionalizam a racionalidade empresarial na esfera pública. A seguir, analisamos como significantes como “desburocratização”, “redução

da máquina pública” e “empresas” funcionaram como os instrumentos necessários para materializar o conceito vazio de “Desenvolvimento”, validando a lógica de “gestão eficiente” como o motor do discurso de campanha.

A coesão do discurso se estrutura a partir de uma cadeia lógica de gestão empresarial, onde o resultado final (Desenvolvimento) depende da operação correta de uma engrenagem administrativa específica. Os mecanismos de gestão operacionalizam o significante vazio de 'Desenvolvimento' segundo o seguinte esquema:

Gestão eficiente → Desburocratização + Redução da máquina pública = Atração de Empresas = Investimento + Dinheiro → Desenvolvimento = (Saúde = Infraestrutura = Emprego = Educação = Segurança).

O primeiro elo dessa cadeia reside na mudança radical da lógica econômica municipal: a transformação da prefeitura em uma entidade produtora e superavitária. O discurso inverte a visão tradicional de município dependente de transferências estaduais e federais, passando a adotar o raciocínio de “lucro”. Em entrevista à Rádio Tupanci, Perondi detalha o ciclo virtuoso de acumulação de riqueza que permite financiar as políticas sociais, tornando o “desenvolvimento” uma questão matemática de arrecadação:

Mas nós temos que trazer desenvolvimento para cá, trazer desenvolvimento, trazendo dinheiro, trazendo indústria, produz, vende para fora, dinheiro vem para cá, circula, começa a aumentar a arrecadação, começa a aumentar o dinheiro aqui, começa a sobrar dinheiro, para melhorar a educação, para melhorar a saúde. Você tem que entender que o município, ele tem que dar lucro, ele tem que ter superávit, ele tem que vir dinheiro para cá. Nós temos 300 milhões esse ano, de déficit, de dívida, em um ano. Sabe alguma coisa está errada, esse município não está certo. Nós temos que trazer dinheiro, no momento que traz dinheiro para cá, que tu traz desenvolvimento para cá, as pessoas têm trabalho, o município arrecada mais e melhora Pelotas. Meu único objetivo que eu tenho aqui é trazer desenvolvimento, melhorar Pelotas, melhorar a cidade, melhorar para o povo que vive na miséria (Entrevista à Rádio Tupanci, 09/09/2024).

Nessa lógica, o “dinheiro” circula e financia as áreas sociais não por “assistencialismo”, mas como consequência natural de uma economia forte. O prefeito, portanto, deixa de ser um gestor de recursos escassos para se tornar um “atrator” de capital. Em uma peça do HGPE do dia 12/10/2024, Perondi reforça a

obrigação moral desse gestor em romper com a cultura da dependência, situando o “desenvolvimento” como a chave para atender às demandas específicas (saúde, educação, segurança), que seriam garantidas não por cortes orçamentários, mas pelo excesso de arrecadação:

Às vezes, eu mesmo canso de me escutar falando em desenvolvimento, desenvolvimento, desenvolvimento. Mas eu tenho que te dizer, o desenvolvimento da cidade, da economia, da infraestrutura, dos mecanismos de proteção da cidade, das vias de mobilidade, do transporte coletivo, assim como a qualificação dos serviços prestados à população. Isso melhora a vida das pessoas. Uma economia forte, uma cidade onde se produz muito, se gera riqueza, onde se agrega valor ao que é produzido aqui. Consegue se atender bem à população. Até hoje, Pelotas apostou em outras coisas, mas não em desenvolvimento. Temos condições de atrair para cá indústrias e outras empresas que trarão desenvolvimento ao município. E com estes recursos, conseguiremos garantir saúde, educação, segurança e tudo o que é sempre prometido. Mas que ninguém aponta como vai ser feito. Precisamos parar de depender do governo estadual, do governo federal. Temos que produzir aqui os recursos para melhorar a nossa cidade. Eu, diferente dos governos anteriores, entendo que é como obrigação do prefeito, antes de qualquer outra pessoa, buscar investimentos, promover a geração de empregos e fortalecer a economia para poder atender bem a cada pessoa. Vou pessoalmente buscar onde quer que existam investimentos e recursos para a nossa cidade. Esse trabalho é meu, esse papel é meu, esse compromisso é meu (HGPE, 12/10/2024).

A lógica da “gestão eficiente”, contudo, exige que o aparelho público seja enxugado e otimizado. Se por um lado é preciso atrair dinheiro (entradas), por outro é crucial “estancar o sangramento” (saídas improdutivas). O discurso justifica a redução drástica da máquina pública (secretarias e cargos em comissão) não como um corte de direitos, mas como um imperativo moral para “ajudar o povo”. No debate promovido pelo Jornal Tradição Regional em 23/09/2024, Perondi apresenta a reestruturação administrativa (de 17 para cerca de 8 ou 10 secretarias) e a eliminação de Cargos em Comissão (CCs) como a medida necessária para viabilizar o investimento:

Irajá, hoje a gente tem 17, a prefeitura tem 17 secretarias. É muita coisa. Primeiro, tem que diminuir o número de secretarias. Não precisa tantos, dá para deixar em 8, 9, 10 talvez. Então isso tem que diminuir, porque diminui o gasto público. Pelotas não pode gastar. Pelotas está em situação muito grave economicamente. Além de não terem feito quase nada pelo município, na minha opinião, tudo está um caos, desde segurança, saúde, saneamento básico, esgoto. Então tem que diminuir o número de secretarias. E além de diminuir as secretarias, tem que diminuir o número de CCs. São quase 500 CCs que tem hoje na prefeitura. Gente, para que tanta gente? Tem 8 mil funcionários públicos. Se tem mais de 8 mil funcionários públicos, para que 500 CCs? Então a gente tem que diminuir o número de CCs. Está ali na casa, sei lá, de 200, mais ou menos, 250. Não precisa mais que isso. E pode-se utilizar ainda funcionário público, que tem muito funcionário público

qualificado. Ao invés de pegar um CC, paga um FG para o funcionário público, e você usa ele no lugar do CC. Vai valorizar o funcionário público e ainda vai economizar para o município. Isso que a gente tem que fazer. Nós temos que olhar para o povo, e o povo hoje precisa de ajuda. E como é que se ajuda? Diminuindo o gasto público. Nós temos que fazer isso (Debate Jornal Tradição regional, 23/09/2024).

Além do corte de gastos, a “desburocratização” aparece como o terceiro pilar da eficiência. A burocracia é apresentada como um empecilho que afugenta investidores. O discurso conecta a lentidão de processos (ex: alvarás) à falta de dinheiro e emprego. A solução proposta é tornar a administração ágil para remover os obstáculos à entrada de empresas, fazendo o município atrativo para o capital. No debate promovido pela RBS TV em 4/10/2024, Perondi conecta a agilidade administrativa à geração de emprego e riqueza, contrastando o “comércio” (consumo) com a “indústria/produção”:

O que eu bato muito, e já tenho falado nos outros debates, é sobre a burocratização que tem hoje em Pelotas. É muito difícil de investir aqui. Nós temos que pegar e tornar, por exemplo, o direito ambiental autorregulatório, onde vai diminuir em média um ano para uma empresa conseguir uma licença. Nós precisamos diminuir a burocracia e muito. Hoje você quer construir uma empresa, um edifício, você chega a levar dois anos e meio para a construção, para ter um alvará de construção. Gente, é muito tempo. Nós precisamos tornar os processos mais ágeis. É dever, sim, de um prefeito diminuir a burocracia e atrair novos investimentos. Ir fora de Pelotas, desenvolver, sim, incentivar o produtor daqui, mas ir para fora e trazer dinheiro para cá, trazer investimento para cá, vender Pelotas para o estado, para o Brasil e, quiçá, para um outro país. Nós temos que trazer para cá investimento. A população tem que ter dinheiro, a cidade tem que ter dinheiro. Hoje nós vivemos de comércio. Nós precisamos produzir, desenvolver a indústria nacional para que possamos produzir, vende para fora, o dinheiro vem para cá e ele circula no comércio. Então eu pretendo fazer isso. A minha meta é desenvolver Pelotas (Debate RBS TV, 04/10/2024).

A análise desses mecanismos permite constatar como o discurso de Perondi opera uma sofisticada articulação hegemônica. Ao submeter as demandas específicas à lógica da “gestão eficiente”, o discurso unifica os anseios da população sob uma promessa de “Desenvolvimento” que é, ao mesmo tempo, universal e operacionalizada. A engrenagem da “gestão eficiente” é, portanto, o que confere coesão material ao significante vazio de “Desenvolvimento”, transformando a cidade como a antítese direta da “velha política”: se o inimigo hegemônico é definido pela ineficiência e pelo “gasto público” (déficit, desperdício, burocracia), a cidade sob uma gestão empresarial eficiente emerge como um organismo competitivo capaz de gerar lucro e, consequentemente, garantir o bem-estar social.

6.4 Entre a aproximação e o distanciamento: a apropriação estratégica do bolsonarismo

Considerando a filiação de Marciano Perondi ao Partido Liberal e o apoio explícito de figuras do bolsonarismo, esperar-se-ia uma adesão direta aos elementos do bolsonarismo tradicional, como o antipetismo, a valorização da família, de valores cristãos, do patriotismo e da liberdade (Luz, 2023). No entanto, devido ao contexto municipal e ao perfil do candidato, é possível que houvesse uma adaptação discursiva, com menor ênfase em temas nacionais e maior foco em gestão e desenvolvimento local. A partir deste cenário, levanta-se a questão sobre a natureza do discurso eleitoral de Perondi, e para tanto, o objetivo deste subcapítulo é verificar se seu discurso se alinha ao bolsonarismo tradicional.

A análise do material da campanha de Perondi revela um uso muito mais pragmático e adaptativo desses elementos. Seu discurso não se alinha de forma pura e consistente ao bolsonarismo, mas sim realiza uma apropriação estratégica e seletiva, utilizando a energia e os temas do bolsonarismo para construir sua candidatura no primeiro turno, e moderando sua imagem para ampliar seu apelo no segundo.

No primeiro turno, a estratégia foi de aproximação tática, buscando capturar a energia e o eleitorado bolsonarista. Isso se deu de duas formas principais: pela associação direta e pela incorporação de temas específicos. A visita de Jair Bolsonaro a Pelotas, em setembro de 2024, foi o momento culminante dessa estratégia. O evento não apenas serviu como uma chancela, mas também foi enquadrado pela campanha como um momento de “marcar posição”. Em peças publicitárias como o HGPE, inserções comerciais e conteúdo em redes sociais, Perondi fez o convite para o evento:

Perondi: Aqui, neste lugar, onde tanta coisa importante pra Pelotas já aconteceu, no dia 12 de setembro, quinta-feira, receberemos Jair Bolsonaro, trazido pelo meu amigo, deputado federal Zucco. É o momento de marcarmos posição, de construirmos a mudança que a nossa cidade tanto precisa. Dia 12 ao meio-dia, vamos parar o tempo, vamos parar a cidade, vamos parar de andar para trás.

Bolsonaro: Em Pelotas, o nosso prefeito é Perondi, 22 (HGPE, 10/09/2024).

No evento, o deputado federal e presidente estadual do PL, Giovani Cherini, foi um dos primeiros a falar. Ele afirmou que o partido exigia que todos os seus candidatos, a vereador ou a prefeito, declarassem publicamente serem “bolsonaristas” durante a campanha:

[...] nós estamos construindo um grande partido de direita no Rio Grande do Sul, bolsonarista! E nós não admitimos que nenhum candidato a vereador, que nenhum candidato a prefeito faça campanha sem dizer que ele é bolsonarista. E é isso que nós temos que levar em todas as nossas candidaturas. Nós temos hoje no Rio Grande do Sul 142 candidatos a prefeito, 148 candidatos a vice-prefeito e 2.916 candidatos a vereador e vereadora. Graças ao trabalho da Michelle Bolsonaro no Brasil e da Adriane, nós temos hoje 999 mulheres candidatas. E graças ao apoio e à força desse homem que nos orgulha, porque ele poderia ter saído da presidência da República e dizer o seguinte, a minha parte eu já fiz. Não! Ele está ensinando para o Brasil o que é ser direita. E ser direita tem que ser direito, tem que ser família, tem que ter Deus no coração, tem que valorizar a pátria (Ato com Bolsonaro em Pelotas, 12/09/2024).

Além de reforçar a aliança, Cherini descreveu o cenário como uma luta hegemônica maior que o projeto municipal e destacou os valores associados ao discurso bolsonarista tradicional de “Deus”, “pátria” e “família”. O evento contou com pouco mais de 40 minutos de duração, contudo, o próprio Perondi discursou por menos de dois minutos, exaltando a figura do ex-presidente:

[...] estamos aqui com o homem mais amado do Brasil, um dos mais amados do mundo, eu ando por todo que é lugar ele é amado, do mais pobre ao mais rico, todo mundo, não tem, não tem classe, não tem cor, respeita todo mundo e é nosso líder, uma pessoa que a gente respeita e que devolveu a direita ao Brasil, não tinha mais direita ao Brasil antes de surgir esse homem na política concorrer a presidente e hoje nós temos uma direita fortalecida e é uma direita unida e dia, 2026 vamos voltar à presidência (Ato com Bolsonaro em Pelotas, 12/09/2024).

Além do evento, figuras como o deputado federal Luciano Zucco (PL), líder da oposição no Congresso Nacional, aparece na propaganda eleitoral de Perondi, para reforçar a candidatura como “bolsonarista”: “Em Pelotas, deputado Zucco é Perondi, Bolsonaro é Perondi, os conservadores são Perondi. Por uma gestão séria, por uma gestão de preparo profissional. Não se esqueça, 6 de outubro é Perondi, 22” (HGPE, 26/09/2024).

Paralelamente à associação pessoal, a campanha incorporou temas caros ao bolsonarismo. A defesa da “família” como pilar da sociedade e a oposição à “ideologia de gênero” foram centrais. Em um vídeo no Instagram, Perondi afirmou:

A minha esposa é um pilar muito importante para mim. [...] A família para mim é algo muito importante. A Rafaela é um pilar, eu diria, na minha vida. Me ajuda em tudo, me apoia em tudo. E nós temos que cultivar esse valor de família na cidade. E isso a gente tem que levar para dentro da escola também. Porque a família unida é muito importante. Vocês podem ter certeza que numa escola do município não terá ideologia de gênero. E nós temos que prezar pela família porque é a base de tudo (Reels do Instagram, 21/10/2024).

Ao conceber a “família” como “base de tudo”, Perondi adota uma retórica idêntica à retórica presente no discurso da campanha de Jair Bolsonaro à presidência em 2022. Assim como a retórica da “ideologia de gênero” ser uma ameaça por colocar em risco a integridade da “família” (Lange, 2024). A partir disso, Perondi defende que a “ideologia de gênero é uma clássica do PT”, articulando o valor da “família” com o antipetismo para reforçar o perigo representado pelo adversário: “o que me preocupa no governo Marroni é essa questão da polarização. O que me preocupa no governo dele é a ideologia de gênero que é uma clássica do PT que leva às vezes pra dentro dos colégios” (Entrevista ao Podcast DDD53, 17/10/2024).

No entanto, com a chegada do segundo turno contra Fernando Marroni (PT), a estratégia discursiva sofreu uma inflexão clara, passando a um distanciamento estratégico. Diante da necessidade de conquistar o eleitorado moderado e indeciso, a campanha de Perondi buscou suavizar sua imagem e rejeitar os rótulos mais radicais. O momento mais emblemático dessa mudança foi o último debate televisionado. Ao ser acusado por Marroni de ser “bolsonarista” e de “extrema direita”, Perondi reagiu de forma defensiva e negou a acusação:

Marroni: [...] sobre a questão de não ser eleito, vocês bolsonaristas não sabem perder, quando perdem, fazem arruaça, quebram o Congresso Nacional, o STF, botam fogo em pneu e tentam dar um golpe, porque vocês não respeitam as pessoas e a vontade da população, eu sempre respeitei, sempre disputei eleição, ganhei, perdi, mas nunca abandonei a minha cidade e nunca deixei de trabalhar pela população da minha cidade.

Perondi: [...] não vem me colar com algumas outras pessoas que fizeram arruaça, você sabe muito bem do MST, quantas vezes o MST, quantas vezes o PT fez a arruaça e você que tá em casa sabe muito bem disso, então não vem me colar em alguma arruaça que foi feita lá em Brasília, em algum outro estado, porque eu moro aqui Marroni, eu não tenho nada que manche a minha reputação, mas você tem.

Marroni: O senhor nega que o seu mito esteve aqui em Pelotas apoiando a sua candidatura? O Bolsonaro? O senhor nega que é bolsonarista? O senhor tá enganando inclusive os seus eleitores que votaram no senhor porque o senhor dizia: “eu sou de extrema direita”, “eu sou a única candidatura de

extrema direita dessa cidade”, o senhor cansou de falar isso [...] e o senhor agora tá negando que é bolsonarista?

Perondi: Marroni, você agora virou mentiroso? Quando? Me prova um lugar que eu falei que eu sou de extrema direita, quando eu falei? Eu nunca falei isso, nós temos que fazer um governo para todos, para todas as pessoas sendo direita, sendo esquerda, no meu governo vai ter gente de esquerda, vai ter gente de centro, vai ter gente de direita, nós temos que olhar para todos, não vem tentar me colar num extremismo que tu sabe muito bem que eu não sou e que eu nunca fui extremista [...]. (Debate RBS TV, 25/10/2024).

Essa declaração representa uma tentativa de desideologizar sua candidatura, apresentando-se como um gestor técnico acima das disputas ideológicas. Um indicativo sutil dessa mudança de estratégia foi a remoção de conteúdos relacionados ao comício com Bolsonaro de Perondi durante o segundo turno.

Em suma, o discurso de Perondi em relação ao bolsonarismo foi eminentemente pragmático. Ele não se apresentou como um ideólogo, mas como um operador político que soube se apropriar das ferramentas discursivas mais eficazes do momento. No primeiro turno, ele abraçou o bolsonarismo para quebrar a ordem estabelecida e conquistar uma base militante. No segundo turno, ele buscou se distanciar do rótulo para se tornar uma opção viável para toda a cidade. Essa dupla capacidade de aproximação e distanciamento revela a sofisticação de sua campanha e explica, em grande parte, sua capacidade de transitar entre diferentes eleitorados e quase chegar ao poder.

7 Considerações finais

No presente trabalho, buscamos responder à pergunta de quais os elementos estruturantes e como eles foram articulados na construção do discurso da campanha eleitoral de Marciano Perondi nas eleições para a prefeitura de Pelotas em 2024. A hipótese central que norteou esta investigação foi a de que a campanha de Perondi alcançou seu expressivo desempenho ao construir uma formação discursiva hegemônica que articulou três elementos centrais: (i) um antagonismo estratégico contra a “velha política”; (ii) a unificação de diversas demandas sociais insatisfeitas em torno de uma lógica de “eficiência” e “renovação”; e (iii) a apropriação seletiva de elementos do repertório bolsonarista, adaptados ao contexto municipal.

Para testar essa hipótese geral, foi traçado como objetivo principal compreender e mapear quais elementos estruturaram e como eles foram articulados na construção do discurso eleitoral de Marciano Perondi (PL) no pleito municipal da cidade de Pelotas em 2024 através das lentes da teoria do discurso de Laclau e Mouffe. Além do objetivo principal, foram definidos os seguintes objetivos específicos: i) analisar a reconfiguração estratégica do antagonismo na campanha de Perondi; ii) Investigar quais os mecanismos que conferiram coesão interna do discurso, articulando os meios para atingir a hegemonia; e iii) verificar se o discurso de Perondi se alinha ao discurso bolsonarista tradicional.

A fim de alcançar os objetivos propostos, o trabalho foi estruturado de forma a construir progressivamente seu argumento. Após a introdução contextualizar a temática, a pergunta de pesquisa, a hipótese e os objetivos, o capítulo 2 apresentou o referencial teórico de Laclau e Mouffe, fornecendo as ferramentas conceituais para a realização da análise; o capítulo 3 detalhou os caminhos metodológicos adotados, explicando como a teoria foi operacionalizada sobre o *corpus* empírico; o capítulo 4 contextualiza a história política de Pelotas, estabelecendo o campo de forças de longo prazo no qual a eleição de 2024 se insere; o capítulo 5 descreve a conjuntura específica das eleições de 2024, pois se nada está dado *a priori*, é fundamental investigar os eventos contingentes que moldaram o pleito e as condições de possibilidade do discurso a ser analisado; e finalmente, o capítulo 6 apresenta a análise do discurso de Marciano Perondi, onde os elementos teóricos e contextuais

foram sintetizados para responder à pergunta de pesquisa, seguida por estas considerações finais.

A análise dos dados revelou que a topologia discursiva eleitoral de Perondi em 2024 deu-se a partir da mobilização de diversas demandas heterogêneas dispersas no social (saúde, infraestrutura, emprego, educação e segurança) e articulando-as em uma cadeia de equivalências representada pelo ponto nodal/significante hegemônico — e consequentemente, vazio — “desenvolvimento”, em oposição à “velha política”, que representava as forças políticas tradicionais da cidade, especialmente ao PT e ao PSDB. Tal estrutura discursiva foi operacionalizada a partir da posição discursiva de “empresário-gestor” sob o sujeito Perondi, a qual o legitima a alcançar o “desenvolvimento” através da “desburocratização”, da “redução da máquina pública” e da atração de “empresas”, configurando uma lógica de “gestão eficiente”, garantindo assim, a coesão interna da topologia discursiva.

Os resultados corroboram a hipótese inicial: o sucesso eleitoral de Perondi está vinculado a uma formação discursiva tendencialmente hegemônica que articulou, de fato, um antagonismo contra a “velha política”, unificou demandas sob a bandeira do “desenvolvimento” sob uma lógica da “eficiência”, e incorporou, de forma seletiva e adaptada, elementos do repertório bolsonarista.

Este trabalho oferece, portanto, uma tríplice contribuição. Empiricamente, avança ao demonstrar como identidades políticas se constituem e alteram a dinâmica do campo social no âmbito municipal — uma esfera frequentemente negligenciada pela literatura. A análise do caso Perondi permite refletir sobre as estratégias discursivas que têm sustentado o recente avanço da extrema direita no Brasil. Teoricamente, reafirma a relevância do referencial de Laclau e Mouffe, destacando a teoria do discurso como uma ferramenta analítica valiosa para a compreensão dos fenômenos políticos contemporâneos.

Metodologicamente, o trabalho oferece dois avanços concretos. Primeiro, desenvolveu-se um pipeline computacional baseado na ferramenta de inteligência artificial OpenAI Whisper (Lange, 2025) para transcrição eficaz de material audiovisual — solução robusta e acessível para futuras pesquisas. Segundo, em observância aos princípios da transparência metodológica e da ciência aberta, todo o corpus empírico que fundamenta esta análise será disponibilizado publicamente no repositório digital do GP IdAD. Essa dupla iniciativa — de oferecer tanto uma ferramenta de

processamento quanto os dados brutos — visa fomentar o diálogo científico, a replicabilidade e novas investigações sobre o cenário político local.

Ao investigar a eleição municipal de Pelotas em 2024, este trabalho não apenas ilumina as estratégias discursivas de um candidato completamente externo ao sistema político vigente, sua capacidade de transitar entre diferentes eleitorados locais e quase chegar ao poder; mas também reforça a potência da análise política que leva a sério a dimensão local da política. Espera-se, assim, que esta pesquisa sirva como contribuição à compreensão dos processos políticos brasileiros e como incentivo à investigação de fenômenos eleitorais em suas escalas mais fundamentais e constitutivas.

Referências

A HORA DO SUL. **Polícia apura omissão de socorro após atropelamento que matou ciclista**. Pelotas, 12 jul. 2024. Disponível em: <https://ahoradosul.com.br/conteudos/2024/07/12/policia-apura-omissao-de-socorro-apos-atropelamento-que-matou-ciclista/>. Acesso em: 2 mar. 2026.

ALVES, Daniela. Deputado Daniel Trzeciak (PSDB) declara apoio a Marciano Perondi (PL) no segundo turno em Pelotas. **Jornal Tradição Regional**, Pelotas, 16 out. 2024. Disponível em: <https://www.jornaltradicao.com.br/pelotas/politica/deputado-daniel-trzeciak-psdb-declara-apoio-a-marciano-perondi-pl-no-segundo-turno/>. Acesso em: 23 fev. 2026.

AMIGOS DE PELOTAS. **As baixarias de campanha eleitoral começaram em Pelotas**. Pelotas, 16 ago. 2024a. Facebook: Amigos de Pelotas. Disponível em: <https://www.facebook.com/amigosdepelotas.com.br/posts/as-baixarias-de-campanha-eleitoral-come%C3%A7aram-em-pelotas-apelando-para-a-xenofobi/1097065385647325/>. Acesso em 2 mar. 2026.

AMIGOS DE PELOTAS. **JOGANDO BAIXO**. Pelotas, 22 out. 2024b. Facebook: Amigos de Pelotas. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1101446985209165&id=100060316211074&set=a.515758213778048>. Acesso em: 2 mar. 2026.

ARAÚJO, Adriane Ferreira de; BARRETO, Alvaro. A reorganização partidária em Pelotas (1979-1982). In: BARRETO, Álvaro (Org.). **Sistema Partidário em Pelotas (RS)**: organização, eleições e trocas de legenda (1979–2004). Pelotas: Editora da UFPel, 2008. p. 21–77.

BARCELOS, Julia. Paula Mascarenhas (PSDB) declara apoio a Fernando Marroni (PT) no segundo turno em Pelotas. **Jornal Tradição Regional**, Pelotas, 15 out. 2024. Política. Disponível em: <https://www.jornaltradicao.com.br/pelotas/politica/paula-mascarenhas-psdb-declara-apoio-a-fernando-marroni-pt-no-segundo-turno-em-pelotas/>. Acesso em: 29 dez. 2025.

BARRETO, Alvaro. **Coligação em eleições proporcionais**: a disputa para a Câmara de Vereadores de Pelotas (1988–2008). Editora da Pelotas: UFPel, 2009a. 166 p.

BARRETO, Alvaro. Eleições e mudanças políticas no Brasil dos anos 80: análise a partir de uma unidade subnacional. **Pensamento Plural**, Pelotas, n.4, p. 11–35, 2009b. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/pensamentoplural/article/view/3683>. Acesso em: 31 dez. 2025.

BARRETO, Alvaro. Os partidos e as eleições majoritárias de Pelotas e de Rio Grande (1982–2012). In: DAL MOLIN, Naiara; FIGUEIREDO, César Alessandro

Sagrillo (Orgs.). **Políticas públicas e desenvolvimento nos municípios gaúchos de Pelotas e Rio Grande**. Porto Alegre, CirKula, 2014a. p. 79–143.

BARRETO, Alvaro. Tão diferentes e sempre iguais: resultados e significados das eleições para prefeito de Pelotas (1968-2012). In: RUBIRA, Luís (Org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas**. v. 3. Pelotas: Pró-Cultura-RS / Editora João Eduardo Keiber ME, 2014b. p. 163–184.

BUTLER, Judith; LACLAU, Ernesto; ŽIŽEK, Slavoj (Org.). **Contingencia, hegemonia, universalidad**: Diálogos contemporáneos en la izquierda. 1. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003. 332 p.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2010. 296 p.

DUTRA, Douglas. Comunidade de religiões de matriz africana protesta contra Perondi. **A Hora do Sul**, Pelotas, 24 out. 2024c. Eleições 2024. Disponível em: <https://ahoradosul.com.br/conteudos/2024/10/24/comunidade-de-religioes-de-matriz-africana-protesta-contra-perondi/>. Acesso em: 29 dez. 2025.

DUTRA, Douglas. Eduardo Leite declara voto em Marroni. **A Hora do Sul**, Pelotas, 18 out. 2024a. Eleições 2024. Disponível em: <https://ahoradosul.com.br/conteudos/2024/10/18/eduardo-leite-declara-voto-em-marroni/>. Acesso em: 29 dez. 2025.

DUTRA, Douglas. Em Pelotas, Bolsonaro defende voto na direita e questiona eleições de 2022. **A Hora do Sul**, Pelotas, 12 set. 2024b. Eleições 2024. Disponível em: <https://ahoradosul.com.br/conteudos/2024/09/12/em-pelotas-bolsonaro-defende-voto-na-direita-e-questiona-eleicoes-de-2022/>. Acesso em: 29 dez. 2025.

DUTRA, Douglas. Fernando Estima terá quase metade do tempo de rádio e TV. **A Hora do Sul**, Pelotas, 23 ago. 2024d. Eleições 2024. Disponível em: <https://ahoradosul.com.br/conteudos/2024/08/23/fernando-estima-tera-quase-metade-do-tempo-de-radio-e-tv/>. Acesso em: 27 dez. 2025.

DUTRA, Douglas. Marciano Perondi garante apoio de partidos da base do governo. **A Hora do Sul**, Pelotas, 16 out. 2024e. Eleições 2024. Disponível em: <https://ahoradosul.com.br/conteudos/2024/10/16/marciano-perondi-garante-apoio-de-partidos-da-base-do-governo/>. Acesso em: 27 dez. 2025.

EGÍDEO, Paulo. Em disputa entre experiência e renovação, Marroni e Perondi concorrem no segundo turno em Pelotas. **Zero Hora**, Porto Alegre, 23 out. 2024a. Eleições. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2024/10/em-disputa-entre-experiencia-e-renovacao-marroni-e-perondi-concorrem-no-segundo-turno-em-pelotas-cm2mcfmba008s012dtfsd63cm.html>. Acesso em: 22 dez. 2025.

EGÍDEO, Paulo. Justiça Eleitoral realiza busca e apreensão em comitê de candidato a prefeito de Pelotas. **Zero Hora**, Porto Alegre, 23 out. 2024c. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2024/10/justica-eleitoral->

realiza-busca-e-apreensao-em-comite-de-candidato-a-prefeito-de-pelotas-cm2mikuz1004e013e2iiphhc.html. Acesso em 2 mar. 2026.

EGÍDEO, Paulo. Perondi lamenta derrota para Marroni: “Concorri porque queria mudar Pelotas”. **Zero Hora**, Porto Alegre, 27 out. 2024b. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2024/10/perondi-lamenta-derrota-para-marroni-concorri-porque-queria-mudar-pelotas-cm2s9rb3m00qx01cj3ln5dj0.html>. Acesso em: 22 dez. 2025.

FEIJÓ, Frederico; MANHAGO, Joanna. Confira o perfil do eleitorado do sul do Estado para as eleições de outubro. **Zero Hora**, Porto Alegre, 26 jul. 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2024/07/confira-o-perfil-do-eleitorado-do-sul-do-estado-para-as-eleicoes-de-outubro-clz2okbx6003u01ewyqz5cmrf.html>. Acesso em: 29 dez. 2025.

FOSTER, Gustavo. Eduardo Leite deixa o PSDB após 24 anos e deve se filiar ao PSD. **G1 RS**, 8 mai. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2025/05/08/eduardo-leite-deixa-o-psdb.ghtml>. Acesso em: 7 fev. 2026.

FRAGA, César. A polêmica visita de Bolsonaro à escola de candidato a prefeito de Pelotas. **Extra Classe**, [s.l.], 17 set. 2024. Educação. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/educacao/2024/09/a-polemica-visita-de-bolsonaro-a-escola-de-candidato-a-prefeito-de-pelotas/>. Acesso em: 29 dez. 2025.

GARCIA, Matheus. Daniel Trzeciak anuncia que não concorrerá ao cargo de prefeito de Pelotas. **Jornal Tradição Regional**, Pelotas, 12 jun. 2024. Disponível em: <https://www.jornaltradiacao.com.br/pelotas/politica/daniel-trzeciak-anuncia-que-nao-concorrera-como-prefeito-de-pelotas/>. Acesso em 3 mar. 2026.

GEHM, Bettina. Novatos, veteranos e tentativas de reeleição: o panorama das eleições nas cidades gaúchas com possível 2º turno. **Sul 21**, [s.l.], 4 out. 2024. Eleições 2024. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/politica/eleicoes-2024/2024/10/novatos-veteranos-e-tentativas-de-reeleicao-o-panorama-das-eleicoes-nas-cidades-gauchas-com-possivel-2o-turno/>. Acesso em: 27 dez. 2025.

LACLAU, Ernesto (Org.). **Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo**. 2. ed. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2000. 272 p.

LACLAU, Ernesto. Posmarxismo sin pedido de disculpas (con Chantal Mouffe). In: LACLAU, Ernesto (Org.). **Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo**. 2. ed. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2000. p. 111–145.

LACLAU, Ernesto. Sobre los nombres de Dios. In: LACLAU, Ernesto. **Misticismo, retórica y política**. 1. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002. p. 101–127.

LACLAU, Ernesto. Construyendo la universalidad. In: BUTLER, Judith; LACLAU, Ernesto; ŽIŽEK, Slavoj (Org.). **Contingencia, hegemonía, universalidad: Diálogos contemporáneos en la izquierda**. 1. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003. p. 281–306.

LACLAU, Ernesto. **La razón populista**. Traducción de Soledad Laclau. 1. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005. 312 p.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e Estratégia Socialista**: Por uma política Democrática Radical. Tradução: Joanildo A. Burity, Josias de Paula Jr. e Aécio Amaral. 1. ed. São Paulo: Intermeios. Brasília: CNPq, 2015. 286 p.

LANGE, Thales Morbach. De um lado, o aborto, do outro, a vida: uma análise do discurso bolsonarista no entorno das eleições de 2022. In: SPOLLE, Marcus Vinicius, *et al* (Orgs.). **Anais da I Semana Integrada** [livro eletrônico]: VIII Jornada Brasileira de Sociologia e XIV Semana Acadêmica das Ciências Sociais. Santa Maria, RS: Arco Editores, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.48209/978-65-5417-395-7>. Acesso em: 20 jan. 2026. p. 286–297.

LANGE, Thales Morbach. **OpenAI Whisper**: transcrição automática para pesquisa (Guia prático de utilização do OpenAI Whisper no Google Colab) [recurso eletrônico]. Pelotas: PPGCPol, 2025. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/idad/files/2025/07/OpenAI-Whisper-transcricao-automatica-para-pesquisa.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2025.

LEMOS, Daniel de S. A competição eleitoral de 2016 em Pelotas (RS). **Revista Espaço Acadêmico**, v. 20, n. 222, p. 141-157, 7 jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/47508>. Acesso em: 23 dez. 2025.

LINHARES, Bianca de Freitas; SILVA, Lucas Garcia da. Análise de Discurso e Análise de Conteúdo: possibilidade de triangulação aplicada em uma pesquisa pós-estruturalista. **Revista Estudos Políticos**, Curitiba, v. 14, n. 28, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/rep.v14i28.59481>. Acesso em: 23 dez. 2025.

LOPES, Alice Casimiro; MENDONÇA, Daniel de; BURITY, Joanildo A. A contribuição de Hegemonia e Estratégia Socialista para as ciências humanas e sociais. In: Ernesto Laclau; Chantal Mouffe. **Hegemonia e Estratégia Socialista**: por uma política democrática radical. 1. ed. São Paulo: Intermeios. Brasília: CNPq, 2015. p. 7–32.

LUZ, Michele Diana da. Populismo de direita e subjetividades políticas: a construção identitária do bolsonarismo pela perspectiva pós-estruturalista. In: LINHARES, Bianca; MENDONÇA, Daniel de (Orgs.). **Novas reflexões sobre as democracias do nosso tempo**. São Paulo: Intermeios, 2023. P. 41–61.

MARCHART, Oliver. **El pensamiento político posfundacional**: la diferencia política en Nancy, Lefort, Badiou y Laclau. 1 ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2009. 257 p.

MOVIMENTO DEMOCRÁTICO BRASILEIRO. **Quem somos**. [s.l.], s.d. Disponível em: <https://www.mdb.org.br/quem-somos/>. Acesso em 9 dez. 2025.

MENDONÇA, Daniel de. Como olhar “o político” a partir da teoria do discurso. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, nº 1, pp. 153–169, 2009. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/1533/1354>. Acesso em: 3 jan. 2026.

MÜLLER, Júlia. Pela 1ª vez, Pelotas tem chapa com dois negros na disputa pela Prefeitura; confira os 11 candidatos. **Sul 21**, 8 out. 2024. Disponível em: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-politica-eleicoes-2020/2020/10/pela-1a-vez-pelotas-tem-chapa-com-dois-negros-na-disputa-pela-prefeitura-confira-os-11-candidatos/>. Acesso em: 23 dez. 2025.

PELOTAS 13 HORAS. **PL aposta em empresário como pré-candidato**. Pelotas, 27 jun. 2024a. Disponível em: <https://pelotas13horas.com.br/pl-aposta-em-empresario-como-pre-candidato/>. Acesso em: 2 mar. 2026.

PELOTAS 13 HORAS. **Definida a candidatura do PL à prefeitura**. Pelotas, 4 ago. 2024b. Disponível em: <https://pelotas13horas.com.br/definida-a-candidatura-do-pl-a-prefeitura/>. Acesso em: 2 mar. 2026.

PINTO, Céli Regina Jardim. Elementos para uma análise de discurso político. **Barbarói**, v. 24, n. 1, p. 78–109, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/217032>. Acesso em: 23 dez. 2025.

PARTIDO LIBERAL. **História do PL**. [s.l.], s.d. Disponível em: <https://partidoliberal.org.br/historia-do-pl/>. Acesso em: 9 dez. 2025.

REDAÇÃO. Pesquisa indica liderança do PT na disputa em Pelotas. **Brasil de Fato**, 1 out. 2024. Política. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/10/01/pesquisa-indica-lideranca-do-pt-na-disputa-em-pelotas/>. Acesso em: 29 dez. 2025.

ROLLSING, Carlos; TERNUS, Henrique. Eleições 2024: como está o cenário nos maiores colégios eleitorais do Interior do RS. **Zero Hora**, Porto Alegre, 29 set. 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2023/09/eleicoes-2024-como-esta-o-cenario-nos-maiores-colegios-eleitorais-do-interior-do-rs-cln56dgdxd00ka015nqszw2ik.html>. Acesso em: 3 mar. 2026.

SILVA, Luis Gustavo T. da; COELHO, Gabriel Bandeira; GARCIA, Everton; FREITAS, Felipe Corral de. (Orgs.). **Pós-Estruturalismo e teoria do discurso**: a obra de Ernesto Laclau a partir de abordagens empíricas e teóricas. 1. ed. Curitiba: CRV, 2016. v. 1. 238 p.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Aprovada a mudança do nome do PPS para Cidadania**. Brasília, DF, 19 set. 2019. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2019/Setembro/plenario-aprova-mudanca-do-nome-do-pps-para-cidadania>. Acesso em: 9 dez. 2025.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Calendário eleitoral**. Brasília, DF, s.d.a. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/calendario-eleitoral/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Consultar às pesquisas eleitorais registradas**. Brasília, DF, s.d.b. Disponível em: <https://pesqele-divulgacao.tse.jus.br/app/pesquisa/listar.xhtml>. Acesso em: 23 dez. 2025.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Glossário eleitoral**. Brasília, DF, s.d.c. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/servicos-eleitorais/glossario/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Glossário eleitoral**. Partido Político. s.d.d. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleitor/glossario/termos/partido-politico>. Acesso em: 9 dez. 2025.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Partido Ecológico Nacional (PEN) pede alteração de nome para Patriota**. Brasília, DF, 25 set. 2017. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2017/Setembro/partido-ecologico-nacional-pen-pede-alteracao-de-nome-para-patriota-patri>. Acesso em: 9 dez. 2025.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Partido Republicano da Ordem Social (PROS) é incorporado ao Solidariedade**. Brasília, DF, 14 fev. 2023a. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Fevereiro/partido-republicano-da-ordem-social-pros-e-incorporado-ao-solidariedade>. Acesso em: 9 dez. 2025.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Partidos registrados**. Partido Progressista. Brasília, DF, s.d.e. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/partidos/partidos-registrados-no-tse/partido-progressista>. Acesso em: 10 dez. 2025.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **PMDB protocola pedido de mudança de nome para Movimento Democrático Brasileiro (MDB)**. Brasília, DF, 31 jan. 2018. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Janeiro/pmdb-protocola-pedido-de-mudanca-de-nome-para-movimento-democratico-brasileiro-mdb-1>. Acesso em: 9 dez. 2025.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **TSE aprova criação do Partido Renovação Democrática (PRD)**. Brasília, DF, 9 nov. 2023b. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Novembro/tse-aprova-criacao-do-partido-renovacao-democratica-prd>. Acesso em: 9 dez. 2025.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **TSE aprova registro do partido União Brasil**. Brasília, DF, 8 fev. 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Fevereiro/tse-aprova-registro-do-partido-uniao-brasil>. Acesso em: 9 dez. 2025.

VELLEDA, Luciano. Em disputa acirrada, eleição em Pelotas é pautada pela urgência em serviços públicos. **Sul 21**, 22 out. 2024. Eleições 2024. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/politica/eleicoes-2024/2024/10/em-disputa-acirrada-eleicao-em-pelotas-e-pautada-pela-urgencia-em-servicos-publicos/>. Acesso em: 27 dez. 2025.

VIGNA, Rafael. Eleições em Pelotas: PT e PL chegam ao segundo turno e encerram 12 anos de hegemonia tucana. **Zero Hora**, Porto Alegre, 6 out. 2024. Eleições.

Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2024/10/eleicoes-em-pelotas-pt-e-pl-chegam-ao-segundo-turno-e-encerram-12-anos-de-hegemonia-tucana-cm1y7kp2l001301cr9cbxpap.html>. Acesso em: 27 dez. 2025.

Apêndices

Apêndice A – Corpus Discursivo Da Pesquisa

Este apêndice reúne os materiais de acesso público que compõem o corpus discursivo da pesquisa, com os respectivos links e referências detalhadas para consulta. A seleção contempla o plano de governo do candidato, a transmissão do ato de campanha com a presença de Jair Bolsonaro realizado em 12 de setembro de 2024, bem como as entrevistas e debates analisados. Em compromisso com os princípios da transparência metodológica e da ciência aberta, os demais materiais que fundamentam esta pesquisa — incluindo os vídeos integrais do HGPE, as inserções comerciais, as transcrições textuais e as 107 publicações do Instagram analisadas — estão organizados e acessíveis através do repositório digital do Grupo de Pesquisa Ideologia e Análise de Discurso (IdAD) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no endereço eletrônico: <https://wp.ufpel.edu.br/idad/produtos/arquivos-de-dados/>. A disponibilização completa ocorrerá concomitantemente à defesa final deste trabalho, assegurando a verificabilidade dos resultados apresentados.

Quadro 1 – Plano de Governo

Título	Plano de Governo: “Por uma cidade com mais desenvolvimento econômico – resgate de uma cidade industrializada”
Link	https://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/candidato/SUL/RS/2045202024/210002001174/2024/87912
Observação	Documento integral submetido ao TSE como parte da formalização da candidatura.

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do Tribunal Superior Eleitoral (2026).

Quadro 2 – Ato de Campanha com a presença de Jair Bolsonaro

Evento	Data	Veículo/Plataforma	Duração	Link
BOLSONARO EM PELOTAS	12/09/2024	YouTube (Duetto Films)	00:44:15	https://youtu.be/LD3ILN7rMs

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Quadro 3 – Debates com a participação de Perondi

Debate	Turno	Veículo	Data	Duração	Link
Debate eleitoral NDC e Tupanci	1º	NDC/Tupanci	15/09/2024	02:41:40	https://youtu.be/hRgPYW4j80w
Debate com os candidatos a prefeito de Pelotas	1º	Jornal Tradição Regional	23/09/24	03:58:17	https://www.youtube.com/live/LcA2UL6_HOw?si=6b6WK-HF7BknQ5wb
DEBATE DE	1º	A Hora TV	01/10/202	02:10:10	https://www.youtube.co

PELOTAS PENSAR ELEIÇÕES 2024 01/10/2024			4		m/live/o7CfKHfT1s4?si=gYDN-IAAsQ192w2jD
Debate RBS TV Pelotas com candidatos à prefeitura de Pelotas - 04/10/2024	1º	RBS TV	04/10/24	01:55:43	https://youtu.be/Vyg3UFmsGnc?si=niEfdqHHCo_hbHjlt
DEBATE DE PELOTAS - CANDIDATOS A PREFEITO (2º TURNO)	2º	DDD53	20/10/24	02:05:04	https://www.youtube.com/live/BoPEfSAGnuc?si=-AAo_uvEoC7gFRsl
Debate 2º turno de Pelotas com os candidatos à prefeitura - 25/10/2024	2º	RBS TV	25/10/24	01:32:56	https://youtu.be/jvw6mF5XXLY?si=Bje03gmOVzAQnzH2

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Quadro 4 – Entrevistas concedidas por Perondi à mídia local

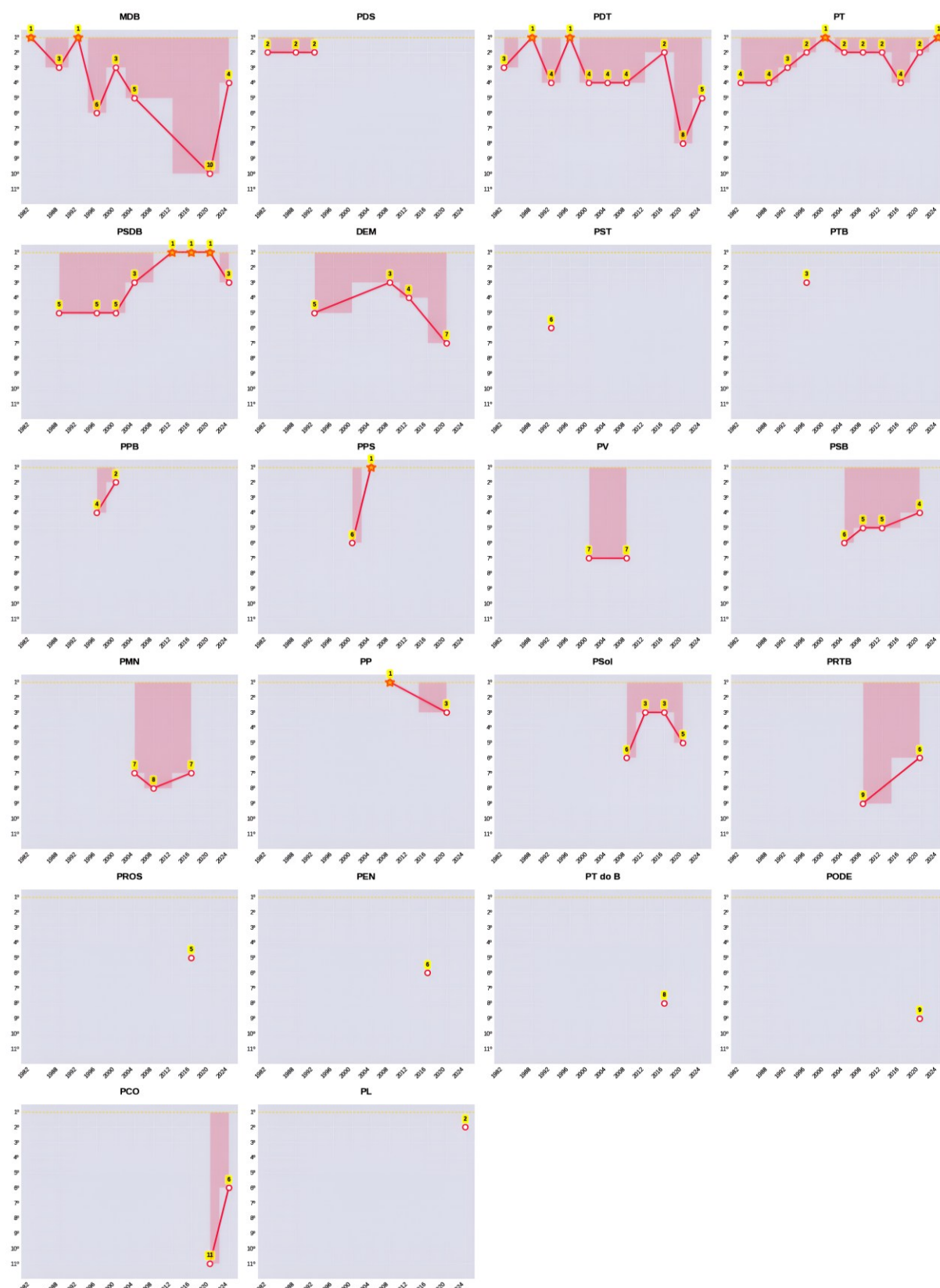
Entrevista	Turno	Veículo	Data	Duração	Link
Eleições 2024 NDC/ TUPANCI - Entrevista - Marciano Perondi	1º	NDC/Tupan ci	09/09/202 4	01:25:25	https://www.youtube.com/live/sUUyKkhL6vU?si=9lgOM-l43Vo99OR9
Eleições 2024: Marciano Perondi (PL)	1º	RádioCom Pelotas	11/09/202 4	01:04:33	https://www.youtube.com/live/m9YQiojEBRM?si=NxQXB-vO7-ezErut
Pelotas 13 Horas Ao Vivo - Programa do Dia 16/09/24	1º	Pelotas 13 Horas	16/09/202 4	01:42:16	https://youtu.be/qVI3jZNKuzk
Bom Dia RU - AO VIVO (CENTRAL DE ELEIÇÕES - Marciano Perondi) - 25/09/2024	1º	Rádio Universid e de Pelotas	25/9/2024	00:52:56	https://www.youtube.com/live/9gBB_rcJNoQ?si=iD2hmSlp2tkWsDL3
Marciano Perondi é o quarto entrevistado da segunda rodada de conversas com candidatos a prefeito	1º	A Hora do Sul TV Rádio Pelotense	26/09/202 4	00:30:28	https://youtu.be/UfN_ImQx3do
Entrevista com Candidato a prefeito de Pelotas Marciano Perondi	2º	RBS TV	15/10/24	00:16:44	Indisponível publicamente (armazenado em acervo pessoal)
Podcast DDD53 #173 - MARCIANO PERONDI (PL), CANDIDATO A PREFEITO DE PELOTAS!	2º	DDD 53	17/10/24	01:33:55	https://www.youtube.com/live/wcgrf2fwd8o?si=YpAyDifLZgXjzG2d
Eleições 2024: Rádio Acústica FM entrevista Marciano Perondi (PL)	2º	Acústica FM	18/10/24	00:22:36	https://youtu.be/lxz_irT9Bxs?si=wNMYUN51eYdR9uKP

candidato a prefeito de Pelotas					
Entrevista com Perondi	2º	Amigos de Pelotas	18/10/2024	00:27:45	https://amigosdepelotas.com.br/2024/10/18/video-confira-na-integra-entrevista-com-marciano-perondi/pelotas/anacatnc/
Marciano Perondi (PL) fala em diminuir secretarias pela metade e autorregulação ambiental na cidade	2º	A Hora do Sul TV Rádio Pelotense	25/10/2024	00:30:25	https://youtu.be/KAwGcYovReY

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Apêndice B – Trajetória eleitoral por partido – Prefeitura de Pelotas (1982–2024)

Figura 1 – Trajetória eleitoral por partido – Prefeitura de Pelotas (1982–2024)



Fonte: Elaborado pelo autor utilizando linguagem *python* (2026).